

# Os Kaingáng

*Ensaio e Pesquisas Kaingáng* é o resultado de um estudo cuidadoso realizado por Maria Júlia Pourchet, Conselheira do antigo CNPI — Conselho Nacional de Proteção aos Índios —, após uma convivência de mais de dez anos entre os Kaingáng, tribo radicada no Sul do País.

A obra começa com uma avaliação do aspecto biopsicológico das crianças índias, através de dois testes gráficos: o teste da árvore e o da figura humana. Maior esforço interpretativo, por parte da autora, mereceu o estudo antropofísico dos Kaingáng, realizado especialmente nos três grupos analisados: os de Palmas e de Rio das Cobras, no Estado do Paraná, e o de Tupã, no Estado de São Paulo. O que, porém, deu maior ênfase a este trabalho, pela atualidade do tema, é a parte que se refere ao uso de métodos anticoncepcionais entre os Kaingáng de Palmas.

*Ensaio e Pesquisas Kaingáng* é um livro que tem fortes credenciais para a leitura por especialistas no assunto e pelos interessados nas complexas questões que envolvem a sobrevivência do indígena no Brasil.

Maria Júlia Pourchet

Ensaio e Pesquisas Kaingáng

# ensaios 100

## Ensaio e Pesquisas Kaingáng

Maria Júlia Pourchet

is ciências sociais ciências sociais ciências soci  
sociais ciências sociais ciências sociais ciências  
cias sociais ciências sociais ciências sociais ciê  
ciências sociais ciências sociais ciências sociais  
ciais ciências sociais ciências sociais ciências so  
as sociais ciências sociais ciências sociais cienc  
ciências sociais ciências sociais ciências sociais  
ais ciências sociais ciências sociais ciências soc  
sociais ciências sociais ciências sociais ciência  
ncias sociais ciências sociais ciências sociais ci  
s ciências sociais ciências sociais ciências socia  
ociais ciências sociais ciências sociais ciências  
cias sociais ciências sociais ciências sociais ciên  
ciências sociais ciências sociais ciências sociais  
iais ciências sociais ciências sociais ciências so  
s sociais ciências sociais ciências sociais cienci  
ências sociais ciências sociais ciências sociais c  
is ciências sociais ciências sociais ciências socia  
sociais ciências sociais ciências sociais ci  
ncias sociais ciências sociais ciências sociais ciê

**Maria Júlia Pourchet**

Ex-Conselheira do ex-Conselho Nacional de Proteção aos Índios —  
CNPI — e ex-Chefe do Serviço de Antropometria do extinto  
Instituto de Pesquisas Educacionais

# ENSAIOS E PESQUISAS KAINGÁNG

(Antropologia Física, anticoncepção e ação indigenista)

Prefácio de Fróes da Fonseca

*Renato Nicolai*

São Paulo, Editora Ática, 1983.

**Capa (layout):**

Ary Almeida Normanha

**Coordenação de Arte:**

Antônio do Amaral Rocha

**Produção Gráfica:**

Elaine Regina de Oliveira

**Preparação dos Originais:**

José Pessoa de Figueiredo

**CONSELHO EDITORIAL**

ALFREDO BOSI, *da Universidade de São Paulo.*

AZIS SIMÃO, *da Universidade de São Paulo.*

FLÁVIO VESPASIANO DI GIORGI, *da Pontifícia Universidade Católica.*

HAQUIRA OSAKABE, *da Universidade de Campinas.*

RODOLFO ILARI, *da Universidade de Campinas.*

RUY GALVÃO DE ANDRADA COELHO, *da Universidade de São Paulo.*

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação  
Câmara Brasileira do Livro, SP

P894e

Pourchet, Maria Júlia.

Ensaio e pesquisas Kaingáng : antropologia física, anticoncepção e ação indigenista / Maria Júlia Pourchet ; prefácio de Froes da Fonseca. — São Paulo : Ática, 1983.  
(Ensaio ; 100)

**Bibliografia.**

1. Índios da América do Sul — Brasil — Política governamental
2. Índios Caingangues 3. Índios Caingangues — Pesquisa I. Título.

CDD—980  
—572.898  
—980.3072  
—980.5

83-1077

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Índios : Características físicas : Etnologia 572.898
2. Brasil : Índios : Política governamental 980.5
3. Caingangues : Índios : América do Sul 980.3
4. Pesquisa : Caingangues : Índios : América do Sul 980.3072

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.  
R. Barão de Iguape, 110 — Tel.: PABX 278-9322  
C. Postal 8656 — End. Telegráfico "Bomlivro" — S. Paulo

**IN MEMORIAM**

*Meus pais,  
Bastos de Ávila,  
Heloísa Alberto Torres,  
Loureiro Fernandes,  
Juan Comas,  
Gerardo Carvalho.*

**HOMENAGEM**

*A todos os Kaingáng com quem convivi em  
Palmas, Rio das Cobras e Tupã.*

PREFÁCIO

Um livro que se possa considerar um clássico de excepcional valor para nós, veio-se de uma sombra de tristeza, não há de se a morte de Alberto Torres, o eminente estudioso da gramática e especialmente sobre o dicionário da importância das contribuições científicas que nos dá a compreensão.

Suprindo o justo não creio possível. Já em São Paulo, em 1928, o professor de língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Dr. Manoel de Moraes, foi o primeiro a publicar o livro.

Maria Júlia Pimentel, em a comissão que, no Distrito de Itapetininga do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo, colaborou com esse livro e a edição de São Paulo.

Desde sempre, há uma preocupação científica e técnica, e preocupação quase obsessiva, de verificação na observação e no método. O amor de estudos e a busca de novos métodos e de novas técnicas, e a busca de novos métodos e de novas técnicas, e a busca de novos métodos e de novas técnicas.

É um livro que se possa considerar um clássico de excepcional valor para nós, veio-se de uma sombra de tristeza, não há de se a morte de Alberto Torres, o eminente estudioso da gramática e especialmente sobre o dicionário da importância das contribuições científicas que nos dá a compreensão.

Deveria eu que não posso deixar de deixar, porém, têm responsabilidades na existência dos índios. Não se compreende que não se faça um estudo de índios, mas que não se faça um estudo de índios, mas que não se faça um estudo de índios.

Na história da cultura, não há o estudo de índios, mas que não se faça um estudo de índios, mas que não se faça um estudo de índios.

Para compreender esse livro, não basta o conhecimento do índio. Este livro resume os resultados de uma pesquisa entre índios Kaingang dos Estados de São Paulo e do Paraná, apreciando os aspectos antropológico, sociocultural e de ação indigenista governamental.

Uma comissão que, no Distrito de Itapetininga do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo, colaborou com esse livro e a edição de São Paulo.

CONSELHO EDITORIAL

- Alfredo de Azevedo, Universidade de São Paulo
- Antônio Carlos de Oliveira, Universidade de São Paulo
- Luís de Albuquerque Maranhão, Universidade de São Paulo
- Luís de Albuquerque Maranhão, Universidade de São Paulo
- Luís de Albuquerque Maranhão, Universidade de São Paulo

MEMBROS

Uma comissão que, no Distrito de Itapetininga do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo, colaborou com esse livro e a edição de São Paulo.

Uma comissão que, no Distrito de Itapetininga do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo, colaborou com esse livro e a edição de São Paulo.

Uma comissão que, no Distrito de Itapetininga do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo, colaborou com esse livro e a edição de São Paulo.

HOMENAGEM

Uma comissão que, no Distrito de Itapetininga do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo, colaborou com esse livro e a edição de São Paulo.

**PREFÁCIO**

*O raro prazer de poder apresentar ao público obra de excepcional valor, para mim, velou-se de uma sombra de tristeza: roubou-nos a morte Heloísa Alberto Torres, a eminente etnóloga, a quem, lógica e naturalmente, cabia o dizer da importância das contribuições científicas que neste livro se compaginam.*

*Suprir-lhe a falta, não creio possível. Disso não me sinto capaz, conhecedor embora da fecunda carreira científica da Autora.*

*Maria Júlia Pourchet, eu a conheci quando, na Divisão de Antropometria do Instituto de Pesquisas Educacionais da antiga Prefeitura do Rio de Janeiro, colaborava com esse santo e silencioso sábio que foi Bastos de Ávila.*

*Pude apreciar-lhe então a capacidade científica e técnica, a preocupação, quase obsessiva, da verdade na observação e no estudo. O amor da exatidão, a acribeia no dizer grego, é traço saliente, é virtude que confere aos seus trabalhos de campo e às suas inferências inestimável valor.*

*É-me difícil salientar, entre as contribuições da Autora à Antropologia, as de maior importância científica ou prática. A mim, impressionam-me, sobretudo, as pesquisas sobre os remanescentes grupos Kaingáng. E, mais ainda, as conseqüências tão diversas, para cada grupo, da interferência da civilização branca na vida tribal.*

*Desejaria eu que tais capítulos os lessem quantos têm responsabilidades na assistência aos indígenas. Neles se comprova que êxito ou fracasso dependem, mais que tudo, da técnica com que do índio se aproxima o branco.*

*No insucesso da aculturação, cabe a culpa à incompreensão, pelos aculturadores, da alma indígena.*

*Para compreender essa alma, não basta o conhecimento livresco da Antropologia. É mister possuir o que nem todos os etnólogos possuem: o poder de sentir o sentimento alheio, de pensar-se no lugar do próximo, de ter essa empatia, sem a qual não pode haver intercâmbio frutífero. É preciso ter em si algo do espírito de um marechal Rondon.*

*Tem-se dito, e com razão, que Ciência e Arte não têm Pátria, embora a tenham cientistas e artistas. Por isso mesmo, quem leu, das grandes figuras da Antropologia hodierna, Ruth Benédikt e Margaret Mead, sente, nas páginas deste livro, o orgulho patriótico de termos quem com elas se pode ombrear.*

*Esta publicação é pois da maior relevância para a cultura do Brasil. Honra à sua Autora!*

## A. FRÓES DA FONSECA

Antropologia é a ciência que estuda o homem em sua totalidade, considerando-o em suas relações com o meio físico e social. O estudo da cultura humana é uma das suas principais áreas de atuação. A antropologia busca compreender a diversidade cultural e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo e do espaço. Este livro apresenta os resultados de pesquisas realizadas com crianças Kaingang em diferentes locais do Brasil, contribuindo para o conhecimento sobre a cultura e o desenvolvimento dessas comunidades.

## SUMÁRIO

IN MEMORIAM, HOMENAGEM .....	v
PREFÁCIO .....	vii
1 OS KAINGÁNG DE SÃO PAULO E DO PARANÁ .....	1
2 SUGESTÕES PARA UM PLANO DE PESQUISA ENTRE ÍNDIOS KAINGÁNG .....	4
3 ASPECTOS BIOPSIOLÓGICOS DA CRIANÇA KAINGÁNG .....	8
3.1 A criança Kaingang em Palmas (PR) .....	9
3.2 A criança Kaingang em Rio das Cobras (PR) .....	14
3.3 A criança Kaingang de Tupã (SP) .....	16
4 ESTUDO ANTROPOFÍSICO DOS KAINGÁNG DE PALMAS .....	18
4.1 Genealogias .....	19
4.2 Caracteres descritivos .....	20
4.3 Dados cefalométricos .....	21
4.3.1 Valores métricos .....	22
4.3.2 Índices .....	25
4.4 Outros dados antropométricos .....	27
4.5 Conclusões .....	33
4.6 Apêndice .....	34
5 ESTUDO ANTROPOFÍSICO DOS KAINGÁNG DE RIO DAS COBRAS .....	35
6 ESTUDO ANTROPOFÍSICO DOS KAINGÁNG DE TUPÃ .....	41

7	VARIAÇÃO MORFOLÓGICA INTERTRIBAL ENTRE TRÊS GRUPOS KAINGÁNG .....	46
7.1	Análise de variação morfológica — Tabelas .....	52
8	USO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS ENTRE OS KAINGÁNG DE PALMAS .....	59
8.1	O problema anticoncepcional entre os Kaingáng de Palmas .....	68
8.2	Apêndice — Descida do leite .....	69
8.3	Glossário .....	71
9	CENSO: POPULAÇÃO E DEPOPULAÇÃO ENTRE OS KAINGÁNG .....	73
10	AÇÃO INDIGENISTA EM TRÊS GRUPOS KAINGÁNG .....	82
10.1	Conclusões .....	86
11	O CNPI E AS COMUNIDADES INDÍGENAS: RETROSPECTO .....	88
	ANEXOS — TABELAS, GRÁFICOS, FOTOS .....	95
	BIBLIOGRAFIA .....	119

## 1 OS KAINGÁNG DE SÃO PAULO E DO PARANÁ

Os Kaingáng constituem um dos maiores grupos indígenas do Sul do Brasil e, não obstante estarem parcialmente integrados (RIBEIRO, 1957), algumas tribos oferecem uma situação particularmente interessante ao antropólogo físico, pois se acham justamente naquele ponto em que suas características raciais precisam ser apreciadas, antes que se percam, como resultado da mestiçagem que já começou a se processar.

As pesquisas de Antropologia Física, com a consideração genealógica do grupo, permitiram uma aferição clara deste processo, que vem afetando a pureza dos dados antropofísicos mais significativos.

Acresce a circunstância de serem os Kaingáng do grupo lingüístico Jê justamente aquele que, por sua posição etnológica, é considerado bom representante da raça paleoamericana (DENIKER, 1926), uma das correntes primitivas do povoamento sul-americano.

Ao estudarmos os três grupos Kaingáng — dois do Estado do Paraná e um do Estado de São Paulo —, tivemos em vista, em primeiro lugar, traçar as genealogias, o que nos foi possível por se tratar de comunidades pequenas, sob o controle do então Serviço de Proteção aos Índios.

Loureiro Fernandes (1941) acha que, apesar de os contatos com o branco terem favorecido a mestiçagem que se vem processando, conseqüência da prática usual entre os Kaingáng de brindar com mulheres os estrangeiros, esta não foi assim tão acentuada, pelo menos até os dias atuais, havendo preponderância de um conjunto de caracteres, que revelam a constância do elemento mongolóide, na formação da população indígena Kaingáng.

Documentos históricos do princípio do século XVIII mostram que a mestiçagem se processou com elementos brancos e também negros.

Estamos, pois, no exato momento da pesquisa dos dados somáticos, sob pena, como já dissemos, de se perderem as características raciais típicas. Baseamos esta afirmação em dados concretos e

objetivos, que resultaram das várias visitas que realizamos, de 1955 a 1966, sob os auspícios do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, como Professora convidada, e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, na qualidade de Conselheira-Suplente.

Nossa pesquisa antropológica constou de apreciação de dados antroposcópicos e antropométricos, na tentativa de uma boa caracterização antropofísica do grupo.

À simples inspeção já se evidenciou em alguns dos indivíduos o fâcies mestiço, lembrando alguns deles até o tipo mulato que encontramos freqüentemente, ou o tipo caboclo do caipira do interior. Ao lado desses, entretanto, aparecem os de típico e característico fâcies mongolóide.

Em linguagem estatística e antropológica, as cousas se evidenciam e se particularizam, mostrando claramente um processo de "abrandamento" daqueles característicos raciais típicos. Os resultados desta aferição numérica e o tratamento estatístico dos dados antropométricos constituirão objeto de capítulos seguintes.

Resta-nos, à luz do que nos foi dado observar, quer no contato pessoal, quer na manipulação dos dados soroantropológicos, recomendar, como uma das urgentes tarefas da Antropologia no Brasil, a pesquisa dos dados somatofísicos de todos os grupos Kaingáng (POURCHET, 1960), na oportunidade de se apreciar um dos grupos mais numerosos do Sul do Brasil, que, depois de uma descaracterização cultural, está na iminência de uma descaracterização racial.

Os Kaingáng, outrora conhecidos como Coroados ou Guainá, pelas últimas estimativas do SPI, citadas por Darcy Ribeiro (1957), contam-se entre 3 e 4 mil, sendo um dos maiores grupos do Sul do País. Considerados integrados, isto é, inteiramente dependentes da sociedade nacional, continuam, entretanto, praticando sua língua original, podendo ser considerados bilíngües. Esta integração é, em verdade, uma forma de acomodação, com alternativas, de um lado, de certo grau de conservação dos atributos culturais tribais, e, de outro, da crescente participação *soi-disant* na vida econômica e no comportamento da sociedade nacional.

O bilingüismo é tanto mais perfeito quanto mais nova é a geração; jovens e crianças entendem os pais na língua nativa e falam, razoavelmente, o português, porque isto se faz necessário.

A antiga denominação de Coroados, dada pelo colonizador branco, pelo fato de cortarem o cabelo em coroa, à moda dos

padres franciscanos, não lhes agradava, o que já havia sido notado por Frei Luís de Cemitille, em 1879; por isso se chamaram Kaingáng, que quer dizer índio, aborígine, "filho da terra". Loureiro Fernandes (1939) assinala, entretanto, que foi Telêmaco Borba quem os chamou Kaingáng, que corresponde à expressão "índio".

A situação de "integrados" dos Kaingáng (RIBEIRO, 1957), considerada a integração como um processo, passagem do grupo tribal a grupo nacional, traz a eles um momento crucial em suas vidas, quando não são mais considerados "índios", ligados e vinculados à vida tribal, mas também não ainda "nacionais". Isto depende da influência das entidades governamentais ligadas à política indigenista, que são os mediadores deste *processus*, de valor real para o índio, não só como indivíduo, mas também como membro de sua comunidade.



## 2 SUGESTÕES PARA UM PLANO DE PESQUISA ENTRE ÍNDIOS KAINGÁNG

Heine-Geldern (1957), em uma publicação sobre as tarefas urgentes da Antropologia, chamava seu artigo de "The tragedy of Anthropology", pelo fato de ser ele um brado de alerta aos antropólogos, que, em muitos casos, estão chegando tarde demais a campos de pesquisa que já deveriam ter merecido atenção. Este brado de alerta, do Secretário do Comitê Internacional para Pesquisas Urgentes de Antropologia e Etnologia, parece-nos definir, perfeitamente, a situação das pesquisas de Antropologia Física entre índios do Brasil.

Talvez já estejamos chegando tarde... mas ainda é tempo de se fazer muita coisa...

Um levantamento das pesquisas antropofísicas entre índios brasileiros mostrou ser reduzidíssimo o número de contribuições, não obstante o vasto e avantajado campo que se oferece à pesquisa (1950). Por outro lado, faz-se mister e urgente a "determinação quantitativa e qualitativa da ação exercida por fatores hereditários e ambientais, sejam eles mutação, seleção natural ou tendência genética, sobre a variabilidade dos indígenas contemporâneos, a fim de compará-los com o material ósseo pré-histórico de que se dispõe", como recomenda Juan Comas (1961), ao focalizar as tarefas da Antropologia Física, face ao apaixonante problema do povoamento do continente americano.

Urge também a pesquisa aplicada da verificação das consequências, negativas ou positivas, no terreno biológico, da passagem do selvícola, da ordem tribal à nacional, por processos de integração ou assimilação, que já tenham sido analisados pelo antropólogo cultural.

Daí advogarmos sempre o estudo das relações entre os campos biológico e cultural, quando divulgamos em pequena monografia (POURCHET, 1942) as idéias de Boas, Hooton e Ashley-Montagu, continuadas em publicações mais recentes de Dobzansky (1950) e Washburn (1963).

Um terceiro aspecto, aliás bastante sedutor, seria o que se refere à investigação das possíveis relações ou correlações entre características lingüísticas e biológicas, questão recentemente levantada em provocativo artigo de Edmonson (1965) e que mereceu de Comas (1965) um comentário incisivo, digno de meditação: "The existence of relations and even correlations between linguistic and biological characteristics is evident in *certain cases*, but not always". E, mais adiante: "In conclusion, I believe it would be extremely important to many physical anthropologists to know what reliability and exactitude, given the present state of glottochronology research, may be conceded this technique as applied to problem of racial origins and relationships" (COMAS, 1965, p. 194).

Desde 1955, ao iniciarmos com Loureiro Fernandes a pesquisa entre os Kaingáng, um dos maiores grupos Jê do Sul do País, tivemos em vista a pesquisa desta possível correlação, que deveria ser continuada não só entre os demais grupos Kaingáng, como também entre outros grupos Jê, dos quais os Xokleng seriam os de mais imediato interesse. Eles são considerados remanescentes de um subgrupo Kaingáng, num processo de população (da pacificação a nossos dias, caíram de 800 para 189), além de constituírem um dos três únicos casos de grupos, que saltaram da condição de isolados a integrados (RIBEIRO, 1957).

Resta-nos assinalar ainda quão interessante poderá ser a contribuição da Genética Humana ao estudo dessas populações, das quais o antropólogo cultural poderá fornecer informações seguras sobre parentesco, para análise de dados genéticos, tornando possível aquele tipo de pesquisa de que nos fala Salzano (1963), dos mecanismos responsáveis pela variabilidade genética em populações: estudos de comunidades, com a devida consideração da "dinâmica gênica". A presença do geneticista — trazendo ao antropólogo físico a contribuição moderna dos estudos de população e recebendo dele a análise morfológica, métrico-descritiva, dos fenótipos — enriqueceria o aspecto biológico geral e elucidaria muitas questões de variabilidade e adaptabilidade que só em pequenas comunidades podem ser mais bem avaliadas.

Parece-nos permitido concluir, do que acima foi exposto, que, apesar de estarmos chegando um pouco tarde, não é, entretanto, tarde demais... Nossa experiência com os Kaingáng (1955, 1959, 1963 e 1966) mostrou a necessidade de urgentes pesquisas, que tivemos ocasião de encarecer em publicação enviada ao Interna-

tional Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research (POURCHET, 1960).

Os Kaingáng estão se cruzando com negros, mulatos, caboclos, cafuzos, portugueses e índios não-Kaingáng. O processo de mestiçagem vem afetando os caracteres antropológicos mais significativos numa apreciação de traços paleomongolóides. À profunda descaracterização lingüística e cultural seguir-se-á a biológica.

Pesquisadores de vários campos, entretanto, já os estudaram, o que significa um privilégio do grupo. Assim, Teschauer (1906) e Telêmaco Borba (1908b) publicaram, o primeiro em *Anthropos* e o segundo na *Revista do Museu Paulista*, notas sobre os Kaingáng do Rio Grande do Sul e do Paraná, respectivamente.

Ploetz e Metraux (1930) comentaram, em publicações, dados sobre "A civilização material e a vida social e práticas religiosas dos índios Jê do Brasil Meridional", e Baldus (1937) dava à publicidade dados lingüísticos e etnológicos sobre os Kaingáng do Paraná. Maior abundância de dados, porém, foram os publicados sobre os de Palmas, por Loureiro Fernandes (1939), na *Revista do Museu Paranaense*, quando iniciou sua série cíclica de visitas ao Posto Fioravante Esperança, o que lhe vale ser hoje a maior autoridade no que se refere ao conhecimento dos mesmos.

Em recente publicação, Darcy Ribeiro (1957) assinala três divisões principais do grande grupo Kaingáng: os do Estado de São Paulo, únicos ainda isolados, em 1900, e pacificados, em 1910, pelo SPI, somam menos de 100 indivíduos e vivem no Posto Icatu; os Kaingáng meridionais, que contam mais de um século de convívio com a civilização, vivem em diversos postos e toldos do SPI nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; finalmente os Xokleng, de Santa Catarina, que constituem a terceira divisão.

No campo da Antropologia Física e da Genética Humana, os Kaingáng também podem ser considerados privilegiados, pois são muito escassas as pesquisas sistemáticas entre indígenas brasileiros, como Bastos de Ávila teve ocasião de assinalar em sua contribuição ao *Handbook of South American Indians* (1950, v. 6).

Dentro desta exigüidade de dados, porém, já se contam dados referentes a grupos sanguíneos (Sistemas ABO, MN, P, Rh, Kell e Fator Diego), tipos de hemoglobina para os Kaingáng do R. G. do Sul (SALZANO, 1961); dados relativos a dermatoglifos digitais e palmares, recolhidos por Loureiro Fernandes e interpretados por Monique de Lestrage (1954); sensibilidade a PTC, visão de

cores e grupos sanguíneos por Loureiro Fernandes (1954), Junqueira, Kalmus, Ottensooser, Pasqualini e Wishart, psicodiagnóstico miocinético de Mira y Lopes e aplicação de testes de Rorschach, por Baldus, Ginsberg (1947) e Menezes (1953).

As características morfológicas foram estudadas por Salzano (1961c) e Rocha (1971), com duplo interesse para antropólogos e geneticistas; por Loureiro Fernandes (1939) e Pourchet (1963a) dados morfológicos, fisiológicos e descritivos; dados de Salzano (1961) para os Kaingáng do R. G. do Sul, referentes à inserção do lóbulo da orelha, hiperextensibilidade distal do polegar, direção da espiral do cabelo, pêlos nas falanges médias, tamanho do indicador em relação ao anular e ainda pesquisa de algumas características genéticas raras (polidatilia, albinismo, vitiligo etc.).

Urge, entretanto, a pesquisa genético-antropológica dos Kaingáng, nos moldes do modelo misto que propusemos ao seminário de antropólogos e geneticistas, por ocasião da 6.<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia (SP, 1963), quando enfatizávamos aquele aspecto interdisciplinar da pesquisa de genética de populações e onde se pronunciaram, sobre o mesmo tema, Salzano (1963) e Saldanha (1963).

Por outro lado, não quisemos deixar de introduzir e de dar valor à utilização do critério genealógico, que, com tanta felicidade, utilizamos em pesquisa com Loureiro Fernandes, entre os Kaingáng de Palmas, Paraná.

As observações genético-antropológicas feitas em indivíduos de pura ascendência Kaingáng seriam seguidas de observações nos produtos de cruzamento com neobrasileiros e portugueses, com a devida consideração das causas que estão apressando a mestiçagem e que decorrem muito mais do processo de integração do que da prática, outrora usual entre os Kaingáng, de brinde de mulheres aos estrangeiros, citada por alguns etnólogos que os visitaram (PLOETZ & METRAUX, 1930).

Nossas sugestões, baseadas na experiência de algumas visitas aos Kaingáng, levam também a uma pergunta: "Por que não se fazer enquanto é tempo a aferição deste processo de descaracterização biológica, com todas as suas implicações, tal como se vem fazendo em relação às descaracterizações cultural e lingüística?"

### 3 ASPECTOS BIOPSIOLÓGICOS DA CRIANÇA KAINGÁNG

No presente capítulo é a criança Kaingáng que vai ser focalizada, num aspecto biopsicológico, que, entretanto, desejaríamos fosse muito mais completo.

Ela não foi objeto das observações antropofísicas gerais, porque nosso objetivo estava muito mais voltado para os indivíduos adultos, que, já em número reduzido, por motivos óbvios, deveriam merecer prioridade em nossa pesquisa. Entretanto, não pudemos ficar indiferentes à situação da criança nos três grupos e, mesmo, compará-la nos seus comportamentos face ao grupo e em suas diferentes reações, físicas e psicológicas: estado de nutrição, atividades naturais e, até, sua reação a um visitante que lhe solicitava provas inteiramente novas.

Em 1962, tivemos ocasião de divulgar (POURCHET, 1962) algumas impressões sobre a criança Kaingáng (Palmas). Achamos que devíamos reproduzi-las, para termo de comparação com as demais comunidades estudadas, e desta comparação tiraremos ilações, possivelmente úteis, para a própria criança.

A criança de Palmas nos chamou logo a atenção pelo débil aspecto físico e pela pouca atividade mental revelada. Vale dizer, entretanto, que, ao nascer, é de aspecto sadio e bem nutrida; vários bebês de 2 e 3 meses deram-nos impressão de higidez. Depois dos 3 anos, porém, esta impressão é bem diferente, e começam a se evidenciar os sinais carenciais de uma alimentação deficiente e viciada.

Essas considerações nos foram sugeridas na ocasião, 1957, quando o tema central, proposto pela Assistência Técnica das Nações Unidas, em campanha em prol da criança, foi precisamente: "A criança precisa de proteínas", tendo em vista mobilizar esforços mundiais, em favor da criança que apresenta *deficit* exagerado de valores protéicos, em seu regime alimentar. A campanha produziu, estamos certos, benéficos efeitos. Não ignoramos que grande número de crianças das grandes cidades se apresentam

em estado carencial, e nós mesmos tivemos ocasião de verificar, em morros e favelas do Rio de Janeiro, o elevado grau de subnutrição de quase 50% da população infantil.

Nosso pensamento se volta com freqüência para aqueles lindos bebês Kaingáng, e nos ocorre a lembrança de que, em breve, por várias deficiências alimentares, apresentarão eles os estigmas clássicos da subnutrição.

#### 3.1 A criança Kaingáng em Palmas (PR)

Em 1959, visitamos, pela segunda vez, a comunidade Kaingáng de Palmas, agora, com o objetivo não só de continuar as pesquisas iniciadas em 1955, sob os auspícios do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, como também de observar melhor a criança Kaingáng. Fomos então levada a uma pesquisa mais profunda, utilizando um meio indireto de observação, qual o de um rápido inquérito alimentar e a aplicação de alguns testes gráficos. Nosso elemento intermediário foi Margarida Maria, uma menina de 8 anos, que, como criança, teve um contato mais fácil com os pequenos indiozinhos da comunidade, que vinham ao posto, acompanhando os pais. Depois de uma conversa bem amistosa, de criança para criança, permitida pela condição bilíngüe das crianças Kaingáng, seguida de uma troca de guloseimas (balas e biscoitos), Margarida Maria pedia-lhes que lhe dissessem o brinquedo preferido, dizendo-lhes ela qual o de sua preferência. Em seguida, havia o reconhecimento de três objetos e de três cores. Finalmente, as perguntas seguintes se referiam a temas mais abstratos e reveladores do senso estético: qual a palavra da língua Kaingáng de que mais gostava e qual o canto que mais lhe agradava cantar ou mesmo ouvir. Um detalhe interessante foi o que se referiu ao número de padrinhos, verificando-se que, com grande facilidade, e mesmo com certa vaidade, era revelado quantos tinham.

Depois de entabulada esta conversação preliminar, a criança se sentia bem à vontade para continuar a informar; faziam-se então as perguntas de maior interesse para o objetivo que tínhamos em vista: 1) o que é que você costuma comer? 2) o que você gosta mais de comer?

Dois testes gráficos foram aplicados: um referente ao desenho da figura humana (GOODENOUGH, 1926) e o do desenho da árvore (KOCH, 1949) visando a uma aferição, através do grafismo, dos níveis mental, social e cultural, bem como à avaliação da personalidade (BELL, 1948).

No primeiro, no qual se pede que o indivíduo desenhe a figura humana, a avaliação da inteligência é feita pela análise dos pormenores acertados que a prova apresenta.

O teste da árvore, que é também uma prova projetiva, foi iniciado pelo orientador vocacional Emil Jucker, que, baseado na história das culturas e, mais especialmente, dos mitos, chegou à conclusão de que havia uma analogia entre a história da humanidade e a representação do desenho da árvore. Hermann Hiltbrunner dizia: "Há uma semelhança entre a forma geral da árvore e a forma humana, e uma analogia entre a evolução humana e a evolução do crescimento da árvore". É este teste baseado também no grafismo, e, conquanto não deva ser aplicado isoladamente, uma série de experiências tem mostrado paralelismo entre o resultado do teste da árvore e a maioria dos testes gráficos (LEÃO, Heloísa Carneiro, 1955).

Segundo autores da especialidade, os dois testes acima referidos podem ser psicodiagnósticos da personalidade. John Bell (1948) diz que foi Freud quem utilizou o termo "projeção" pela primeira vez. A projeção das percepções interiores para o exterior é um mecanismo primitivo que, entretanto, influi sobre nossas percepções sensoriais, de tal modo que, normalmente, desempenha o principal papel, na configuração de nosso mundo exterior. Em condições que ainda não foram suficientemente estabelecidas, constantemente as percepções interiores dos processos ideativos e emocionais são projetadas para o exterior como percepções sensoriais e são usadas para determinar o mundo exterior, embora pertençam, em rigor, ao mundo interior (BELL, 1948).

As técnicas projetivas dão uma amostra da conduta individual, suficientemente expressiva e com relativa brevidade, para serem utilizadas não só clinicamente, mas também como instrumento estimulante para provocar uma série de respostas do examinando; enfim, controlam um maior repertório de respostas, no menor tempo possível.

Margaret Mead (1946, p. 667-706), em suas pesquisas com crianças "primitivas", aconselha a técnica projetiva, desde que seja considerado, principalmente, o papel da cultura, sem apreciação de tipos isolados de comportamento, semelhantes ou diferentes dos nossos, mas que façam parte do padrão cultural.

Quanto mais simples a situação em que as crianças são solicitadas, mais probabilidade há de que as reações ao teste revelem muito do padrão cultural.

A psicologia da personalidade obteve apoio dos antropólogos culturais, pois há um íntimo entrosamento entre os dois campos e o conhecimento das determinantes sociais e culturais da personalidade. Enquanto a Antropologia Cultural tem como principal objeto descrever e interpretar as culturas, a Psicologia tem como meta o exame do impacto das diferentes circunstâncias sobre a personalidade do indivíduo, tais como pressões ou influências do grupo etc. (BELL, 1948, p. 20-4).

Para Noyes (1934), a projeção é um mecanismo de defesa, que ele chama mesmo de "estabilizador automático", pelo qual são exonerados os elementos que são penosos para o *eu*, os aspectos indesejáveis da personalidade, que, sabemos, não é um fenômeno superficial, mas profundo. Dela, alguns rasgos são observáveis, mas outros são ocultos não só ao mundo exterior, como também ao próprio indivíduo: são as áreas inconscientes. Parte da função das técnicas projetivas é explorar a natureza destas áreas; daí sua utilização crescente em análises culturais, sociais, raciais etc.; também na orientação educacional e vocacional, na seleção militar e em estudos do desenvolvimento da personalidade normal (BELL, 1948, p. 25).

*Teste da árvore* — O *Baum-Test* foi apresentado em 1949, por Karl Koch, conhecido psicotécnico e orientador profissional de Lucerna; serve para o diagnóstico do caráter e do desenvolvimento em indivíduos, dos 5 anos até a idade adulta, e tem aplicação no campo da Educação, da Orientação Vocacional, em Psicoterapia. É um teste projetivo e, como tal, permite a exploração da personalidade através da interpretação simbólica do espaço e das imagens utilizadas no desenho. Segundo Jung, a figura da árvore exprime uma imagem inconsciente coletiva, um arquétipo ou símbolo do inconsciente coletivo que, como tal, aparece, uma e outra vez, ao longo da História, desempenhando um grande papel nos mitos, nos cultos, na literatura, nos sonhos... A árvore tem diversos valores arquetípicos: a) simboliza a mãe geradora, a mãe que amamenta, tanto como a Árvore da Vida; b) simboliza também a libido (energia psíquica); c) a madeira do caixão, a morte, em sua relação, porém, com o significado gerador primitivo (BELL, 1948, p. 496).

Koch usou o teste para estudo do desenvolvimento da personalidade, mas, atualmente, mais do que em seu tempo, ele é utilizado para entender a personalidade e a atitude mental dos adultos, em diversas culturas. Foi o que realizaram Ghidinelli e Terranova (1974), em recente pesquisa entre os Pokoman, da Guate-

mala. "Our study is a close collaboration among Psychology, Sociology and Anthropology aimed at discovering the attitudes of the individuals, who comprise a cultural group, for it is from the totality of individuals attitudes that the characteristics of group arise".

Os resultados da pesquisa entre as crianças de Palmas, em seu aspecto de inquérito alimentar e de aplicação de testes projetivos, serão agora apresentados, seguidos dos obtidos com as crianças Kaingáng do Rio das Cobras e, finalmente, com os das de Tupã, numa tentativa de comparação dos três grupos, em seus elementos constantes e à luz de suas circunstâncias variáveis; numa tentativa de interpretá-las, nosso único e pertinente objetivo foi beneficiar, levantando o interesse, a criança índia, de comunidades geográfica e culturalmente distantes.

As respostas ao inquérito alimentar já nos deram logo uma idéia do regime, deficiente quanto à qualidade, faltando-nos dados referentes à quantidade. Em relação às preferências alimentares, o arroz (!) e o feijão se situam nos primeiros lugares, seguidos pela batata. Nem uma só vez foram mencionados como alimentos preferenciais o leite ou a carne, dois alimentos protéicos por excelência, o que nos surpreendeu. Por que razão não apreciam mais a carne ou o leite? Seria o pouco uso dos dois alimentos que os levaria a nem desejarem mais os mesmos? Das frutas, a banana foi a que apareceu com mais freqüência, pelo fato de ser adquirida pelos pais nos mercados mais próximos; entretanto não foi o alimento preferido por nenhuma criança, o que também nos surpreendeu. Foi decisiva a preferência pelo arroz, seguida do feijão e da batata. Os ovos não foram mencionados uma só vez. A carência protéica é evidente, e só o feijão salva a situação — e graças a Deus o faz —, pois até na preferência alimentar ele foi citado em segundo lugar.

Procuramos relacionar esta carência alimentar geral, e a protéica em particular, com uma série de circunstâncias que nos foi possível observar, e verificamos que algumas enfermidades ocorrem com freqüência e que a elas estão intimamente relacionadas. São comuns, entre as crianças, estatura diminuída, retardamento ou pouca vivacidade mental, posição corporal defeituosa, diarréias crônicas, panículo adiposo reduzido, *scapulae alatae*, infecções intestinais, às vezes, osteomalacias etc.

Para a avaliação dos níveis mental, cultural e social, utilizamos os dois testes gráficos acima referidos, e os resultados confirmaram aquela nossa primeira impressão: uma certa apatia e retardamento

de crianças que, num regime carencial, não podiam fazer mais do que faziam. Curioso, entretanto, foi verificar que essas crianças, quando eram favoráveis as condições, tais como em relação a alguns indivíduos (caso de duas crianças que viviam em constante contato com o posto indígena e que, por isso mesmo, se beneficiavam de maior assistência alimentar), apresentavam um aspecto bem mais saudável. Não foram, porém, muito favoráveis, mesmo nesses indivíduos, as reações da personalidade nem a atitude mental, expressas pelo resultado dos dois testes gráficos.

Os resultados do teste da figura humana (GOODENOUGH, 1926 e MACHOVER, 1949), foram baixíssimos, o que nos deixou positivamente alarmada, mas nem por isso menos certa de que tremendas deficiências sócio-econômicas do grupo devem ser responsabilizadas por esse estado de coisas. O grupo Kaingáng de Palmas está vivendo um drama em seu aspecto cultural. Há abandono da criança, conseqüente ao abandono em que seus pais estão vivendo também. Mas só isso é assunto para outra pesquisa...

O abandono da criança se reflete também no resultado do teste da árvore (KOCH, 1949). Verificou-se que determinados dados se cristalizavam e podiam ser indicativos dessa ou daquela característica da personalidade. Analisadas as diferentes formas de traçado desse teste, encontramos, como mais freqüentes, as seguintes reações, que nos pareceram mais significativas:

- Inibição — 9 casos
- Incapacidade de expressão gráfica — 13 casos
- Insegurança — 9 casos
- Retardamento mental (estereotipias, automatismos etc.) — 6 casos
- Pressão do grupo, necessidade de expansão — 4 casos
- Excessiva sensibilidade — 4 casos
- Ansiedade — 2 casos
- Agressividade — 1 caso

A inibição e a insegurança foram os traços mais típicos das personalidades dos indivíduos, sendo de se notar que, entre os elementos do sexo masculino, ainda mais acentuada foi a freqüência deles. O retardamento mental, revelado pelas estereotipias e automatismos, veio revelar plena concordância com os resultados do teste da figura humana (GOODENOUGH, 1926 e MACHOVER, 1949).

Níveis de maturidade mental não atingidos, nas idades em que normalmente ocorrem, falam, sem dúvida, a favor de uma causa orgânica, no caso, ocasionada por um estado nutritivo ca-

rencial. Ocorrem-nos, então, os conceitos de Sherbon (1934 — *The child*. p. 486), que explicam a influência da subnutrição sobre os diferentes níveis de maturidade no desenvolvimento mental e no comportamento: "Nutrition is his outstanding need for the growth and completion of his body, including the brain and nervous system, There is some evidence that nature protects the nerve structures by withdrawing selectively from the blood stream the necessary factors for the formation of the nucleoproteins and others constituent of the nervous mechanism. The brain and nervous system are the last to show disintegration during most types of malnutrition and food shortage. This does not mean that functional impairment and developmental retardation or distortion may not result from metabolic imbalance or *that this may not react unfavourably upon the mental and emotional organization of behaviour*".

### 3.2 A criança Kaingáng em Rio das Cobras (PR)

As crianças Kaingáng de Rio das Cobras merecem também a atenção que já havíamos dispensado às de Palmas, em relação aos dois aspectos citados. Aplicamos também aqui os dois testes de técnica projetiva — o da árvore e o da figura humana; é digno de nota o que nos foi dado observar em relação ao grupo em si, como também comparado com os resultados da aplicação às crianças de Palmas.

A situação do Posto Indígena Interventor Manoel Ribas, próximo ao Rio das Cobras, é muito melhor, e o grupo recebe, por intermédio dele, orientação e atendimento muito mais cuidadosos, que permitem às crianças alimentação mais farta e assistência educacional mais efetiva. Assim é que o posto mantém uma escola para os meninos índios, que nela convivem, entretanto com três crianças não-índias, filhos de dois funcionários do posto, um dos quais é o próprio encarregado, Sr. Raul Bueno. Um outro funcionário da família Bueno, Sr. Reinaldo, filho do encarregado, é o professor da escola onde os três primeiros níveis primários são lecionados. Por outro lado, uma pesquisadora do Summer Institute of Linguistics vem utilizando a cartilha Kaingáng — *To Ke Jè!* — de que já foram publicados dois números (1963) e que tem facilitado muito o ensino da leitura para os principiantes. Temos dela um exemplar e acompanhamos de perto a atividade da referida pesquisadora, Dra. Ursula Wiessemann, em cuja casa nos hos-

pedamos e que foi para nós excelente informante sobre a vida da comunidade.

No Rio das Cobras, a alimentação é muito mais substancial que em Palmas, o que é justificado pelo fato de o posto ter lavoura, criação de gado vacum e suíno, além de criação de galinhas, e ainda a vantagem de empregar alguns índios como assalariados.

Nosso inquérito alimentar revelou os seguintes alimentos como usuais entre eles: feijão, fubá, quirera (milho socado, depois cozido), milho verde, pinhão cozido (às vezes passado no monjolinho), batata-doce, abóbora; frutas do mato: uvaia, gabirolva, pitanga; legumes do mato; urtiga; carne de porco, de galinha, às vezes de vaca (quando há matança do gado do posto), de rato (!), de irara, de coelho, cutia, de capivara, de paca, de porco-do-mato e de pequenas e médias aves da redondeza, que conseguem apanhar com "setra" (uma espécie de atiradeira, que é uma forquilha de galho e pedaços de pneu velho); o tatu (menos o de rabo mole), quati e animais ferozes e maiores, que caçam, às vezes, com armas negociadas com brancos da redondeza. Alimentam-se também de ovos e peixes, estes pescados no Rio das Cobras e afluentes próximos. Já usam broas e alguns biscoitos à base de farinha de milho moída em pilões primitivos ou no moinho da casa do posto.

As crianças são de aspecto relativamente sadio; e, ao que soubemos, as doenças mais graves são as diarréias e verminoses (excepcionalmente, encontramos dois casos de crianças, um menino e uma menina, portadores de epilepsia, filhos do mesmo casal, um índio e uma neobrasileira).

De modo geral, são crianças com as reações da vivacidade própria da idade, e algumas eram bem diligentes, como os dois meninos que ajudavam a Dra. Wiessemann em seus afazeres caseiros ou nos afazeres de carregar água e limpar o terreno em volta de sua casa. Os bebês, de aspecto sadio, são risonhos, principalmente depois de alimentados ao seio materno, apesar de incomodamente transportados a grandes distâncias, com o típico dispositivo em rede, que é preso à cabeça da mãe ou das irmãs mais velhas.

Os resultados dos dois testes foram também mais compensadores que os de Palmas, embora ainda verificássemos haver muita atitude de inibição, alguns casos de agressividade e de ânsia de expansão ou de aprovação pelo grupo. Apenas dois casos de hostilidade ao grupo, em adolescentes do sexo masculino.

### 3.3 A criança Kaingáng de Tupã (SP)

Para a análise das crianças de Tupã, vale lembrar aqui a situação do posto, num Estado (São Paulo) em que a industrialização atinge mesmo os rincões mais longínquos, como o local do posto, que sente seu impacto refletido nas atitudes dos adultos e das crianças.

Também aqui preocupou-nos, de início, o atendimento alimentar da criança: Tupã foi, sem dúvida, o grupo que mais evidenciou este cuidado, através da ação do posto indígena, sintetizado principalmente na influência exercida por D. Elita Simões, esposa do encarregado, Sr. Itamar Simões, e também funcionária do posto. Como professora, assistente social, ajudante de enfermeira, instrutora de Artes Domésticas e de Recreação, organizadora de festas e competições, enfim a pessoa ideal para exercer ação junto a uma comunidade indígena cujo trabalho acompanhamos de perto e que desejamos aqui, com justiça, encarecer.

Como, além de intensa e produtiva cultura de amendoim, há uma lavoura bem cuidada, distribuída e controlada pelo posto, a situação alimentar é boa e as crianças se beneficiam dela desde casa, com os pais, até a escola, para onde o Serviço de Merenda Escolar do Estado de São Paulo envia milho para canjica, massas, leite de soja, farinhas etc., que, com os legumes da horta, permitem uma distribuição de sopa ou mingau, bastante substanciosos, enriquecidos com leite e ovos, também fornecidos pelo posto.

Um fato muito positivo é também a educação e instrução que recebem na escola: aulas por métodos modernos, recreação, trabalhos manuais, tudo com os recursos de que dispõe o posto e encontráveis na redondeza, proporcionados pela habilidade e dedicação de D. Elita. É de se notar ainda que a referida funcionária se preocupa com seu próprio aperfeiçoamento profissional, frequentando cursos do Centro do Professorado Paulista, ministrados em Tupã, e o Curso de Conservação de Solos, proporcionado pela repartição agrícola local.

Faz-se mister registrar aqui a organização de um teatro infantil, com fantoches feitos pelos próprios alunos índios, onde foi, também por eles, interpretada uma peça relacionada com a vida da comunidade e onde pôde ser feita uma observação das expressões e relações individuais e do grupo. Os resultados anotados por D. Elita foram por nós examinados e constituem, a nosso ver, excelente psicodrama infantil! Não é de se estranhar, pois, que o aspecto físico e algumas reações mentais (não todas)

se tenham apresentado diferentes dos das crianças de Palmas, principalmente, e também das de Rio das Cobras. Houve, também, contato muito fácil, que permitiu uma observação das reações psicológicas à situação nova que se criava frente à pesquisadora, uma presença estranha, embora cordial.

Além das assistências alimentar e educacional, cumpre-nos registrar o atendimento médico das crianças, que recebiam todo tratamento necessário e possuíam ficha sanitária individual, onde eram anotados vermífugos e as vacinas que lhes eram aplicados.

Aqui, também, e até com mais razão, aplicamos as técnicas projetivas — desenhos da figura humana e da árvore — para uma avaliação dos elementos do grupo em si e em cotejo com os dos outros dois grupos. Os resultados desta apreciação foram, até certo ponto, um pouco diferentes dos que esperávamos em relação ao grupo de Rio das Cobras. Foi assim que chegamos aos seguintes resultados: poucos casos de inibição; poucos casos de insegurança; vários casos de problemas de adaptação; poucos casos de agressividade.

Em comparação com os outros dois grupos, os de Tupã situaram-se em posição intermediária; em melhor situação, relativamente aos resultados dos dois testes, ficaram os de Rio das Cobras. Quanto ao estado de nutrição, os de Palmas estiveram em pior situação, seguidos dos dois outros, que apresentaram, ambos, melhor estado nutricional das crianças e, conseqüentemente, melhor assistência alimentar.

Cabe-nos a análise final da pesquisa, e as conclusões que nos são permitidas concentram-se na eficiente ação e influência do posto indígena que, através das providências para orientação dos índios, favorece a economia e melhora o comportamento do grupo.

Quando, nas Nações Unidas, foi proposto por Henri Laurentis, em 1957, o significativo *slogan* "A criança precisa de proteínas", ocorreu-nos lembrar que as necessidades básicas alimentares mínimas devem ser proporcionadas não só à criança dos grandes centros citadinos, como à dos meios rurais e à das comunidades indígenas, afastadas pelas distâncias geográficas e culturais.

#### 4 ESTUDO ANTROPOFÍSICO DOS KAINGÁNG DE PALMAS

Em 1955, depois de ministrarmos um curso de Antropometria no Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, a convite de seu diretor, Prof. Loureiro Fernandes, visitamos o Posto Fioravante Esperança, do Serviço de Proteção aos Índios, no município de Palmas, onde entramos em contato com os Kaingáng, que há muito vêm sendo objeto de observações por vários pesquisadores.

Em 1959, ainda em companhia de Loureiro Fernandes, voltamos novamente a Palmas e ao Posto Fioravante Esperança, onde colhemos mais dados antropofísicos em indivíduos do sexo feminino e fizemos revisão de elementos do sexo masculino, conseguindo perfazer um total de 77 fichas de indivíduos adultos, dos quais 35 do sexo masculino e 42 do sexo feminino.

Utilizamos, para a pesquisa, a ficha que o Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná acaba de adotar oficialmente e que é calcada na de modelo 4, do Museu Nacional, com pequenas modificações e alguns acréscimos.

Adotamos, outrossim, a técnica de Martin, tendo em vista possibilitar comparações futuras e nos enquadrando, assim, num critério de standardização, pela qual tanto nos batemos e com a qual sonhamos para as pesquisas de Antropologia Física.

Na presente comunicação serão analisados vários caracteres descritivos e alguns dados antropométricos; os dados fisiológicos foram tomados pelo Prof. Loureiro Fernandes e pelas suas assistentes, que deverão encarregar-se da análise e das interpretações dos resultados.

Nosso primeiro cuidado na apreciação dos indivíduos foi em relação aos dados genealógicos. A favorável situação do grupo, ainda relativamente homogêneo, pouco numeroso e sob o controle do Serviço de Proteção aos Índios, permitiu-nos dados bastante seguros em relação às genealogias.

Assim, os indivíduos foram seriados, para a análise e interpretação dos dados, de acordo e em relação a este critério, de modo que em nossas séries (masculina e feminina) os primeiros indivíduos seriados são Kaingáng "puros", de pais e avós Kaingáng; seguem-se os de um ancestral não-Kaingáng, depois dois, e assim por diante.

Neste capítulo, apenas alguns itens foram estudados, por terem sido tão numerosos os dados colhidos, que o estudo de todos eles e das relações e índices que deles decorrem forneceriam material para uma verdadeira monografia sobre a Antropologia Física dos Kaingáng.

Analizamos os seguintes caracteres descritivos: cor da pele, cor da íris, tipo e cor do cabelo, obliquidade da fenda palpebral, presença das pregas mongólica e marginal, pilosidade, forma do crânio, em norma vertical, e da face, em norma frontal.

Dos dados antropométricos, mereceram prioridade: os relativos à cabeça, os diâmetros cefálicos (ântero-posterior e transversal), a altura auricular da cabeça, o perímetro cefálico, a capacidade crânica, os diâmetros biorbitais (interno e externo), a altura e largura do nariz, o diâmetro bucal máximo e a altura bilabial, o diâmetro bizigomático, as alturas faciais (morfológica e superior), o diâmetro bigoníaco, bem como os principais índices que decorrem das relações entre eles: os índices cefálicos (horizontal e vertical), o biorbitário, o nasal, os faciais (morfológico e superior) e o de prognatismo.

Os demais dados antropométricos considerados foram: peso, estatura, envergadura, altura tronco-cefálica, diâmetros (biacromial e bicristilíaco), perímetros (torácico, pélvico e da panturrilha), comprimento total dos membros (superior e inferior), comprimento da mão, altura e comprimento do pé, além dos índices córmico, crucial, de Manouvrier, de Kaup e rádio-pélvico.

##### 4.1 Genealogias

Os Kaingáng de Palmas deram-nos a impressão de grande homogeneidade em seu aspecto físico. Para uma confirmação desta nossa impressão, utilizamos o critério genealógico, e por ele seríamos nossas fichas de observação. Assim, aqueles descendentes de pais e avós Kaingáng, portanto Kaingáng puros, eram: do sexo masculino, 35, e do sexo feminino, 42 indivíduos. Os demais indivíduos revelavam, em suas genealogias, interferência de elemento branco (português, na maioria dos casos) e de elemento



negro. Essa interferência, porém, pouco afetou a homogeneidade física do grupo, como se poderá verificar da análise que faremos adiante.

#### 4.2 Caracteres descritivos

*Pele* — Para a avaliação da cor da pele, utilizamos a escala Kruse-Fróes, já bem conhecida dos pesquisadores brasileiros e da qual existe cópia em vários serviços especializados, tendo sido elaborada inicialmente por Fróes da Fonseca, quando de suas pesquisas no Laboratório do Museu Nacional. Seus valores vão de 1 a 8, abrangendo as tonalidades mais encontradas em nosso meio e que são: 1) branco-pálido; 2) branco-rosado; 3) branco-queimado; 4) branco-amorenado; 5) branco-trigueiro; 6) pardo-claro; 7) pardo-escuro; 8) preto.

Quase todos os indivíduos do sexo masculino apresentaram as tonalidades 5 e 6, e apenas um elemento com a tonalidade entre 6 e 7. Nos elementos femininos, apenas um apresentou tonalidade entre 4 e 5, três outros com pele 6 e 7, os demais com a dominância das tonalidades entre 5 e 6.

*Olhos* — Foi ainda a escala Kruse-Fróes, que apresenta também tonalidades referentes a olhos, a que utilizamos na avaliação da cor dos olhos. Nela, as tonalidades vão de 1 a 8, com as seguintes correspondências: 1) olhos azuis; 2) olhos azul-acinzentados; 3) olhos verdes; 4) olhos verde-acinzentados; 5) olhos pardos; 6) olhos castanho-claros; 7) olhos castanho-escuros; 8) olhos pretos. Nossos elementos se adensaram em torno do valor 7, embora houvesse alguns elementos de tonalidade 5 e outros com o tom 8, tanto na série masculina como na feminina.

*Cabelo (tipo e cor)* — O cabelo se apresentou em quase todos os indivíduos como do tipo 1, lissótrico, o cabelo corrido, típico do grupo mongolóide; entretanto três elementos se apresentaram com o tipo intermediário 2-3. Nas genealogias desses três elementos pudemos detectar a interferência de elemento negro.

Quanto à cor, foi assinalado quase totalmente o tom preto típico dos indígenas, adensando-se os valores em torno das notações P1 e P2, que traduziriam as tonalidades de preto e preto carregado. Há de se notar, entretanto, que entre os homens não foi assinalada, nenhuma vez, a tonalidade castanho-escuro, mas ela apareceu, algumas vezes, nas mulheres. Um elemento albino e três grisalhos foram assinalados no grupo.

*Fenda palpebral* — Na observação da fenda palpebral, levamos em conta as três características que a tornam típica, caracterizando assim o chamado "olho mongólico", a saber: a inclinação ou obliquidade, traduzida pela maior elevação do ângulo externo em relação ao interno; a presença de uma dobra que oculta a carúncula lacrimal (a prega marginal ou nasal); a prega que oblitera a borda livre da pálpebra superior, a bem conhecida "prega mongólica".

Nos Kaingáng de Palmas observamos essas três características e chegamos aos seguintes resultados:

*Obliquidade* — Não é freqüente a obliquidade típica acentuada, pois, entre os 35 elementos masculinos, 11 se apresentaram com obliquidade leve, e os demais não apresentaram nenhuma. Entre os do sexo feminino, 7 apresentaram obliquidade acentuada, 6, obliquidade leve, e os demais, nenhuma.

*Prega mongólica* — Embora pouco acentuada, a presença da prega mongólica típica manifestou-se em 13 casos, no sexo masculino, e em 21 elementos do sexo feminino.

*Prega marginal ou nasal* — A prega marginal, que oculta a carúncula, foi mais rara ainda, tendo sido verificada em 7 indivíduos do sexo masculino e em 10 sexo feminino.

*Pilosidade* — Verificamos ser muito rara a pilosidade entre os Kaingáng; o que já era de se esperar, pois é típica de nossos índios. Com a pilosidade normal e peculiar ao sexo, apenas 3 elementos, que, por sinal, não eram Kaingáng "puros".

*Normas de crânio e face* — Nada de particular e típico se verificou em relação às normas de crânio e face, a não ser um ligeiro predomínio das formas intermediárias, o que, de certo modo, exprime um arredondamento, uma forma de transição entre as formas 1 e 2, características mais típicas (MARTIN, 1957).

#### 4.3 Dados cefalométricos

Para a análise dos dados cefalométricos, fizemos o cálculo da média do grupo, além do desvio padrão, do coeficiente de variação, da amplitude de variação, para cada dado antropométrico considerado. Pelo desvio padrão, tivemos uma idéia da dispersão das variantes em torno da média, e pelo coeficiente de variação, proposto por Pearson, em 1896, exprimindo a relação que entre si mantêm, tivemos a média aritmética e o desvio padrão. Sendo

uma relação percentual entre o desvio padrão e a média aritmética, o valor do coeficiente de variação significa a percentagem que o desvio representa do valor da média. Ele é, a um tempo, a expressão da variabilidade e da tendência central de uma série; em outras palavras, é o desvio padrão expresso em percentagem.

#### 4.3.1 Valores métricos

Analisaremos agora os valores que encontramos para cada dado cefalométrico considerado:

*Diâmetro ântero-posterior máximo* — Esta medida, que traduz o comprimento da cabeça, apresentou, entre os Kaingáng de Palmas, um valor médio de 19,2, com um coeficiente de variação de 2,6% entre os homens. Para as mulheres, o valor médio foi de 18,2, com um coeficiente de variação de 4,39%, portanto bem mais elevado.

*Diâmetro cefálico transverso máximo* — A largura da cabeça, traduzida pelo diâmetro transverso máximo, revelou-se impressionantemente homogênea, num e noutro sexo, com valores médios respectivos de 14,7 e 14,2; os desvios padrões tiveram valores quase coincidentes, o mesmo acontecendo com os coeficientes de variação (3,40% e 3,47%).

*Altura auricular da cabeça* — Foi mais variável que os dois diâmetros cefálicos, a chamada "altura auricular da cabeça". Seus valores médios de 13,4 e 12,1 para cada um dos sexos foram acompanhados de coeficientes de variação bem elevados (10,44% e 9,91%) que mostram a grande variabilidade deste dado em nosso grupo indígena.

*Perímetro cefálico* — Muito homogêneo apresentou-se o grupo Kaingáng em relação a esta medida: as médias de 56,0 com coeficiente de variação de 2,67% para os homens, e 55,1 com coeficiente de variação de 3,86% para as mulheres, traduzem uma grande homogeneidade num e noutro sexo.

*Capacidade craniana* — Para o cálculo da capacidade craniana utilizamos a fórmula de Lee-Pearson que, segundo Martin, é a que no cálculo indireto mais se aproxima do valor real (MARTIN, 1957). Sua fórmula, admitindo variações conforme o sexo, já leva em conta o dimorfismo sexual típico. Assim é que para os homens o valor médio foi de 1 402 cm<sup>3</sup>, e para as mulheres, de 1 220 cm<sup>3</sup>; variaram, porém, os valores do coeficiente de variação, muito

maior no sexo feminino, traduzindo uma flutuação bem mais acentuada dos valores da série.

Pela classificação de Sarasini (MARTIN, 1957), os Kaingáng são *euencéfalos*, tanto os de um como os de outro sexo, com valores que não são nem muito elevados, nem muito baixos, para a capacidade craniana, mas apenas intermediários.

*Diâmetro biorbital interno* — Para esta medida, que traduz o maior ou menor afastamento entre os ângulos internos da fenda palpebral, há uma real variação étnica, apresentando mesmo uma estreita correlação com a largura do nariz, que é característico racial. Achamos para valores médios, em nossa série, 3,5 e 3,4, respectivamente, com valores muito próximos para o coeficiente de variação, conquanto um pouco elevados. Os desvios padrões de 0,2, num e noutro sexo, são dignos de consideração.

*Diâmetro biorbital externo* — Muito mais homogênea revelou-se esta medida, com seus valores de 10,1 e 9,6, para os sexos masculino e feminino, respectivamente, com coeficientes de variação de 3,96 e 3,12, relativamente baixos, traduzindo, portanto, pequeno grau de afastamento dos valores da série, em relação à média.

*Altura morfológica da face* — Um valor relativamente elevado para a altura da face foi o que encontramos para média do grupo masculino; para o grupo feminino, entretanto, foi bem menor o valor médio (menos de 10 mm), diferença que traduz bem a realidade. Impressionou-nos a face alongada dos homens Kaingáng: 12,8 foi o valor médio da série masculina; o valor médio de 11,8, da série feminina, com um coeficiente de variação elevado, 9,32, revela uma grande flutuação dos valores da altura morfológica da face, entre as mulheres.

*Altura facial superior* — Mereceu-nos especial atenção a altura facial superior, dado o fato de ser considerada por alguns autores como mais significativa que a morfológica da face; entre eles, Fróes da Fonseca (1957), que justifica sua preferência alegando ser esta medida menos influenciável por fatores externos diversos. Nem todos os elementos de nossa série Kaingáng tomaram esta medida; os valores médios que encontramos, entretanto, aproximaram-se mais (em um e outro sexo), o que não aconteceu com a altura morfológica da face. Foi também menor o coeficiente de variação nos dois sexos, fato que revela menor flutuação dos valores em relação à média e, por consequência, maior homo-

geneidade da série. Foram de 7,1 e 6,5, as médias de um e outro sexo, com coeficiente de variação de 7,04 e 7,69, respectivamente.

*Diâmetro bizigomático* — A largura da face é traduzida pela distância entre os *zygia*, e é de particular significação no estudo de qualquer grupo indígena. Não nos pareceu exageradamente larga a face dos Kaingáng, fato que, em geral, é típico em grupos mongólicos; também não foi grande a diferença entre os dois sexos. Mais ainda: uma notável homogeneidade de todo o grupo em relação a esta medida traduz-se pelos valores médios 13,8 e 13,2, num e noutro sexo, com desvios padrões 0,7 e 0,5 e coeficientes de variação de 5,07 e 3,78.

*Diâmetro bigoníaco* — Tão significativa quanto a bizigomática, traduzindo a distância entre os dois ângulos da mandíbula, mostra-se esta medida também exagerada nos grupos mongolóides e, de certo modo, em correlação positiva com o diâmetro bizigomático. Nossas médias, para os Kaingáng de Palmas, 10,1 e 9,3, revelaram grande homogeneidade do grupo, traduzida por baixos desvios padrões (0,5) e moderados coeficientes de variação (4,9 e 5,3).

*Altura do nariz* — Com valores coincidentes para os dois sexos, 5,2 e 5,1, pequenos valores para os desvios padrões, 0,4 e 0,3, e não muito elevados coeficientes de variação, foi a altura do nariz outra medida que se apresentou bastante uniforme. Sendo a altura nasal um dos elementos de um índice que mais tem sofrido crítica quanto à sua significação racial e considerada por Fróes da Fonseca com um módulo apenas para estudo das proporções da face (1957), é bem expressivo o resultado verificado entre os Kaingáng de Palmas.

*Largura do nariz* — Quanto à largura, para a qual nos surpreenderam os altos valores médios achados, já as flutuações foram mais acentuadas e bem traduzidas pelos elevados valores do coeficiente de variação. Os homens se apresentaram com uma largura média de 4,0 e as mulheres com 3,6, valores relativamente altos, porém encontráveis entre os índios brasileiros.

*Diâmetro bucal máximo* — A fenda bucal dos Kaingáng não apresenta nada de particularmente interessante em seu tamanho e forma. Os valores médios diferem de um para outro sexo, como normalmente acontece; e uma variabilidade um pouco maior no sexo masculino nada de expressivo significa (5,7 e 5,4).

*Altura bilabial* — Muito mais significativa é a espessura dos lábios, traduzida pela altura bilabial, que em nosso caso se apre-

sentou com valores médios iguais a 1,9, num e noutro sexo, e desvios padrões de 0,3 e 0,4, respectivamente, com flutuações evidentes, expressas por coeficientes de variação um pouco elevados (15,7 e 21,0). Não são muito finos os lábios dos Kaingáng e, por vezes, se equiparam aos dos mulatos brasileiros.

#### 4.3.2 Índices

Os índices, estabelecendo relações percentuais entre medidas que, de certo modo, se correlacionam, são, em alguns casos, mais expressivos que os valores métricos absolutos. O mais frequentemente analisado é, sem dúvida, o índice comprimento-largura, imaginado pelo sueco Retzius, visando a uma idéia mais nítida da forma da cabeça.

A classificação bem conhecida dos indivíduos em dólico, meso e braquicéfalos goza da preferência dos antropometristas, e é difícil não aparecer em qualquer estudo antropofísico. Vejamos o que se passou com os Kaingáng de Palmas:

*Índice cefálico horizontal* — Com uma predominância acentuada de mesocefalia, tanto em um como em outro sexo (57,1%, para os homens, e 66,0%, para as mulheres), veio a seguir a dolicocefalia, e, por último, a braquicefalia. Os índices médios das duas séries foram, respectivamente, 77,1 e 78,6 que traduzem mesocefalia dominante em todo o grupo. Os reduzidos casos de braquicefalia dão uma grande peculiaridade ao grupo, que se situa entre os indígenas brasileiros que apresentam tendência a alongamento da cabeça.

A apreciação genealógica de cada elemento não nos forneceu nada de particular em relação aos casos de braquicefalia. Acresce a circunstância de que, nos casos em que houve mestiçagem, os elementos negro e português que intervieram, possivelmente dolicocefalos, não deveriam alterar a situação. Os valores de mesocefalia encontrados não são elevados, e, a bem dizer, traduzem mais uma subdolicocefalia. É uma singularidade digna de nota entre os Kaingáng esta tendência ao alongamento da cabeça, que aqui assinalamos, sem, entretanto, uma explicação satisfatória.

*Índice cefálico vertical* — De cabeças altas (os homens mais que as mulheres), com valores 68,6 e 66,2, os Kaingáng se apresentam, em sua maioria, hipsocéfalos. As percentagens elevadas de cabeças altas não deixam dúvida quanto ao aspecto bem típico, relacionado à elevada altura auricular da cabeça, fato a que já fizemos, acima, referência especial.

*Índice facial morfológico* — Relacionando duas medidas que são expressivas na caracterização racial, o índice facial morfológico é um dos mais utilizados em Antropologia Física. Fróes da Fonseca prefere, ao índice morfológico da face, outro índice facial, o superior, e justifica a preferência por ser o outro calculado em função da altura morfológica da face, que inclui a porção mandibular, diretamente influenciada pelo desenvolvimento dos músculos mastigadores, que, por sua vez, o é pelo regime alimentar. A altura facial superior seria, assim, uma característica mais estável para o cálculo do índice facial. Para o cálculo dos dois índices, encontramos, realmente, algumas diferenças dignas de relevo. Para o índice morfológico, os Kaingáng se classificaram como leptoprosopos, com valores médios de 92,9 e 90,4 num e noutra sexo, respectivamente.

*Índice facial superior* — Para este índice, que classifica os indivíduos em leptenos, mesenos e eurienos (COMAS, 1957, p. 107), encontramos os valores médios de 51,2 e 49,6, que situam os Kaingáng como mesenos, portanto com valores que de certo modo constituem uma discrepância em relação ao índice facial morfológico, que os dava como de face longa; isto correria talvez por conta da causa acima apontada por Fróes da Fonseca.

*Índice nasal* — Com maior frequência de indivíduos mesorinos, nos dois sexos encontramos, para valores médios, 77,9 e 71,2 no índice nasal. Alguns casos de camerrinia ocorreram, mas nem sempre explicáveis, pela influência do elemento negro. Assim é que, em dois casos de pura genealogia Kaingáng, verificou-se a camerrinia. Nos demais, entretanto, foi fácil detectar a influência negróide, como responsável por largura de nariz mais avantajada. Ocorreu a leptorrinia apenas em 11,75% entre os homens, e bem mais entre as mulheres, 47,6%.

*Índice de prognatismo* — Utilizando as distâncias *tragion-nasion* e *tragion-prosthion*, e relacionando-as em índice, Bastos de Ávila propôs a seguinte fórmula para a avaliação do grau de prognatismo, no vivo (BASTOS DE ÁVILA, 1953, p. 152).

$$\frac{\text{Distância } \textit{tragion-nasion} \times 100}{\text{Distância } \textit{tragion-prosthion}}$$

com os seguintes valores classificatórios:

Prognatas	—	X	—	92,9
Mesognatas	—	93,0	—	97,9
Ortognatas	—	98,0	—	X

Entre índios americanos tem sido assinalado tanto prognatismo, como ortognatismo acentuado, passando pelas gradações intermediárias mais variadas. Pelo índice acima, calculamos o grau de prognatismo dos Kaingáng e verificamos que eles se classificam como mesognatas, 93,9 e 93,3 num e noutra sexo, com grande homogeneidade do grupo, em relação a este típico característico étnico.

#### 4.4 Outros dados antropométricos

O dado antropométrico, que, por sua importância, merece especial consideração — não só quando o consideramos em seu valor absoluto, como também quando o tomamos como ponto de referência ou em relação a outros segmentos do corpo — é, sem dúvida, a *estatura* do indivíduo.

Muito mais significativa que o peso — dado muito mais expressivo do ponto de vista fisiológico que morfológico —, e dependendo de circunstâncias e influências peristásicas, a estatura se situa, hierarquicamente, como uma das principais características étnicas.

*Estatura* — Para nossa série masculina, o valor médio encontrado foi de 162,5, com desvio padrão de 5,9 e um coeficiente de variação de 3,6, o que fala, mui favoravelmente, de uma homogeneidade do grupo. Para as mulheres, o valor médio de 151,2, com o desvio padrão de 5,8 e o coeficiente de variação de 3,8, não diferiu muito do que se passou com a série masculina.

Pela classificação de Brugsch (MARTIN, 1957), classificam-se os Kaingáng masculinos como “normossômicos” de pequena estatura, enquanto as mulheres seriam também “normossômicas”, mas de média estatura. Os dois sexos estariam, portanto, dentro de uma “zona de normalidade” que o mesmo autor classificou de “normossomia”, em contraposição à “hipersomia” e à “hipossomia”. Para a classificação de Martin (1957), entretanto, os Kaingáng de Palmas, de ambos os sexos, seriam “submedianos”, isto é, logo abaixo dos considerados como “médios”.

*Peso* — O valor médio de peso nos homens se apresentou como 58 900 g, com um desvio padrão de 5 800 g, bastante elevado, o que confirma nossas considerações a respeito da precariedade do valor deste dado, na análise étnica de um grupo. Para as mulheres, o valor médio foi de 49 800 g, com desvio padrão

de 5 500 e um elevado coeficiente de variação, traduzindo grande flutuação de valores em relação à média, explicável pelas mesmas considerações já apontadas.

*Índice de Kaup* — Só a relação peso-estatura poderá oferecer algum informe digno de nota, pois, via de regra, são esses dois valores relacionados mais com o objetivo de se ter uma idéia das condições de higidez do indivíduo. Os índices de Quetelet, de Buffon-Rohrer e, mais modernamente, os de Kaup e Livi, não são mais do que fórmulas exprimindo esta relação.

O índice de Kaup apresenta a particularidade de, na relação peso-estatura, atingir, no indivíduo adulto, normalmente desenvolvido, um valor constante igual a 2,3; um valor inferior traduziria um *deficit* no desenvolvimento em sentido transversal, e o superior importaria num excesso de peso (BASTOS DE ÁVILA, 1958). A título de curiosidade, calculamos o índice de Kaup daqueles indivíduos para os quais foi possível obter o peso, e chegamos a um resultado que, de certo modo, confirmou nossa expectativa. O aspecto físico da maioria dos indivíduos do grupo afigurou-se-nos não muito precário, com os valores médios, nos dois sexos, 2,23 e 2,22, pouco inferiores à constante ideal, não obstante termos encontrado, para alguns indivíduos, valores iguais e até superiores ao valor 2,3.

*Envergadura* — A apreciação da chamada “grande envergadura” se torna digna de nota, principalmente na caracterização de um grupo indígena, além da particularidade interessante de poder ser relacionada à estatura. A envergadura é, via de regra, 4 a 5 cm maior que a estatura, entre adultos masculinos da raça branca, e de apenas 2 cm, para os do sexo feminino. Só fortuitamente a envergadura iguala a estatura. Bastos de Ávila assinala os Esquimós e os Judeus como apresentando pequena envergadura, enquanto os negros e índios americanos, uma grande envergadura, excedendo, mesmo, a estatura.

Uma comparação dos valores médios da estatura, nos Kaingáng, elucidará melhor os fatos:

#### VALORES MÉDIOS

	Estatura	Envergadura	Diferença
Série masculina	162,5	167,1	4,6
Série feminina	150,3	151,2	0,9

*Altura tronco-cefálica* — São bastante elevados os valores médios encontrados para a *altura do indivíduo sentado*: 83,5 para os homens, com coeficiente de variação de 3,6 e 79,6 para as mulheres, com coeficiente de variação de 4,40. Classificaram-se, assim, os Kaingáng como indivíduos de tronco medianamente longo, enquanto outros grupos indígenas brasileiros (poucos) os excedem e outros são por eles excedidos.

*Diâmetro biacromial* — Com valores médios de 36,1 para os homens e 33,5 para as mulheres, e coeficientes de variação mais elevados do que, comumente, vinha acontecendo, apresenta a série uma grande flutuação de valores, para este dado antropométrico, conquanto menos acentuada no sexo feminino.

*Diâmetro bicristilíaco* — Na apreciação do bicristilíaco, surpreendeu-nos, de início, não ter sido mais elevado o valor da série feminina, já que este dado mostra um claro dimorfismo sexual, com valores mais altos para as mulheres. A análise de dados, entretanto, assegurou-nos que não havia nenhuma discrepância, uma vez que, em relação às respectivas estaturas médias, as mulheres Kaingáng, como sói acontecer, são portadoras de bicrista superiores. Os valores médios encontrados foram: 27,4 e 26,9, respectivamente.

*Perímetro torácico* — Em nossa pesquisa foi utilizado o perímetro torácico axilar, único que permite uma apreciação comparativa dos dois sexos. Os valores médios de 90,1 e 81,1, com desvios padrões de 3,8 e 4,7, e coeficientes de variação de 4,2 e 5,7, são resultados satisfatórios e que revelam relativa homogeneidade num característico que, via de regra, apresenta grande variabilidade, mercê das variadas circunstâncias exógenas que o podem influenciar.

*Perímetro pélvico* — A cintura pélvica, mais avantajada nas mulheres, 82,9 e 79,1, com elevados coeficientes de variação, revelou-nos um dado antropométrico de muita flutuação, fato que não sabemos explicar bem, nem a que atribuir. Excluímos dois elementos da série feminina, por se acharem em estado de gestação.

*Perímetro da panturrilha* — É ao nível da maior espessura do músculo gastrocnêmico que se toma o chamado perímetro da panturrilha, característico a um tempo sexual e racial. Um maior acúmulo de tecido adiposo, no sexo feminino, faz com que sejam mais elevados os valores médios deste dado antropométrico (BASTOS DE ÁVILA, 1958, p. 83). Entretanto, em nossas séries, surpreendeu-nos o fato inverso: valores mais altos para os homens que para

as mulheres, 33,9 e 30,0, respectivamente. Só encontramos uma explicação, que, entretanto, apresentamos com as devidas reservas: o grande desenvolvimento do gastrocnêmio nos homens poderá ter sido determinado pelo fato de serem obrigados, atualmente, a grandes e longas marchas a pé, forçados que são à busca de atividades remuneradas junto à indústria madeireira local.

*Comprimento do membro superior* — Os valores médios de 74,5 e 65,6, respectivamente, para cada sexo, com uma diferença intersexual bastante acentuada (quase 9 mm), foi o que encontramos para este item antropométrico. A variabilidade se apresentou na série masculina bem maior que na feminina, corroborando o que se verificou em relação à envergadura, medida que, sabidamente, envolve o comprimento dos membros superiores, adicionado do diâmetro biacromial. Um fato decorre, evidentemente, do outro e é digno de nota por traduzir uma significativa diferença de ordem sexual.

*Comprimento da mão* — O estudo dos diversos segmentos dos membros oferece aos pesquisadores uma série de dados e proporções bastante expressivos na apreciação das variações étnicas dos grupos estudados. Desses segmentos, porém, avulta como da maior importância a mão, que nos Kaingáng se apresentou com os valores médios de 17,7, para o sexo masculino e 16,6, para o feminino. O elevado coeficiente de variação da série masculina foi bem diferente do da série feminina, com um desvio padrão de 0,8 e um coeficiente de variação de 4,8, que falam a favor de maior homogeneidade. Realmente a grande amplitude de variação que a série masculina apresentou (12,3-22,2) suscitou-nos algumas reflexões. A medida do comprimento da mão deve ser, preferentemente, tomada de maneira direta e não calculada por dedução, ou seja, como a diferença entre as alturas do *stylium* e *dactylium* sobre o solo. Parece-nos que esta discrepância que a série masculina apresentou deve correr por conta do fato de não ter sido tomada diretamente a medida do comprimento da mão. Só assim se explica a grande diferença na variabilidade que as duas séries apresentaram e que foram de 10,1 e 4,8, respectivamente.

*Comprimento do membro inferior* — Bastos de Ávila chama a atenção para a importância do comprimento do membro inferior e sua relação com a estatura. O grande desenvolvimento que a extremidade inferior apresenta em relação à estatura, diz ainda aquele autor, é autêntico característico da espécie humana. Não menos importante é a apreciação da relação “tronco-membro infe-

rior”, que foi objeto de estudos especiais por Manouvrier e que o levaram a estabelecer a conhecida relação que tem seu nome — índice de Manouvrier — e a que nos reportaremos mais adiante. Os Kaingáng de Palmas apresentaram-se com os valores médios de 91,8 e 83,9, respectivamente, para os sexos masculino e feminino. A variabilidade nas duas séries (4,68 e 4,88), com desvios padrões de 4,3 e 4,1, revela ter-se apresentado esta medida com uma flutuação bem moderada e expressiva, tratando-se, como se sabe, de um segmento tão significativo na caracterização antropológica do indivíduo.

*Altura do pé* — Dos segmentos que integram o membro inferior, pareceu-nos de maior importância a altura do pé, de evidentes variações raciais e sexuais. É sempre mais elevado o índice nos indivíduos do sexo masculino, 9,0 para os homens e 7,2 para as mulheres; alarmou-nos, porém, o elevado coeficiente de variação da série masculina, que nos leva a pensar, talvez, numa razão de ordem técnica (tomada de medida) para esta discrepância. Muito mais homogênea revelou-se a série feminina, com um coeficiente de variação de 8,33.

*Comprimento do pé* — O comprimento do pé é considerado ainda mais significativo que a altura, principalmente quando estabelecida sua relação com a estatura. Via de regra, o comprimento do pé representa mais ou menos 16% da estatura, no sexo masculino, e 15%, no feminino. Na série Kaingáng, o comprimento do pé apresentou os valores médios de 25,4 e 22,9, para homens e mulheres respectivamente, com coeficientes de variação quase coincidentes, 3,94 e 3,93, o que fala francamente a favor de uma grande homogeneidade das séries masculina e feminina, em relação a este dado antropométrico. Relacionamo-lo à estatura, e obtivemos os resultados de 15,6% para o sexo masculino e 15,1% para o feminino, valores percentuais absolutamente normais para a relação “pé-estatura”.

*Índice crucial* — A relação da envergadura à estatura, que Chervin chama de índice crucial, porque os dois elementos formadores do índice formam realmente uma cruz, tem significação no estudo de grupos indígenas, pelo fato de poder dar uma idéia melhor da variação de uma em relação à outra. Bastos de Ávila diz que só fortuitamente a envergadura iguala a estatura, caso em que o índice crucial iguala a 100.

Em nossa série Kaingáng, o que houve de mais interessante em relação ao índice crucial foram os valores médios, bem diferentes de um sexo para outro. Assim, entre os homens a envergadura excedeu a estatura em grande maioria dos casos, tendo o índice igualado 102,5. Para as mulheres, fato inverso ocorreu: a estatura excedeu a envergadura na maior parte dos casos e o valor médio do índice foi de 99,2. Confirmando a afirmativa de Bastos de Ávila, apenas em um caso os valores de estatura e envergadura coincidiram e o índice igualou a 100 (ficha 33, da série feminina).

*Índice córmico* — O índice córmico — nova denominação que Vallois (1965) propôs para o índice tronco-estatura ou índice esquelético de Giuffrida-Ruggeri, justamente para que não fosse confundido com o índice esquelético proposto por Manouvrier em 1902 — é uma relação entre a *estatura do indivíduo em pé* e a *estatura do indivíduo sentado*; classifica os indivíduos em *braquicórmicos* (de tronco curto), *metriocórmicos* (de tronco médio), e *macrocórmicos* (de tronco longo). De acordo com os valores convencionais, os Kaingáng de Palmas, tanto de um sexo como de outro, são *metriocórmicos*, isto é, com índices médios de 51,8 para os homens e 52,5 para as mulheres.

*Índice de Manouvrier* — O índice de Manouvrier, que estabelece uma relação diferente da estabelecida por Giuffrida-Ruggeri, traduz, entretanto, quase o mesmo fato morfológico, qual o de uma relação entre tronco e membros. Sua fórmula, proposta por Manouvrier, em comunicação à Société d'Anthropologie de Paris, relaciona o comprimento do membro inferior à altura tronco-cefálica. Por ela, classificam-se os indivíduos em *macroscélicos*, *mesatoscélicos* e *braquiscélicos*, a saber: de pernas longas e tronco curto; de tipo intermediário, e de pernas curtas e tronco longo. Foram bem elevados os valores deste índice entre os Kaingáng, classificando-os como *macroscélicos* (95,3 e 90,2, para um e outro sexo), o que, de certo modo, discorda do que se verificou para o índice córmico, que os classificou como *metriocórmicos*.

*Índice rádio-pélvico* — A relação entre o comprimento do rádio e a largura da bacia, traduzida pelo diâmetro bicrista, é o índice de Lapique que, em alguns grupos negros, ascende a mais de 100,0. Foi calculado para os Kaingáng, a título de curiosidade, a fim de verificarmos se, nos indivíduos em que o índice se apre-

sentasse com valor elevado, poderia ser assinalada a influência negróide. Os valores médios das duas séries foram, respectivamente, 94,4 e 85,5, abaixo, portanto, do elevado valor 100,0, encontrando nos grupos negróides. A análise dos casos individuais revelou que, em sete casos, os valores do rádio-pélvico excederam 100,0, o que nos levou à pesquisa genealógica dos casos, e apenas em um caso não foi assinalado um ancestral negro ou mestiço. Para a série feminina, o único caso com valor acima de 100,0 também apresentava um antepassado mestiço.

#### 4.5 Conclusões

Numa apreciação geral dos resultados obtidos, parecem-nos lícitas algumas afirmações conclusivas. Não obstante os numerosos contatos, por mais de meio século, com "civilizados", em circunstâncias que poderiam até favorecer a mestiçagem com elementos branco e negro (LOUREIRO FERNANDES, 1941), há em muitos caracteres físicos dos Kaingáng de Palmas preponderância do tipo mongólico, fartamente revelada pela análise antropofísica. Aqueles elementos étnicos mais típicos e menos plásticos de uma caracterização antropológica evidenciaram-se, claramente, nas séries dos dois sexos, e o critério genealógico, que, parece-nos, foi pela primeira vez utilizado na pesquisa antropológica de um grupo indígena brasileiro, forneceu-nos dados seguros para as conclusões da pesquisa.

Os Kaingáng de Palmas caracterizam-se, típica e racialmente, com índios, com os traços inconfundivelmente mongolóides mais comumente mencionados: tipo e cor do cabelo, fenda palpebral característica, cor da pele etc.

Alguns elementos (poucos), mais no sexo feminino que no masculino, poderiam ser caracterizados, pelo observador desavisado, como mestiços, caboclos, cafuzos ou mulatos, justamente aqueles de quem nossa pesquisa genealógica revelou um ou mais ascendente não-Kaingáng. Foi, sem dúvida, este um dos aspectos mais interessantes da nossa pesquisa: a apreciação das diferenças que surgiram, quando a mestiçagem com elemento branco ou negro era revelada pela genealogia do caso.

Por falta de dados antropométricos seguros, deixamos de fazer comparações com outros grupos do mesmo *stock* lingüístico (Jê).

## 4.6 Apêndice

Não quisemos deixar de analisar, como particularmente interessante para nossa pesquisa, dados de Loureiro Fernandes para grupos sanguíneos — sistema ABO e Rh. A distribuição foi a seguinte:

## SISTEMA ABO

	Homens		Mulheres	
	n	%	n	%
O	30	85,7	34	80,9
B	3	7,5	6	14,2
A	2	5,7	2	4,8
Total	35	98,9	42	99,9

## SISTEMA Rh

Grupo Kaingáng puro	Grupo não-puro
100% positivo	100% positivo

## 5 ESTUDO ANTROPOFÍSICO DOS KAINGÁNG DE RIO DAS COBRAS

O estudo antropofísico dos Kaingáng de Rio das Cobras consta de 9 caracteres antroposcópicos e 15 caracteres antropométricos, além de uma apreciação da genealogia individual, tal como o fizemos para os Kaingáng de Palmas.

O grupo, por nós examinado, consta de 41 indivíduos do sexo masculino e 21 do sexo feminino, na faixa de idade entre 20 e 60 anos, de pura ascendência Kaingáng, de pais e avós Kaingáng.

Os caracteres descritivos foram: cor da pele, tipo e cor do cabelo, cor dos olhos, forma da fenda palpebral, presença da prega mongólica, grau de pilosidade, forma do perfil e das fossas nasais.

Dos caracteres métricos constaram: estatura, envergadura, altura tronco-cefálica, comprimento dos membros superior e inferior, diâmetro cefálico ântero-posterior, diâmetro cefálico transversal máximo, diâmetros bigoníaco e bizigomático, alturas morfológica e superior da face, altura e largura do nariz, distâncias tragion-nasion e tragion-prosthion.

Sobre esses dados métricos foram calculados três índices cefálicos e um, relacionando a estatura à altura tronco-cefálica, visando a apreciar a proporção estatura-tronco. Dessa relação resulta o índice córmico, de Giuffrida-Ruggeri, que permite classificar os indivíduos em braquicórmicos (tronco curto), metriocórmicos (tronco médio) e macrocórmicos (tronco longo).

Tal como os Kaingáng de Palmas, os de Rio das Cobras deram-nos impressão da grande homogeneidade em seu tipo físico. Houve três elementos da série masculina que apresentaram, em sua genealogia, interferência de elemento negro, branco e mestiço. Em nossa apreciação dos elementos métricos e descritivos, bem como de seus respectivos critérios de avaliação, procuraremos mostrar esta homogeneidade, através do cálculo da média e da amplitude de variação dos valores, em cada série de medidas, para cada sexo.

Para a avaliação da cor da pele, utilizamos, também aqui, a escala Kruse-Fróes, largamente adotada em nossas pesquisas e, pela



primeira vez, no Laboratório de Antropologia do Museu Nacional. As tonalidades de 1 a 8 são as mais encontradas em nosso meio, sendo as tonalidades 5 e 6 as que correspondem aos tons de pele de nossos índios. Tal como entre os Kaingáng de Palmas, os valores se adensaram em torno dos valores 5 e 6, sem exceção, para o grupo masculino. Para o grupo feminino, entretanto, houve um caso de tonalidade 4, embora os demais ficassem na maioria em torno do valor 5.

O tipo de cabelo não pode deixar de ser considerado, em pesquisa morfodescritiva de índios, dado o seu caráter muito típico. Os de nossa atual pesquisa não fugiram à regra, a não ser em um único caso, entre os da série masculina, que exibiu um cabelo quimatótrico e dois outros com um tipo intermediário, quer dizer, lissótrico, tendendo para quimatótrico. O grupo feminino apresentou-se todo com o cabelo lissótrico, portanto, muito mais característico.

Quanto a cor, a não ser os casos em que já se evidenciava a canície, todos apresentaram cabelo preto, cor também típica dos grupos indígenas.

A fenda palpebral, cuja forma é também muito típica nos grupos mongolóides, mereceu nossa observação e, com surpresa, verificamos não ser muito freqüente uma grande obliquidade; foi mais comum a prega de ligeira obliquidade, e só em quatro casos apresentou-se a fenda palpebral com ângulos em linha horizontal, na série masculina. Fenômeno mais ou menos idêntico na série feminina, com a fenda palpebral ligeiramente oblíqua na maioria dos casos e, em apenas dois, com horizontalidade dos dois ângulos; em nenhum caso, porém, houve obliquidade acentuada, como era de se esperar e é comum nos grupos mongolóides.

A prega mongólica, muito característica desses grupos, mostrou uma incidência muito irregular nos indivíduos dos dois sexos, de Rio das Cobras: houve presença de prega leve ou muito leve, e até ausente.

A pilosidade rara foi a tônica, fato que já era de se esperar e, logicamente, na série masculina.

Quanto ao perfil do nariz, o nariz reto ou ligeiramente convexo é tão típico dos grupos indígenas, que não se pode imaginar um perfil sem o dorso de nariz reto, ou, às vezes, aquilino. Nossa série apresentou o nariz tipicamente reto e, às vezes, convexo; são raros os perfis côncavos, tanto num como noutro sexo.

Finalmente, a forma das fossas nasais, expressa pela abertura no sentido transversal, médio ou longitudinal, foi também cuidado-

samente observada; evidenciou-se, na maioria, a forma em sentido transversal, em um e outro sexo. A forma longitudinal ou em sentido ântero-posterior, revelou-se apenas em um caso de cada série.

Os caracteres métricos merecerão uma análise mais individual do que em série e, mais ainda, de modo a não se perder a evidência do fato biológico que se tinha em vista, consoante a advertência de Roquette Pinto, secundando o biômetra Johansen: "Mit Mathematik, nicht als Mathematik" (ROQUETTE PINTO, 1933).

Diante da grande dificuldade em conseguir grupos numerosos, preferimos estudar os Kaingáng dos três grupos em separado, levando em conta seu particular ambiente geossocioeconômico, deixando para capítulo posterior uma comparação entre os três grupos sob o ponto de vista antropofísico.

*Dados métricos* — Serão analisados, primeiro, os cefalométricos, para os quais calculamos a média e a amplitude de variação, sem nos determos em um tratamento estatístico muito apurado, uma vez que o grupo é bastante homogêneo; o número de indivíduos é pequeno, e são todos de ascendência Kaingáng, por várias gerações.

Os 36 indivíduos do sexo masculino, entre 20 e 60 anos, apresentaram o valor médio de 18,0 para o diâmetro cefálico ântero-posterior, com uma amplitude de variação entre 17,6 e 19,9. Quanto ao diâmetro cefálico transversal máximo, o valor médio foi 15,2, com variação entre 14,4 e 17,8.

Os quatro caracteres da face que apreciamos foram os diâmetros bigoníaco e bizigomático e as alturas morfológica e superior da face.

O diâmetro bigoníaco é um dado de significação, pois traduz a distância entre os *gonia*, revelando, até certo ponto, maior ou menor largura do conjunto mandíbulo-facial. Apresentou-se com o valor médio de 10,2 e uma amplitude de variação entre 9,1 e 11,0.

Quanto ao diâmetro bizigomático, que também traduz maior ou menor largura da face, seu valor médio igualou 14,0, variando entre 12,9 e 14,9.

As alturas morfológicas (nasion-gnathion) e superior (nasion-prosthion) da face, que exprimem bem o aspecto da face em sentido longitudinal, apresentaram valores médios respectivos de 12,7, com amplitude de variação entre 11,6, 14,0 e 7,8, com valores mínimo e máximo de 6,1 e 9,3, respectivamente.

Para os valores de altura e largura do nariz, que são de variação bem típica nos diferentes grupos raciais, entre os indivíduos masculinos apresentou valores de 6,0 para a altura e 4,0 para a largura, com amplitudes de variação entre 5,3 e 7,4, para a altura, e 3,1 e 4,4, para a largura.

Analisaremos a seguir os dados cefalométricos da série feminina, constituída de 20 indivíduos, de pura ascendência Kaingáng. Aqui, também, preferimos a seriação dos valores, com apreciação, apenas, da amplitude de variação.

Os valores dos dados cefalométricos do sexo feminino foram: para o diâmetro cefálico ântero-posterior máximo, de 18,2 com variação entre 16,0 e 19,5, e para o diâmetro transverso máximo, de 14,7 com uma amplitude de variação de 13,8 e 15,5.

Para os caracteres da face, os dois diâmetros considerados, o bigoníaco e o bizigomático, revelaram os valores de 9,7, com máxima e mínima de 8,8 e 11,0, respectivamente, e 13,4, com variação entre 12,5 e 14,6. Quanto às alturas, a morfológica teve como valor médio 12,0, com variação entre 11,5 e 12,9; a altura superior da face, 7,3, com uma amplitude de variação entre 6,5 e 7,9. A altura e a largura do nariz, com valores médios respectivos de 5,6 e 3,8, tiveram uma ampla variação, de 4,1 a 6,2 para a altura, e de 3,0 a 4,2 para a largura.

*Outros dados antropométricos* — Para os demais dados antropométricos, apreciaremos inicialmente a estatura e a envergadura, de importância não só em seus valores absolutos, como em relação entre os dois, o que será apreciado quando nos referirmos aos índices e relações.

A estatura teve como valor médio 158,7 para os homens e 149,2 para as mulheres, enquanto a envergadura foi de 161,9 para os homens e 147,2 para as mulheres, permitindo logo uma comparação entre os dois sexos, pois enquanto na série masculina o valor médio da estatura foi menor que o da envergadura, na série feminina o inverso aconteceu, com um valor de envergadura menor que o da estatura, como sói acontecer (COMAS, 1965, p. 77).

A altura tronco-cefálica, que representa um dos segmentos da estatura total do indivíduo, merece ser apreciada não só em seu valor absoluto, como em sua relação com a estatura. Seu valor médio, em um e outro sexo, foi de 85,3, com amplitude de variação de 80,5 e 90,5 para os homens, e 79,6 para as mulheres, com variação entre 73,7 e 82,6.

Finalmente mereceram nossa apreciação os comprimentos dos membros superior e inferior. O membro superior, com o valor médio de 71,6 na série masculina, mostrou uma grande amplitude de variação: 64,4 e 78,0; para a série feminina, o valor médio de 61,4, com variação entre 59,7 e 70,9, foi, como se vê, significativamente menor que o da série masculina. Para o membro inferior, o mesmo se verificou, com os valores médios respectivos de 91,3 e 80,8, para cada sexo. As respectivas amplitudes foram 79,5 e 113,7 (sexo masculino) e 73,2 e 86,3 (sexo feminino).

Como observação final, para fins de comparação, foram calculados alguns índices, que, traduzindo relações e, mesmo, correlações entre certos dados, permitem comparar os Kaingáng com outros grupos indígenas, não só do Brasil, como de outros países.

Um dos índices mais significativos no estudo dos grupos mongólicos é a relação estatura total-estatura sentado; conhecido também como índice córmico (Giuffrida-Ruggeri), ele traduz uma proporção significativa variável, nos diferentes tipos constitucionais e raciais. Os Kaingáng de Rio das Cobras apresentaram o valor médio de 53,7 para o grupo masculino, o que os classifica como macrocórmicos, ou seja, de tronco longo em membro curtos; e o grupo feminino, com o valor médio de 53,3 é também macrocórmico.

A relação estatura-envergadura, de valor para grupos indígenas, iguala a 100, quando as duas medidas se equivalem. Em nossas séries, não fizemos o cálculo da média, pois, como recomenda Comas (1965, p. 76), em seu estudo dos Triques de Oaxaca, é preferível analisar os casos individuais, que, às vezes, fogem à regra geral. Nossos indivíduos se apresentaram com 58,3% de casos com valor superior a 100, portanto com envergadura maior que a estatura, na série masculina; na série feminina, houve 25% de casos com o valor superior a 100, evidenciando uma envergadura maior que a estatura, fato incomum no sexo feminino. A relação intermembral também traduz proporção de valor significativo nos grupos mongólicos; daí o termos calculado e encontrado o valor de 78,6 para os indivíduos do sexo masculino (na maioria dos casos, ele se situa em torno do valor 70,0); para o sexo feminino, o valor médio encontrado foi de 75,9.

Finalmente, os valores dos índices relativos à cabeça mereceram nossa consideração, à falta de critério melhor para uma comparação com os demais grupos ou para a caracterização fenotípica do grupo em questão. Assim, os resultados dos índices cefálico horizontal, facial morfológico e nasal, classificaram os

Kaingáng do sexo masculino de Rio das Cobras, com valores respectivos de 80,9, 90,7 e 66,6 para aqueles índices, como mesocéfalos, leptoprosopos e leptorrinos. Para os indivíduos do sexo feminino, os resultados foram, para os três índices: 80,7 para o cefálico; para o facial morfológico, 89,7; para o índice nasal, 67,9; classificam-se, assim, como mesocéfalas, leptoprosopas e leptorrinas, sem diferença como se pode ver do que se evidenciou para os indivíduos do sexo masculino.

O índice zigomandibular, relacionando os diâmetros bigoníaco e bizigomático, é uma expressão da maior ou menor largura da face (COMAS, 1965, p. 46-7). Para os Kaingáng de Rio das Cobras, os valores foram 72,8, que exprime uma face estreita, para os homens, e 72,4, também traduzindo uma face estreita, para as mulheres. Esses resultados concordam com a leptoprosopia expressa pelos valores do índice facial morfológico acima referidos.

Como já fizemos para os Kaingáng de Palmas, utilizamos também o cálculo do índice facial superior, aconselhado por Fróes da Fonseca (1957) como mais preciso na avaliação da forma da face, uma vez que circunstâncias exógenas não intervem no seu valor. Assim, a altura facial superior, relacionada ao diâmetro bizigomático, dá o índice facial superior, que classifica os indivíduos em eurienos (face curta), mesenos (face intermediária) e leptenos (face longa). Nossos indivíduos do sexo masculino apresentam-se com o valor 55,7, que os classifica como leptenos; os do sexo feminino, com o valor 54,5, são também leptenos.

*Apreciação final do grupo* — Tal como no grupo de Palmas, são lícitas algumas conclusões em relação a este grupo: os elementos étnicos mais típicos e menos plásticos de uma caracterização antropológica evidenciaram-se; e, para isso, temos a garantia do critério genealógico que vimos utilizando em nossas pesquisas de campo (grupos indígenas, descendentes de imigrantes etc.).

No grupo atual, apenas os de pura ascendência Kaingáng foram considerados nessa apreciação, fugindo ao critério exclusivo do cálculo da média e utilizando a seriação e a amplitude de variação expressa pela distância entre os valores mínimo e máximo da série.

Em capítulo posterior, faremos comparação com os Kaingáng de Tupã e de Palmas, já apreciados e observados, com critérios técnico e estatístico semelhantes.

## 6 ESTUDO ANTROPOFÍSICO DOS KAINGÁNG DE TUPÃ

O número de indivíduos observados no grupo Kaingáng de Tupã foi extremamente reduzido, tanto de um como de outro sexo.

O posto abriga muitos índios, mas há entre eles também índios Krenak e Terena, mestiços de Krenak e Kaingáng, de Terena e Kaingáng, além de alguns Kaingáng com elemento branco e negro em sua ascendência. Por isso, só consideramos para a pesquisa antropofísica, tal como já fizemos para os Kaingáng de Palmas e Rio das Cobras, aqueles elementos de pura ascendência Kaingáng, esta pesquisada e confirmada pelos dados oficiais do registro do posto.

Em 9 indivíduos do sexo masculino e 12 do sexo feminino, foi permitido, entretanto, avaliar a homogeneidade e caracterização típica dos grupos Kaingáng, com ligeiras discrepâncias, que serão analisadas em capítulo posterior.

Valemo-nos da seriação, do cálculo da média e da amplitude de variação, o que nos pareceu mais lógico, num grupo relativamente pequeno, ainda que homogêneo, em razão de sua genealogia Kaingáng.

Os caracteres descritivos mais utilizados e os métricos mais expressivos foram cuidadosamente considerados na pesquisa, dentro de uma standardização que permite comparações com os demais grupos Kaingáng ou outros grupos indígenas.

A pele se adensou entre as tonalidades 6 e 7 da escala Kruse-Fróes, na série masculina; alguns indivíduos com tonalidade um pouco mais clara apareceram, entretanto, entre indivíduos do sexo feminino, tal como havia acontecido com os outros grupos Kaingáng estudados.

O cabelo, de cor preta em quase todos, de um e de outro sexo, apresentou apenas uma exceção em dois indivíduos que já os mostravam grisalhos. O tipo lissótrico, em maioria absoluta,

já era de se esperar (houve um caso de cabelo artificialmente ondulado, entre as mulheres; quem o ondudou alegou achar assim "mais bonito").

A cor dos olhos, de tons 7 e 8 (escala Kruse-Fróes), também não surpreendeu, bem como a fenda palpebral, ligeiramente oblíqua na maioria dos casos. Quanto à prega mongólica, a frequência não foi absoluta; até mesmo ausente, na maioria dos casos.

Quanto ao perfil do nariz e à forma das aberturas nasais nossas observações atestaram o perfil reto, com alguns elementos com o perfil côncavo, num e noutro sexo. A forma das aberturas nasais foi, predominantemente, a do sentido transversal, com alguns elementos, aliás poucos, com a forma e sentido longitudinal, tanto para um, como para outro sexo.

A pilosidade rara e até ausente, no grupo masculino, já era de se esperar, pois é um característico típico de grupos indígenas.

Os caracteres métricos, não obstante terem tido seus valores médios calculados, serão apreciados em seriação, com os valores mínimo e máximo considerados, mostrando a amplitude de variação.

Assim, a estatura, com o valor médio de 163,4 (Mn. 159,8 e Mx. 168,0), classifica-os como indivíduos de média estatura; para o sexo feminino, o valor médio de 149,3 (Mn. 146,3 e Mx. 153,0) revela uma estatura média para sua classificação.

A envergadura, que em nossa pesquisa mereceu atenção por ser significativa, quando relacionada à estatura foi de 165,4 (Mn. 159,0 e Mx. 177,0) para os homens e de 158,0 (Mn. 139,6 e Mx. 153,0) para as mulheres.

A altura tronco-cefálica, representando um dos segmentos da estatura total, é de significação interessante no estudo antropofísico de grupos; quando relacionada à estatura dá uma idéia de proporção bem expressiva: os valores 86,0 (Mn. 82,7 e Mx. 87,7) para os homens e 77,8 (Mn. 70,4 e Mx. 81,9) para as mulheres serão novamente considerados, quando relacionados à estatura, constituindo o índice de Giuffrida-Ruggeri.

Finalmente, os comprimentos dos membros superior e inferior possibilitam comparação entre grupos indígenas; os valores para o membro superior foram 71,5 (Mn. 68,2 e Mx. 74,6) para a série masculina e 65,0 (Mn. 60,5 e Mx. 70,2) para a feminina.

Para o membro inferior os valores médios das séries masculina e feminina, respectivamente, foram 85,1 (Mn. 80,1 e Mx. 90,0) e 80,9 (Mn. 76,1 e Mx. 85,6).

Os índices que resultaram das relações estatura-envergadura, estatura-altura tronco-cefálica e o índice intermembral deram-nos noção de alguns característicos típicos e uniformes, nos três grupos Kaingáng analisados.

Assim é que a relação estatura-envergadura foi, em média, maior que 100, nos homens, significando uma envergadura maior que a estatura, na maioria dos casos; na análise dos casos individuais, porém, houve ocorrência de casos em que o índice foi menor que 100. Já nos indivíduos do sexo feminino, o índice médio foi menor que 100, o que geralmente acontece e foi assinalado por Comas, em grupos indígenas do México (COMAS, 1965, p. 76-8).

Quanto à relação tronco-estatura, que nos dá uma idéia do aspecto do tronco, se curto ou longo, através do valor do já mencionado índice estabelecido por Giuffrida-Ruggeri, classifica os indivíduos em macrocórnicos, metriocórnicos e braquicórnicos. Com os valores de 52,6 para os homens e 52,1 para as mulheres, classificam-se os Kaingáng de Tupã como metriocórnicos, ou seja, de tronco médio (VALLOIS, H., 1965, p. 135).

A relação membro superior-membro inferior estabelece também uma proporção significativa, principalmente em grupos mongoloides. Daí o índice, calculado em função dos dois comprimentos, igualando, em geral, a 80,0 nos homens e 77,5 nas mulheres (OLIVIER, 1960, p. 35). Para nossos indivíduos, porém, os valores encontrados foram mais altos, sendo 84,0 para os homens e 80,3 para as mulheres, significando o que era de se esperar, pois o índice aumenta com a diminuição da estatura, porque o membro superior é quase proporcional a ela, enquanto o membro inferior é relativamente mais curto, em indivíduos de pouca estatura (OLIVIER, 1960, p. 35).

Os dados cefalométricos mais comumente utilizados na caracterização fenotípica dos indivíduos e aqui considerados foram, inicialmente, os dois diâmetros cefálicos, ântero-posterior máximo e transversal; para o diâmetro cefálico ântero-posterior, o valor médio foi de 19,3 (Mn. 18,9 e Mx. 20,0) para o sexo masculino e 18,5 (Mn. 17,1 e Mx. 19,4) para o sexo feminino. O diâmetro transversal apresentou os valores de 15,0 (Mn. 14,4 e Mx. 16,5) para os homens e 14,3 (Mn. 13,7 e Mx. 15,0) para as mulheres.

Da face, consideramos quatro medidas, as mais significativas e que, relacionadas ou em seus valores absolutos, dão uma idéia

da forma da face. Duas larguras, os diâmetros bigoníaco e bizigomático, e duas alturas, a facial superior e a morfológica, foram consideradas; seus valores foram para o diâmetro bigoníaco, 10,5 (Mn. 9,5 e Mx. 12,2) e para o diâmetro bizigomático, 14,0 (Mn. 13,3 e Mx. 15,0), na série masculina; para a série feminina, os valores foram um pouco menores: 10,1 (Mn. 9,1 e Mx. 10,7) para o bigoníaco e 13,3 (Mn. 12,8 e Mx. 14,0) para o bizigomático. Quanto às duas alturas de face, a facial superior e a morfológica, as médias foram: 7,8 (Mn. 7,3 e Mx. 8,5) e 13,1 (Mn. 13,0 e Mx. 14,8), respectivamente, para o sexo masculino; para o sexo feminino, como sói de esperar, valores um pouco menores: para a altura facial superior, 7,3 (Mn. 6,6 e Mx. 8,1), e 12,1 (Mn. 10,7 e Mx. 13,5) para a altura morfológica da face.

Os dados relativos à forma do nariz — altura e largura — apresentaram-se, para os homens, com valores médios de 5,8 (5,4 e 6,0) e 4,0 (3,7 e 4,3), respectivamente, enquanto que, para as mulheres, os valores de altura e largura foram de 5,6 (5,0 e 6,0) e 3,7 (3,4 e 4,1).

Mais significativos, porém, são os índices que decorrem da relação, em percentagem, entre algumas medidas absolutas e que, a seguir, analisaremos, classificando os Kaingáng de Tupã de acordo com os valores que esses índices apresentarem. O índice cefálico, de uso mais corrente em qualquer estudo antropofísico, classificou ambos os sexos como mesocéfalos, com valores respectivos de 77,7 e 77,3.

Quanto aos dois índices faciais — o facial superior e o facial morfológico — revelaram uma face alongada: assim, o valor do facial superior de 55,7 para os homens e 54,8 para as mulheres classifica-os como leptenos. O facial morfológico de 93,5 para os homens e 91,0 para as mulheres, situa-se, em um e outro sexo, como leptoprosopos, o que, de certo modo, concorda com os resultados do índice facial superior.

Resta-nos o índice nasal, que, com seus valores 67,2 para os homens e 66,0 para as mulheres, classifica-os como leptorrinos.

Os valores do índice jugo-mandibular — 75,0 e 75,9 — expressaram um rosto não muito longo, o que não é muito comum em grupos mongólicos; no presente caso, entretanto, os resultados deste índice parecem estar correlacionados a outros dois índices faciais, que mostraram tendência mais para o alongamento que para a transversalidade da face.

Desta apreciação e análise do grupo de Tupã, sobram-nos algumas conclusões, que, entretanto, só ao compará-los com os outros dois grupos serão concretizadas. Sem grandes discrepâncias, dentro de uma homogeneidade permitida pela pesquisa genealógica do grupo, com uniformidade de técnica antropométrica para a tomada de dados e medidas, resta-nos, então, apenas aquela comparação que será objeto do próximo capítulo.

## 7 VARIÇÃO MORFOLÓGICA INTERTRIBAL ENTRE TRÊS GRUPOS KAINGÁNG

Devemos confessar que nossas pesquisas de Antropologia Física entre os Kaingáng — iniciadas em 1955, sob os auspícios da Universidade do Paraná, e, depois, continuadas sob o patrocínio do Conselho Nacional de Proteção aos Índios — receberam, em 1961, com a publicação n.º 13 da Série Antropológica (COMAS, 1961), um renovado estímulo, desde que o autor sugere que um dos pontos mais importantes que a Antropologia Física deveria resolver seria “determinar, quantitativa e qualitativamente a ação exercida pelos fatores hereditários e ambientais sobre a variabilidade dos aborígenes americanos contemporâneos, históricos e pré-históricos, possibilitando a comparação com o material ósseo pré-histórico”. Assim, estaria a Antropologia Física interessada no fascinante problema do povoamento da América (COMAS, 1965).

Os Kaingáng do Brasil (grupo lingüístico Jê) oferecem uma interessante oportunidade de apreciação, de como “tribos” (CARDOSO DE OLIVEIRA, R. & CASTRO FARIA, 1969, p. 31-48) dos mesmos *stock* lingüístico e cultural envolveram e evoluíram, variando em seu tipo físico, a despeito, mesmo, de condições ecológicas idênticas ou quase idênticas.

Nossas visitas aos Kaingáng de Palmas, Rio das Cobras e Tupã (Estados de São Paulo e Paraná) permitiram a observação de dados métricos e descritivos essenciais para uma caracterização antropológica, e foram por nós propostos, em simpósio, onde geneticistas e antropólogos sugeriram uma ficha mista, que, apesar de não poder ter sido utilizada na parte de dados genéticos, não deixou, entretanto, de ser atendida em relação à pesquisa hematológica em Palmas, com resultados significativos e de que já fizemos referência em capítulo anterior. Por outro lado, tentamos analisar as diferentes situações dos três grupos em relação ao aspecto econômico, à reação indigenista governamental, a recursos de subsistência, à população etc.

Os Kaingáng têm o privilégio de ser um dos grupos mais estudados e em diferentes campos, o que permite comparações nos aspectos socioeconômico, ecológico, e, mesmo, sob a intervenção indigenista. No presente estudo, nosso principal interesse é no tipo físico dos três grupos.

Estivemos em contatos intermitentes com eles, de 1955 a 1966; assim, tivemos a possibilidade de observar índios que chamaremos de “puros”, desde que as genealogias individuais foram cuidadosamente pesquisadas e confirmadas pelos respectivos registros dos postos. Assim, somente aqueles que eram Kaingáng por várias gerações foram considerados prioritariamente, nesta apreciação comparativa; localizaram-se em três diferentes sítios, em dois Estados brasileiros, geograficamente próximos.

Em termos gerais, tal como assinalou Dobzansky (1960, p. 408, apud COMAS, 1969, p. 92-3), a variabilidade interpopulacional é manifestação do mesmo processo básico: variabilidade dos elementos hereditários — genes. Mas, em nossa pesquisa, justamente o fato de termos trabalhado com Kaingáng de pura ascendência por três gerações, em três grupos, de regiões próximas, mas com alguma diversidade em seus aspectos de subsistência, é o que queremos assinalar.

A importância de entendermos que a causa e a origem das diferenças entre homens deve ser esclarecida dos pontos de vista científico e tecnológico, desde que a evolução biológica bem como o desenvolvimento cultural do gênero humano emanam desta diversidade (DOBZANSKY, 1950, p. 385), é que nos levou a esta cuidadosa comparação. Por outro lado, não se podem minimizar as interações dos fatores biológicos e culturais (POURCHET, 1942).

Nosso escopo ao analisar os três grupos Kaingáng não foi comparar nossos resultados com os dos outros pesquisadores, mas sim a comparação dos três grupos entre si.

A despeito de trabalharmos com uma amostra relativamente pequena, todos foram medidos por nós, usando técnicas e métodos *standard*, rigorosamente aplicados. Informações sobre seu modo de vida, dieta, causas de depopulação, traços culturais, nutrição, ação indigenista foram cuidadosamente obtidas e confirmadas.

Nosso objetivo foi inicialmente estimulado por Comas e Dobzansky e, posteriormente, por Weiner e Hiernaux, em publicações recentes, que propõem: o primeiro, um estudo de ação universal da “Adaptabilidade humana” (WEINER, 1964), e o último, ao

apresentar os resultados de suas pesquisas na África subsaariana, tenta estabelecer uma correlação entre os caracteres biológicos e os ambientes físicos (HIERNAUX, 1968).

Weiner sugere informação sistemática de muitos aspectos da adaptabilidade e seu relacionamento a fatores geográficos, condições climáticas, nutrição, enfermidades e fatores ecológicos. As comunidades simples são o objeto preferido do International Biological Programme (IBP), por fortes razões: sua desintegração cultural iminente e a perda paralela da identidade física (POURCHET, 1960, p. 78-80). O relativamente pequeno tamanho dessas populações, a peculiaridade de sua ecologia, faz esses grupos mais adequados para estudos mais intensos e mais fáceis, com a mais completa informação demográfica e dos fatores, sociais e culturais, que afetam a fertilidade, a mortalidade, a dieta etc.

Grupos indígenas geneticamente uniformes, vivendo sob o efeito de diferenças influenciadas, são, como já dissemos, o principal objetivo da análise que faremos a seguir. Dados antropométricos foram mencionados por Weiner (WEINER, 1964, p. 191-4) como um aspecto importante nos estudos do IBP. Por outro lado, (DOBZANSKY, 1950, p. 389), propõe que a diversidade deve ser observada, descrita, catalogada e classificada, caracterizando os fenótipos, desde que possamos, ao mesmo tempo, analisar causas e examinar o processo dessas causas no presente, prevendo seus prováveis efeitos no futuro.

Isto nos leva a rever a asserção do velho mestre Boas (1938, p. 74-98) que assinalou a instabilidade e plasticidade dos tipos humanos, criando a feliz expressão *dynamics*, não somente para os processos biológicos, como para os culturais. *Dynamic equilibrium* é também como Dobzansky chama as variabilidades intra e interpopulações (DOBZANSKY, 1950, p. 389). A adaptabilidade humana envolve diferentes mecanismos da variabilidade humana, ocupando agora largo campo da pesquisa antropológica (física e cultural), que faz tremendamente complexa a tarefa a ser empreendida.

Baker recorda-nos a enorme gama de mecanismos adaptativos de que o homem dispõe como consequência inicial da "rising somatic and behavioral plasticity which seems to have occurred through the mammalian evolutionary process, which culminates, at the moment, in man!" (BAKER, 1965, p. 63).

Juan Comas tem dado ênfase, desde 1949, ao assunto e comenta-o em excelente artigo apresentado ao 4.º Seminário de

Verão, de Antropologia Física, em Nova York, publicado em castelhano, em 1969, sob o título "Diferenciación Biológica Ameríndia" (COMAS, 1969). Depois de uma exaustiva análise de muitos autores, Comas faz um relatório geral do provocativo tema: "en términos generales creemos que Dobzansky es quien mejor sintetiza la cuestión". E acrescenta, "el ambiente instiga, fomenta, condiciona y circunscribe cambios evolutivos; pero no decide exactamente cuales cambios ocurrirán, si es qui algunos ocurrem..."

A importância e o valor dos caracteres métricos na apreciação da variabilidade são, também, assinalados por Comas, que sente a vitalidade da Antropometria em nossos dias, à custa de novos e revistos métodos, aplicados à avaliação da Adaptabilidade humana (COMAS, 1969).

Antropólogos físicos e culturais têm um vasto campo de trabalho interdisciplinar, capaz de entender o homem e, também, o conjunto de condições que devem ser atendidas, para a sobrevivência da comunidade e da cultura (MALINOWSKY, apud FORDE, 1967). É tarefa séria para os antropólogos de hoje, envolvidos (*enrolled*) no estudo da complexa interdependência das causas e efeitos recíprocos — um eterno "dar e receber" —, que faz tão desafiante qualquer pesquisa sobre o homem.

Estatura, proporções de corpo e membros, medidas da face e da cabeça são os caracteres métricos que compararemos e discutiremos. Os três grupos Kaingáng serão identificados pelas letras P, C, T, iniciais dos acidentes geográficos mais próximos de onde estão situados (Palmas, Rio das Cobras e Tupã; o 1.º e o 2.º, no Estado do Paraná, e o 3.º no Estado de São Paulo).

Clima e situação geográfica são idênticos nos aldeamentos dos três grupos. Apesar de sua identidade genética, cultural e lingüística, cada um apresenta diferenças, em termos gerais, em sua vida atual. Dentro da uniformidade genealógica, o ambiente tem determinado algumas pequenas variações físicas, menos significativas que as culturais e sociais.

A desintegração sócio-cultural, entretanto, é evidente, progressiva e, surpreendentemente, em graus diferentes para cada grupo. Uma descrição detalhada destes aspectos foi por nós exposta, em artigo que resumia as observações de campo, nos três grupos (POURCHET, 1968, p. 185-6).

O fato de terem sido submetidos a uma ação indigenista governamental por vários anos leva-nos a concluir que é este *fator externo*, de ação não uniforme nos três grupos (por vários e

óbvios motivos), que, aparte das influências físicas, geográficas e culturais, é e explica o decisivo e atual diferente comportamento de cada um dos grupos.

Cabem, aqui, entretanto, algumas considerações a propósito de termos chamado de *intertribal* a variação morfológica entre os Kaingáng de Palmas, Rio das Cobras e Tupã. Recente artigo de Cardoso de Oliveira e Castro Faria (1969) traz-nos alguma explicação e, até certo ponto, uma justificativa para termos usado a expressão *intertribal*.

Por outro lado, Rocha (1971), ao usar também em recente publicação as expressões *intertribal*, para comparação dentro do que considera grupos da mesma *tribo* e *intertribal*, quando faz considerações entre grupos que considera de *tribos* diferentes, parece divergir de nosso ponto de vista. Utilíssimas para nós as duas publicações acima referidas, isto porque, o que por nós foi considerado *intertribal*, ou melhor, comparação entre tribos, encontraria, nas citações de autores atuais, uma razão que justificaria a variedade de pontos de vista, nas conceituações de *intertribal* e *intra-tribal*, de Rocha, em sua cuidadosa pesquisa e em nossa presente publicação. As divergências em torno do conceito *tribo* são velhas e, segundo Biebuyck (1966) (apud CARDOSO DE OLIVEIRA & CASTRO FARIA, 1969, p. 31-48), "the content and scope of these concepts and their validity as methods of classification are not clear".

Usamos aqui os termos *tribo* e, em conseqüência, *intertribal*, significando unidades do grande grupo Kaingáng. Entre estas unidades ou subgrupos é que foram apreciadas variações morfológicas e de comportamento, objeto do presente capítulo: nossa convicção é mesmo aquela de que nos situamos entre aqueles que "*used, misused and abused of concepts of tribe, subtribe etc.*" como argumenta Biebuyck (1966) (apud CARDOSO DE OLIVEIRA & CASTRO FARIA, 1969).

Quanto ao conceito de "pureza" que atribuímos aos índios Kaingáng que pesquisamos e dos quais conhecíamos a pura genealogia Kaingáng, é ainda no artigo de Cardoso de Oliveira e C. Faria (1966) que encontramos uma justificativa, através de autores por eles citados (WALKER, 1967, apud CARDOSO & CASTRO FARIA), para nos ser permitido o uso da expressão "índio puro". Estamos apoiada naquela identificação biológica e etnológica do *índio*, já agora em termos do *blood quanta* ou da "quantidade de traços culturais que teria conservado de uma pureza anterior, apenas pressuposta". É o caso, por exemplo, do uso de genealogias

individuais (que utilizamos) para restabelecer o direito ao reconhecimento como membro de uma comunidade tribal. Este o conceito de "Kaingáng puro", que acompanhou o curso de nossa pesquisa e da presente dissertação.

A apresentação dos resultados, em pequenos tópicos, resume o que gráficos, tabelas e quadros comparativos exprimem em excessivos dados numéricos:

*Grupo P* — Os do grupo P apresentaram mandíbula estreita, envergadura maior que a estatura; são mesorrinos, hiperleptoprosopos, mesocéfalos e metriocórmicos.

*Grupo C* — Os do grupo C se apresentaram com mandíbula estreita, envergadura maior que a estatura; leptorrinos, leptoprosopos, mesocéfalos e branquicórmicos.

*Grupo T* — Os do grupo T apresentaram mandíbula mediana e envergadura maior que a estatura; são leptorrinos, hiperleptoprosopos, mesocéfalos e metriocórmicos.

Para o sexo feminino, o dimorfismo sexual que se revelou já era de se esperar: na relação envergadura-estatura, as mulheres apresentaram-se com índice menor que 100, nos três grupos. Nas demais medidas, pequenas diferenças foram assinaladas, o que poderá ser verificado com o exame das tabelas que ilustram este capítulo.

Na análise da variação *intertribal*, esta, ainda que pequena, entre os três grupos, levou-nos a uma situação confusa, porque não foi possível explicar exatamente por que surgia. Howells (1966, p. 531-40), em artigo em que estuda *Population distances*, cita pesquisas de Hiernaux (1956) e de Elmendorf (1965), além de suas próprias (Ilhas Solomon), e conclui que "differences are due to preexisting differences", encarecendo o valor da informação histórica e cultural, que esclarece e traz luz à razão das diferenças encontradas. E sentencia, mais adiante: "The method is to use biological, ecological and cultural variables, reducing each one to a single measure of differences between populations and investigating the correlation of these differences" (HOWELLS, 1966, p. 531-40). Curioso é assinalar que o mesmo autor considera interessantes as observações físicas, que se constituem úteis na medida das *distances* (o autor trata as diferenças entre grupos como *distance*).

Populações pequenas vêm constantemente assumindo formas distintivas, por efeito de homeostase genética, integração do genótipo, impossíveis de serem detectadas ou aplicadas em interpreta-



ções — é ainda Howells quem o diz (1966, p. 535). O mesmo óbice se apresentou em nossa interpretação final das variações dos três grupos; o mestre de Antropologia Física de Harvard, Howells, com seu artigo, deu-nos a paz intelectual necessária!

## 7.1 Análise de variação morfológica — Tabelas

## ESTATURA

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	162,4	152,8 — 169,3
C	36	158,7	149,6 — 171,7
T	9	163,4	159,2 — 168,0
Sexo feminino			
P	22	151,7	143,5 — 161,4
C	20	149,2	141,3 — 157,8
T	12	149,3	146,3 — 153,7

## ENVERGADURA

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	166,6	150,3 — 180,0
C	36	161,9	145,8 — 173,5
T	9	165,4	159,0 — 177,0
Sexo feminino			
P	22	151,5	144,1 — 163,3
C	20	147,2	136,5 — 159,0
T	12	148,0	139,6 — 153,0

## ALTURA TRONCO-CEFÁLICA

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	83,2	78,9 — 86,0
C	36	85,3	79,7 — 90,5
T	9	86,0	82,7 — 87,7
Sexo feminino			
P	22	79,4	75,6 — 85,8
C	20	79,6	76,0 — 82,5
T	12	77,8	70,4 — 81,9

## COMPRIMENTO DO MEMBRO SUPERIOR

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	73,2	65,6 — 80,2
C	36	71,6	65,9 — 77,5
T	9	71,5	68,2 — 74,6
Sexo feminino			
P	22	66,6	62,9 — 69,0
C	20	61,4	59,7 — 70,9
T	12	65,0	60,5 — 70,9

## COMPRIMENTO DO MEMBRO INFERIOR

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	90,9	81,0 — 98,1
C	36	91,3	79,5 — 100,0
T	9	85,1	81,0 — 90,0
Sexo feminino			
P	22	84,8	77,7 — 93,1
C	20	80,8	73,2 — 86,3
T	12	80,9	76,1 — 85,6

## ÍNDICE ENVERGADURA-ESTATURA

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	102,6	—
C	36	102,0	—
T	9	101,0	—
Sexo feminino			
P	22	99,8	—
C	20	98,6	—
T	9	99,1	—

## ÍNDICE CÓRMICO — (Tronco-estatura-Giuffrida-Ruggeri)

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	51,2	—
C	36	54,8	—
T	9	52,6	—
Sexo feminino			
P	22	52,3	—
C	20	53,3	—
T	12	52,1	—

## ÍNDICE INTERMEMBRAL

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	81,2	—
C	36	78,6	—
T	9	84,1	—
Sexo feminino			
P	22	78,2	—
C	20	76,0	—
T	12	80,3	—

## DIÂMETRO CEFÁLICO ÂNTERO-POSTERIOR MÁXIMO

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	19,1	18,3 — 20,1
C	36	18,8	17,6 — 19,9
T	9	19,3	18,9 — 20,0
Sexo feminino			
P	22	18,5	17,3 — 20,3
C	20	18,2	17,5 — 19,0
T	12	18,5	17,1 — 19,4

## DIÂMETRO CEFÁLICO TRANSVERSO MÁXIMO

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	14,7	13,7 — 15,6
C	36	15,0	14,4 — 16,5
T	9	15,0	14,4 — 16,5
Sexo feminino			
P	22	14,4	13,3 — 15,4
C	20	14,7	13,8 — 15,3
T	12	14,3	13,7 — 15,0

## DIÂMETRO BIZIGOMÁTICO

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	13,9	13,0 — 14,6
C	36	14,0	12,9 — 14,7
T	9	14,0	13,3 — 15,5
Sexo feminino			
P	22	13,3	11,2 — 14,3
C	20	13,4	12,5 — 14,2
T	12	13,3	12,8 — 14,0

## DIÂMETRO BIGONÍACO

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	10,2	9,3 — 11,2
C	36	10,0	9,1 — 11,5
T	9	10,5	9,5 — 12,2
Sexo feminino			
P	22	9,3	8,5 — 10,7
C	20	9,7	9,3 — 10,6
T	12	10,1	9,1 — 10,7

## ALTURA MORFOLÓGICA DA FACE

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	12,9	11,5 — 14,0
C	36	12,7	11,6 — 14,0
T	9	13,1	12,0 — 14,8
Sexo feminino			
P	21	12,1	10,8 — 13,6
C	20	12,0	11,5 — 12,9
T	12	12,1	10,7 — 13,5

## ALTURA FACIAL SUPERIOR

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	7,0	6,2 — 7,7
C	36	7,8	6,1 — 9,3
T	9	7,8	7,3 — 8,5
Sexo feminino			
P	21	6,6	5,9 — 7,5
C	20	7,3	6,5 — 7,9
T	10	7,3	6,6 — 8,1

## ÍNDICE FACIAL MORFOLÓGICO

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	93,4	—
C	36	94,3	—
T	9	93,5	—
Sexo feminino			
P	22	91,0	—
C	20	89,6	—
T	12	91,0	—

## ÍNDICE FACIAL SUPERIOR

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	50,7	—
C	36	55,7	—
T	9	55,7	—
Sexo feminino			
P	22	50,0	—
C	20	55,5	—
T	12	54,9	—

## ÍNDICE JUGO-MANDIBULAR

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	73,2	—
C	36	72,8	—
T	9	75,0	—
Sexo feminino			
P	22	69,9	—
C	20	72,4	—
T	12	75,9	—

## ALTURA DO NARIZ

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	5,2	4,7 — 5,8
C	36	6,0	5,4 — 7,4
T	9	5,8	5,4 — 6,6
Sexo feminino			
P	22	5,0	4,5 — 5,8
C	20	5,6	5,1 — 6,2
T	12	5,6	5,0 — 6,1

## LARGURA DO NARIZ

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	4,1	3,6 — 4,6
C	36	4,0	3,5 — 4,4
T	9	4,0	3,7 — 4,3
Sexo feminino			
P	22	3,6	3,3 — 4,1
C	20	3,8	3,5 — 4,3
T	12	3,7	3,7 — 4,1

## ÍNDICE CEFÁLICO HORIZONTAL

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	77,0	—
C	36	80,8	—
T	9	77,7	—
Sexo feminino			
P	22	77,8	—
C	20	80,7	—
T	12	77,3	—

## ÍNDICE NASAL

Sexo masculino			
Grupo	N	Média	Varição
P	15	76,9	—
C	36'	66,6	—
T	9	69,0	—
Sexo feminino			
P	22	70,6	—
C	20	67,9	—
T	12	66,6	—

## 8 USO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS ENTRE OS KAINGÁNG DE PALMAS

O uso de plantas anticoncepcionais entre os Kaingáng de Palmas (Estado do Paraná) nos foi revelado por uma velha índia, espécie de *medicine woman* do grupo. As ervas que receitava produziam aborto, “descida do leite” e anticoncepção, possibilitando um controle de natalidade, fato que se evidenciava pela circunstância de poucas famílias não terem mais de cinco filhos.

Por nossa condição de pesquisadora mulher, fomos, a pedido do co-autor da pesquisa, Loureiro Fernandes, a entrevistadora da velha mulher, a curandeira da tribo.

Avistamo-nos uma tarde, no centro de uma casa Kaingáng típica, com seu foguinho central ardendo e animando aquela verdadeira conversa “ao pé do fogo”. De início, ganhamos a confiança necessária para as revelações que queríamos: ela conhecia ervas “para não pegar filho”, “para botar fora o filho” e, até, “para fazer descer o leite”.

A segunda parte de nossa entrevista consistiu em indagação dos nomes das possíveis ervas, plantas, raízes, frutos, tubérculos ou rizomas, que a mulher índia utilizava para cada um daqueles objetivos. Mas toda nossa habilidade foi em vão, pois toda vez que insistíamos nessas indagações, ela fingia não entender a pergunta e entrava noutro assunto, como, por exemplo, indagando se eu era “doutora” e se sabia dar remédio aos índios também... Disse-lhe que não e que viera ter com ela, justamente, para pedir uma de suas ervas para uma moça amiga, tentando com isso ganhar-lhe confiança e conseguir suas “receitas”.

Desnecessário dizer que nada consegui saber e que, apenas por uma informação estranha ao grupo (alguém do posto), soube ser, talvez, um tubérculo, porém, não-identificado.

Assim o problema ficou estabelecido em três pontos principais:

- 1) Havia realmente uma planta de poder anticoncepcional, dado pela mulher curandeira da tribo.
- 2) Não foi possível conhecer que planta era esta e que parte e tipo do vegetal era utilizado.
- 3) Havia um intencional propósito de não ser revelado o segredo, pela velha índia, que, ao que parece, só o transmitiria a alguém que lhe sucederia.

O primeiro item foi confirmado pelas próprias índias que usavam a planta anticoncepcional. Sobre ele nos deteremos mais longamente, por nos ter suscitado vivo interesse, uma vez que concorria para um fato muito significativo da vida do grupo, o controle de natalidade. Realmente, as famílias eram pouco numerosas e dificilmente tinham mais de cinco filhos. Isto nos levou a uma pesquisa mais cuidadosa do assunto, procurando verificar se era comum a outros grupos vizinhos ou não, e mesmo a outros grupos Kaingáng, próximos ou distantes.

Mais ainda, fomos mais longe na pesquisa quando, através de várias publicações, verificamos ser muito mais comum do que pensávamos o uso de anticoncepcionais entre grupos chamados "primitivos" de outros continentes.

Norman E. Himes (1963), em *Medical history of contraception*, forneceu-nos generosa informação sobre a anticoncepção e seus diferentes meios, entre nativos da África, Ásia, América etc.

Hrdlička (1908) menciona, entre os índios do Sul dos Estados Unidos e do Norte do México, que as mulheres conseguem esterilidade com o uso de certas drogas (uma variedade de raiz) e, entre os Apaches de White Mountains, com o hábito de engolir, de vez em quando, um pouco da terra vermelha, queimada, de uma fogueira.

Algumas mulheres Huichol bebem um cozimento de certa planta para se livrarem da concepção, e as mulheres Cora, para propósito idêntico, ingerem raspas de chifre de veado (apud HIMES, 1963).

Olbrechts (1931, apud HIMES, 1963, p. 15) encontrou, entre mulheres Cherokee, o costume de mastigar e engolir, por quatro dias consecutivos, as raízes da *cicuta maculata* (em língua cherokee *thiliyusti*) porque acreditam que isto as torna estéreis para sempre.

Margaret Mead não teve conhecimento de uso de plantas anticoncepcionais entre nativos de Samoa; entretanto teve notícia de controle de natalidade pelo *coitus interruptus* (apud HIMES, 1963).

Carleton Coon (apud HIMES, 1963, p. 110), entre tribos dos Montes Rif, localizou um verdadeiro mercado semanal, freqüentado exclusivamente por mulheres, do qual os homens eram excluídos e até severamente punidos, se o freqüentassem, onde ervas mágico-medicinais, que atuam como anticoncepcionais e abortivos, são vendidas. O autor não conseguiu identificá-las, pois a venda é secreta e seu uso é causa para divórcio e até assassinato, se o marido surpreende a mulher usando anticoncepcionais.

Jacobs, J. (1894), em seu estudo dos Achehnese da Sumatra, conseguiu dos nativos uma massa negra, em forma de uma pí-lula (!), que as mulheres usavam introduzir na vagina, antes do coito, por suporem que isto prevenia a "impregnação" (!). Jacobs mandou proceder exame nesta massa negra, e verificou conter grande quantidade de ácido tânico, que nos modernos laboratórios é considerado não só espermicida, como imobilizador de espermatozoides, quando usado em solução de 1 000%.

Thompson (apud HIMES, 1963, p. 28), em nativas de várias tribos dos Kawadji, no Cabo York, constatou a crença firme no poder anticoncepcional de certas plantas, das quais as mais usadas são *tjarri* ou *ka a tá* (*Dioscorea sativa*) e *pi a lá* (*Entada scandens*).

Bruce (apud HADDON, 1908) relata que velhas mulheres davam às mais jovens folhas novas de *sóbe* e *bok* e *argerarger* para que mastigassem bastante e engolissem o suco, até que sentissem o corpo saturado. O processo levava algum tempo; mas, quando o corpo estivesse bem impregnado, estavam imunes à fecundação e podiam "ir com os homens indefinidamente..." Bruce notou que homens e mulheres acreditavam, piamente, na eficácia dessas folhas.

Mulheres da Nova Guiné Holandesa comem as folhas do *Kakaú* com pão sago e as folhas e frutos de uma outra planta, *natunnum*, que as torna estéreis e é também ingerida com pão sago. Usam também a planta *lapalet*, cuja raiz, descascada e cortada em pequenas rodela, quando ingerida, tem um veneno capaz não só de produzir a esterilidade, como de matar um feto de três ou quatro meses de vida intra-uterina.

Radcliffe-Brown (apud HIMES, 1963, p. 25) encontrou, em muitas tribos da Nova Guiné e ilhas adjacentes (arquipélago de Bismarck), o uso de substâncias vegetais que produzem a esterilidade quando tomadas por via oral. Há, mesmo, a crença de que uma dessas plantas medicinais produz o retraimento (*shrinking*) do seio da mulher.

Clark Wissler (apud HIMES, 1963, p. 12), entre os índios norte-americanos, assinalava que há 30 ou 40 anos entre as tribos já os *medicine men* possuíam vários meios e fórmulas mágicas de prevenir a concepção.

Pitt-Rivers (1927) relata que vários observadores e missionários europeus notaram que alguma droga anticonceptiva "misteriosa" era usada pelas moças solteiras da Oceania. Ervas nativas e raízes, misturadas com substâncias mágicas, como ovos de aranha, pele de cobra, feitas em cocção, eram ingeridas pelas jovens para este fim. Algumas dessas receitas foram conseguidas com as velhas curandeiras e feiticeiras de tribos de Papuas e Melanésios.

Ashe (1808), por sua vez, verificou, entre índias Shawnee, o uso do suco de certa erva, que prevenia a concepção e, frequentemente, as esterilizava por toda a vida.

Deixamos, de propósito, para maior e posterior consideração, o caso dos índios sul-americanos, pelo fato de estarmos, assim, mais próximos do caso dos Kaingáng de Palmas, que neste trabalho merecerá consideração.

Iniciaremos com os relatos de Karsten (1920) sobre tribos indígenas do Equador, quando assinala que as mulheres Canello, para coabitar com homem, usam um preparado medicinal, feito da planta *piripiri*, cujos nós da raiz são socados e esmagados em água. Depois disso, elas devem comer somente plantas assadas, sem sal, e pequenos pássaros da floresta. Se essa dieta é infringida, ficam expostas ao perigo de engravidar. Da planta *piripiri* há várias espécies, que se distinguem pelos diferentes tamanhos, e todas são usadas pelos índios para diferentes objetivos supersticiosos.

Lévi-Strauss (1950, p. 465-85), em artigo, no substancioso *Handbook of South American Indians*, sobre o uso de plantas selvagens na América do Sul tropical, refere-se ao uso de uma amarilidácea (*Stenomesson variegatum*) como de efeito contraceptivo, não mencionando, porém, em que grupo indígena encontrou o seu uso.

Horace Banner (1961, p. 13-64), entre os Caiapó, menciona que geralmente os recém-casados não querem que lhes nasçam filhos muito cedo, porque também as jovens índias têm medo da dor to *krui pumá*. Por isso, as jovens esposas empregam tudo que sabem para evitar a concepção; há diversos cipós e outras plantas que denominam *me kra kêt djó*, "aquilo que faz não ter filho", que são mastigadas ou bebidas em infusão. Não há dúvida de que tais substâncias possuem alguma potência contraceptiva,

e é ao menos possível que façam interromper o ciclo menstrual. O controle é exercido como defesa diante das dificuldades e inconveniências que os bebês trazem a uma vida nômade, pela selva. Além de tudo, com a chegada do primeiro filho, os pais deixam de ser "gente nova" e passam a ser *men-bengnêt* ou "gente velha".

Banner, como missionário evangélico, teve contatos prolongados com os Caiapó e verificou que o controle de natalidade, pelo uso da infusão mencionada, é exercido também quando há casos anormais de doença nos pais ou em tempo de guerras e perseguições, ainda como uma defesa.

Curt Nimuendaju (1946, p. 131-2), entre os Timbira, assinalou que, a fim de evitar a menstruação, as mulheres usam ervas que são causa da demora em engravidar, mesmo depois do relacionamento sexual.

Entre os Šerente, Nimuendaju (1942) assinalou o uso de uma infusão da raiz de *sapé grass*, um capim-sapé, que, usado depois das relações sexuais, previne a concepção e a menstruação, bem como uma infusão de "casca de cedro" ou o fino pó resultante da moagem, por instrumento, desta mesma casca.

Quanto às Apinayé, é ainda Nimuendaju (1939) quem relata, uma primípara geralmente recorre a toda sorte de remédios para evitar a concepção ou, até, produzir aborto. Para o primeiro propósito, ela utiliza a casca triturada de *Kato'n*, uma bebida tinta misturada com urucum que é besuntada sobre o umbigo e o abdome. Há casos também em que mulheres jovens recorrem a remédios que suspendem a menstruação, e para isso sentam-se em folhas quentes de um arbusto que cresce na beira dos brejos.

Charles Wagley (1951), estudando influências culturais sobre o problema demográfico, em análise comparativa de duas tribos Tupi, Tenetehara e Tapirapé, verificou que, enquanto os Tenetehara não envidam esforços para limitar a prole, os Tapirapé dão valor a pequenas unidades familiares, tendo mesmo idéias bem claras, em relação ao tamanho de suas famílias, acreditando que uma mulher não deve ter mais que três filhos vivos. Mais ainda, os três filhos de uma mulher não devem ser do mesmo sexo; em outras palavras, se uma mulher tem duas filhas e a terceira também é mulher, esta é frequentemente sepultada ao nascer; cometem o infanticídio, também, quando acontece fato idêntico com filhos do sexo masculino e em caso de nascimento de gêmeos.

Este controle de natalidade, no caso dos Tapirapé, deu a Wagley (1951, p. 95-104) razão forte para explicar esta limitação,

por fatores culturais justificáveis, entre os quais a estrutura social e o sistema de valores que deveriam ser levados em conta, nos estudos de população.

Em pequena nota sobre a limitação de prole entre os Bororo, o Dr. Maciel de Souza (1941, p. 364) relata a ingestão de uma infusão de raízes e folhas de certas ervas, que produzem a esterilização e cujo segredo pertence à tribo, que não nega o medicamento, contanto que o forneça já preparado, e a que chamam de *yorubo-bo-et-ore-bacua-re-u*. Acrescenta que os missionários salesianos tiveram oportunidade de verificar a eficácia dessas ervas, mas também não conseguiram o segredo de sua preparação.

A esterilização é definitiva, sem contudo ocasionar dano à saúde da mulher. A suspensão da função menstrual em jovens também pode ser conseguida por uso de ervas. O *yorubo* é preparado tanto com as folhas como com a raiz do arbusto fresco, em maceração, que torna a mulher amenorréica, prevenindo uma futura concepção.

Herbert Baldus (1937, p. 29-85) e o Pe. Colbacchini (1919, p. 53) já haviam mencionado o controle de natalidade entre os Bororo; o primeiro revelou que os Bororo lhe contaram que, antigamente, preparavam, com as folhas de uma erva, uma decocção, que esterilizava para sempre as mulheres. Diziam que só dois velhos conheceram esse remédio. O segundo, o Pe. Colbacchini (1919), relata: "impedem a concepção e a gravidez por meio de algumas beberagens e tisanas que extraem de raízes, folhas e cascas de plantas, de que conhecem grande variedade e a que atribuem eficácia para o fim desejado. Tomam-nas a mulher e o homem, não só uma vez, mas muitas. Ao que parece, as substâncias que mais usam, em geral, são muito adstringentes, sendo, pois, provavelmente, seu princípio ativo, o *tanino*."

Gioconda Mussolini (1946) observou também, entre os Bororo orientais, o uso, na cintura, pelas mulheres, de folhas, ramos e raízes do *bareguekerú reu*, para evitar a concepção.

O sertanista Francisco Meirelles, inquirido por carta do Prof. Rodrigues Lima, Professor Titular de Obstetrícia, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, se havia controle de natalidade entre os índios brasileiros, relatou o uso de ervas em banhos e beberagens, em forma de chás, de nomes desconhecidos. E acrescentou que os Xavante também o praticavam, usando ervas anticoncepcionais, que só eles conheciam (RODRIGUES LIMA, 1972, p. 7-24).

Por outro lado, o missionário espanhol Jaime Rodrigues Candelas (1965), que militou por oito anos no alto Xingu, revelou que os Caiapó, há séculos, controlam a natalidade, usando uma planta chamada *mê-kra-kêt-djó* (gente filho não tem).

A natureza desta planta interessou ao eminente obstetra Rodrigues Lima (1972) que, sabedor de estudos feitos por Murça Pires, no Pará, conseguiu as seguintes referências botânicas (RODRIGUES LIMA, 1972), que julgamos úteis à presente explicação:

- a) *Cyperus corymbosus* Rottb  
"Nemepomanice-co"  
"Tadehkas. Det. L. Eiten, 1963."  
Procedente de Taracuá, Rio Uapés. Cultivada no IAN, 10-1-63.
- b) Família zingiberácea roxa — Rio Uapés.
- c) Família zingiberácea branca — Rio Uapés.

Simone Dreyfus (1963), quando da permanência de cinco meses entre os Caiapó do Norte, Estado do Pará, encontrou técnicas e práticas anticoncepcionais apenas externas. Em publicação de 1963, revela que o termo nativo para plantas que evitam a concepção é *mê-kra-kêt-djó*, que equivale à expressão "ter filho não". A planta não foi identificada; e o que se sabe é que as folhas, a raiz e a galhada de certas plantas são mastigadas ou transformadas numa bebida fermentada, que deve ser ingerida ou esfregada no corpo da mulher que quer evitar a gravidez.

Joan Turner (1965, p. 60-3), em seu trabalho de campo junto aos Caiapó do Brasil Central, descobriu informações relativas à utilização de uma espécie da *simaba*, família das simarubeáceas. Essa planta é encontrada no chamado "campo cerrado" brasileiro, e apresenta um arbusto xerofítico, fino, com folhas largas e raízes que se estendem por baixo de uma superfície de solo rico em óxido de ferro. A autora colheu amostras de *simaba*, perto de aldeias dos Gorotire, no Rio Fresco, afluente do Xingu, e dos Kubenkranken, no Riozinho, afluente do Rio Fresco, também no Pará. Apesar das queimadas usualmente feitas pelos índios em setembro, fim da estação seca, a *simaba* sobrevive, porque suas extensas raízes se adaptam às queimadas anuais e à pobreza do solo laterítico.

Foram coletadas duas espécies de plantas a que os índios atribuem propriedades contraceptivas: uma delas, uma orquídea, *Rodriguesia secunda*, é usada apenas externamente, depois que o bulbo é esmagado e esfregado no corpo da mulher. A outra planta, a *simaba*, é mais difundida entre os Caiapó como agente anticon-

ceptivo; é tomada oralmente, e muitos informantes atestam sua eficácia. Supõe a autora que raspas da raiz de *simaba* são postas em infusão em água quente, como um chá que é dado às mulheres, não só para ingerir, como para esfregar no corpo, tendo efeito antimenstrual e anticonceptivo.

Turner verificou que a *simaba* é designada pelos Caiapó por vários nomes, tais como: *mê-kra-kêt-djó*, que significa o efeito anticoncepcional; *kukrut-kañê*, para a ação antimenstrual; *tep-kanê*, quando utilizada na pesca, e, finalmente, *tchuru-tchuru*, o mesmo termo com que designam gafanhoto, fato pesquisado pela autora, que afirma serem as folhas da *simaba* o alimento preferido dos gafanhotos.

Pesquisa recentíssima em torno de anticoncepcionais entre índios é a de Nicole Maxwell (1970), em quatro tribos da Amazônia peruana, onde são usadas plantas por via oral. Seguidas e cuidadosas observações foram levadas a cabo, de 1953 a 1970, entre os Senene Witotos do Rio Napo, os Jívaros do Rio Corrientes, os Sipibo do Rio Ucayali e Pisqui, e entre os Conibos do Rio Utucuru (alto Ucayali).

Apesar da relutância em revelarem a um estranho suas práticas medicinais, Nicole Maxwell, usando habilidade e persuasão, verificou que para os anticoncepcionais as índias são muito mais reservadas; usam ervas também que estimulam a fertilidade, facilitam o parto ou provocam aborto.

Entre os Witoto, menos aculturados que os demais, a primeira informante foi uma curandeira de cerca de 70 anos, filha de um grande *shaman* e tia de um chefe, o que lhe dava uma situação de grande autoridade. Suas revelações, depois de grande trabalho de conquista e amizade, foram a de que as meninas não eram mais dadas ao casamento muito cedo e que as mães davam às jovens que atingiam a puberdade uma poção, que lhes prevenia a concepção por um período de sete anos. O chefe, seu sobrinho, deu à pesquisadora quatro tipos de plantas anticonceptivas, das quais duas vinham de árvores, uma era uma erva, e outra, uma planta tuberosa. Esta última era cultivada pela sua mulher em sua própria chácara; e as outras eram trazidas da floresta.

Entre os Jívaro, foi também uma mulher que falou de plantas secretas, das quais uma era anticonceptiva, com efeito por vários anos; a autora da pesquisa verificou que eram *Cyperus* (espécie de caniço, junça), tais como as mencionadas por Karsten (1920), conhecidas pelo nome de *piripiri*, em toda a região Norte da Ama-

zônia. Aliás, é de se notar que às numerosas espécies de ciperáceas que crescem em toda a bacia amazônica são atribuídos poderes mágicos, por várias tribos da América do Sul. O espírito de não revelar o nome, guardando segredo, foi também encontrado na informante Jívaro.

Nos grupos Shipibo e Conibo, os mesmos juncos eram usados com os mesmos propósitos e cercados de uma mística. Como os dois grupos são muito semelhantes, em língua e cultura geral, há uma semelhança também no tamanho da família, que é sempre pequena, com três ou quatro filhos; declaram que é um mal para a saúde ter filhos em intervalos de dois ou três anos.

Apesar de os homens lidarem também com plantas medicinais, o uso do *piripiri* é um negócio exclusivamente feminino, de que ambos os sexos guardam o segredo, ciumentamente. Há uma particularidade interessante: a de que quase todas têm um pequenino canteiro junto à casa, das variadas espécies de *Cyperus*, declarando que obtiveram a primeira muda, ou de sua mãe ou de uma amiga. Curioso é que os homens se abstêm de discutir sobre aquelas plantas que resolvem problemas reservados às mulheres.

Já em 1961, publicação da mesma autora (MAXWELL, 1961) revelava que, por décadas, certas tribos têm filhos precisamente quando os desejam, controle que conseguem através do uso de plantas, ingeridas oralmente. O segredo sobre essas plantas era, porém, guardado cuidadosamente, por serem essas coisas "*um sagrado tipo de mágica, a mágica de dar ou impedir a vida*".

Entre nós, o Dr. João Leão da Motta (1964) vinha, até 1960, realizando pesquisas entre índios brasileiros, para identificar a planta anticoncepcional com que os grandes pagés (sic) controlam a procriação. Ele teve sua atenção despertada para o problema, no tempo em que servia como médico do ex-SPI, quando notou a existência de uma raiz ou planta que servia "para evitar filho". Sua primeira observação foi no alto Gorotire, Estado do Pará, onde o índio Kapran-Poi o acompanhou na busca, aliás sem sucesso, de uma planta usada para aquele fim. O mesmo observou entre os Maxacali, Estado de Minas Gerais, e também no Xingu, onde o uso da planta era difundido; não conseguiu, entretanto, identificá-la, por haver grande reserva entre os índios sobre seu uso.

Galvão e Simões (1966, p. 37-52) assinalam que, no alto Xingu, uma das causas responsáveis pela depopulação em grupos tribais são "certas práticas de restrição voluntária à natalidade (métodos anticoncepcionais, aborto, infanticídio etc.)".



### 8.1 O problema anticoncepcional entre os Kaingáng de Palmas

Relatamos, no início deste artigo, o que nos surpreendera entre os Kaingáng de Palmas, grupo do Sudoeste do Estado do Paraná, onde famílias pouco numerosas, de três a cinco filhos, às vezes nenhum, levaram-nos a indagar a razão e os métodos do controle de natalidade.

Não fomos, entretanto, os primeiros a denunciar entre os grupos Kaingáng o hábito de meios de controle de natalidade, orais ou externos. Herbert Baldus (1937, p. 29-85) já mencionara que os Kaingáng têm um remédio anticoncepcional que, segundo dizem, provém de uma planta, que, ingerida duas ou três vezes, torna a mulher estéril. Só certas velhas a conhecem, e também só elas podem lhe desfazer o efeito, mas não o mencionam nem revelam para ninguém; a mesma reserva é mantida pelas mulheres que a usam.

Baldus revela que foram os homens que lhe contaram, enquanto algumas mulheres que foram interrogadas disseram não querer saber do tal remédio e tinham filhos. Mais ainda... o chefe Kôikâng revelou: "o remédio de nossas velhas só serve para uma Kaingáng".

Finalmente, relataremos o que nos foi dado surpreender entre os Kaingáng de Palmas, em relação ao uso de anticoncepcionais. Por acaso, fomos levada até a velha índia curandeira (Valeriana Maruca-Maria), com quem tivemos longa conversa, mas da qual não obtivemos qualquer informação, se eram folhas, raízes, caule ou casca de tronco, o que ela dava às índias que não queriam ter mais filhos.

De início, verificamos ser pequeno o número de descendentes de cada casal: não havia famílias numerosas e a média era de três a quatro filhos. Percebemos, entretanto, que, apesar da grande reserva em mencionar o agente anticoncepcional, mostravam-se as índias muito confiantes na prescrição da velha curandeira. A esposa do encarregado do posto confirmou-nos o uso que as mulheres faziam da "receita" para não terem mais filhos, bem como das ervas abortivas que também usavam. Instada para que nos adiantasse alguma coisa sobre a planta, disse-nos, apenas, parecer um tubérculo...

Nossa pesquisa entre os Kaingáng de Palmas, apesar dos dados exatos que apresentamos, está prejudicada, pelo fato de não

termos conseguido identificar a erva, raiz, folha, flor, caule, rizoma, tubérculo receitado pela velha curandeira às mulheres que, coabitando com homem, não querem ter mais filho. A referência que nos foi feita por uma mulher do posto de que seria um tubérculo não nos satisfaz; por outro lado, não encontramos nenhuma referência bibliográfica relativa aos Kaingáng de grupos vizinhos, apesar de nosso empenho. Restou-nos apenas a referência de Baldus (1937) que, entretanto, encontrou a mesma reserva sobre a planta usada para o mesmo fim.

Não podemos terminar este capítulo sem uma referência às considerações de Darcy Ribeiro (1956, p. 3-50), quando menciona "certas práticas de restrição voluntária de natalidade, como a anticoncepção, o aborto, o infanticídio, que foram documentadas em diversas tribos". Dos métodos anticoncepcionais, cita ainda o autor o coito interrompido, processos abortivos mecânicos e químicos; entre estes últimos, *a ingestão de ervas ou a maceração de raízes, às vezes, tóxicas* (RIBEIRO, 1956, p. 34).

Um controle de natalidade tal como existe entre nossos índios é fato que assombra qualquer pesquisador: sem imposição, sem persuasão, as índias de Palmas, como as de outras tribos, controlam o tamanho de sua família.

Estarão tentando, inconscientemente, equilibrar, social e economicamente, seu grupo tribal?

### 8.2 Apêndice — Descida do leite

Grande surpresa nos foi proporcionada pela índia que nunca tivera filho e que, por isso, "comprara" de outra índia o bebê que tinha nos braços. Surgira, porém, o problema da amamentação e, mais uma vez, a curandeira foi consultada, receitando-lhe uma erva que lhe fizera "descer o leite".

O fato surpreendeu-nos e chocou-nos: não conhecíamos caso idêntico; mas ao consultarmos nosso chefe de pesquisa e colaborador, Loureiro Fernandes, médico de largo tirocínio, disse-nos ele que já ouvira falar na possibilidade de o leite surgir no seio, mesmo quando não há concepção.

No caso presente, a erva ministrada teria tido uma função hormonal excitante, ativada depois pela ação mecânica da sucção pela criança que fora adotada como filha pela índia que a tinha nos braços. Na verdade, tínhamos verificado, por ocasião de nossa

pesquisa antropométrica, que o bebê, ao ser retirado do seio, trazia ainda os lábios úmidos do leite de sua mãe "adotiva".

Não há dúvida de que, entre a medicina indígena, são apontados por Corvetto (1968), em seus "Estudos etnobotânicos", a *Araujia hortorum*, como galactógeno, e Ramon Pardal (1937), com sua "Medicina aborígene americana", como galactóforos, o caldo de camarões e o caldo de uma ave chamada *pito* (accacchlu, em quéchua, e yararaca, em aimará).

As larvas de ascancoy, assim chamadas pelos antigos peruanos, também eram comidas pelas mulheres como galactóforos, assim como o mancapaqui (mata bobo ou mata loba) que se usava no cozimento das flores e das folhas.

Para confirmar o fato que tanto interesse nos suscitara, resolvemos ouvir a opinião do Prof. Rodrigues Lima, Professor Titular de Obstetrícia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que já havíamos consultado sobre os anticoncepcionais; e dele merecemos informações valiosas, altamente esclarecedoras e que enumeraremos a seguir:

— É possível a lactogênese, que é consequência da elaboração de prolactina que, lançada na circulação, provoca a secreção do leite. A sucção do mamilo origina impulsos que, transmitidos ao hipotálamo, provocam liberação de oxitocina. O hormônio lançado na circulação provoca, pela neuro-hipófise, a contração das células mioepiteliais das paredes alveolares da glândula mamária. A contração é responsável pela expulsão de leite do interior dos alvéolos.

— Acredita-se que a pressão da sucção facilita a saída do leite dos canalículos maiores para o exterior, enquanto que a contração das paredes alveolares provoca a chegada do leite a estes canalículos. São conhecidos os efeitos dos extratos da hipófise sobre a galactopose (DELASCIO, 1967).

O mecanismo é humoral e o fator é a oxitocina que provoca a "descida do leite", estimulando contrações das células mioepiteliais, que rodeiam os alvéolos. Mais ainda, nas mulheres, o córtex cerebral tem uma importante influência que domina todos estes mecanismos, e a lactação é profundamente afetada pelas emoções e atitudes psicológicas (1971 — *Tratado de Enseñanza Integrada de la Medicina*. v. 1, cap. 37, p. 1119-20. Editorial Científico Médico).

Assim, três fatores teriam acionado o mecanismo de "descida do leite" na Índia que não havia concebido mas desejava alimentar

seu rebento adotivo: humoral, mecânico (sucção) é, sobretudo, psíquico, a lhe proporcionarem tudo que uma verdadeira mãe desejaria...

Assinale-se também aqui um fato interessante e que no correr de nossa pesquisa bibliográfica sobre a anticoncepção nos foi dado constatar: há casos em que muitas mulheres nativas, *sabiamente*, prolongam a lactação, para evitar nova concepção...

### 8.3 Glossário

*Argerarger* — *Callicarpa* sp.

*Bareguekerú reu* — Bororo (MUSSOLINI, G., 1946).

*Bok* — um longo arbusto.

*Capim-sapé (sapé grass)* — Šerente (NIMUENAJU, 1942).

*Cedar bark* — Šerente (NIMUENAJU, 1942).

*Cicuta maculata* — *Musquash root* (raízes); *Cintra maculata*; *Thylinsti*, em língua cherokee (raízes).

*Cyperus corimbosus* — Rio Uapés (MURÇA PIRES).

*Dioscorea sativa (var. rotunda)* — Ijarri ou ka a tá (Kaiwadji).

*Dioscorea sp.* — Inhame (tubérculo).

*Família zingiberácea branca* — Rio Uapés (MURÇA PIRES).

*Família zingiberácea roxa* — Rio Uapés (MURÇA PIRES).

*Jorubo-bo-et-ore-bacua-re-u* — Folhas e raízes. Bororo (MACIEL DE SOUZA, 1941; COLBACCHINI, 1919).

*Kakaú* — *Natunnum. Lapalet*. Nativas da Oceania (PITT-RIVERS, 1927).

*Kato'n* — Casca triturada, usada pelas Apinyé (NIMUENAJU, 1939).

*Pi a lá (Entada scadens)* — Usado pelas nativas Kawadji, Cabo York.

*Piri* — Espécie de junco que cresce nos campos e lugares úmidos. Nome comum a numerosas plantas das famílias das ciperáceas e das juncáceas.

*Piri-açu* — (BARBOSA RODRIGUES, 1905) *Cyperus* sp.

*Piri-mirim* — (BARBOSA RODRIGUES, 1905) *Cyperus* sp.

*Piripi* — Espécie de junco de terra firme. *Ciperácea*.

*Piripiri* — Juncácea paludosa, rizomática. *Cyperus piperioca* (MAXWELL, 1970 — Amazônia peruana). Caniço, junco igual aos identificados por Karsten (1920).

*Piripiri* — *Rynchospora storea* — as raízes são esmagadas (KARSTEN, 1920).

*Rodriguesia secunda* — Orquídea, cujo bulbo é esmagado e esfregado no corpo da mulher que não quer filho (Caiapó — TURNER, J., 1965).

*Simaba* (cipós e plantas) — Caiapó (BANNER, 1961; BALDUS, 1937; DREYFUS, 1963; CANDELLA, 1965).

*Simaba* — Família das simarubeáceas. Caiapó do Brasil Central (TURNER, J., 1965). *Mê-kra-kêt-djó* — “gente filho não tem”.

*Sóbe* — *Eugenia chisiacfolia* (HADDON, 1908 e BRUCE, 1908).

*Stenomesson variegatum* — Amarilidácea; planta bulbosa com bulbo tunicado (LÉVI-STRAUSS, 1950).

### GALACTÓGENOS

*Araujia hortorum* — Tasi kachú, em araucano — pampa (CORVETTO, 1968). “La fruta sancochada se aconseja como galactógeno.”

*Mancapaqui* — “Mata loba” ou “Mata bobo” se usaba en conocimiento de las hojas y flores, como galactóforo (PARDAL, 1937).

*Ascanthy* — Chamada pelos antigos peruanos de Ascancoy, era usada pelas mulheres como galactóforo (PARDAL, 1937).

## 9 CENSO: POPULAÇÃO E DEPOPULAÇÃO ENTRE OS KAINGÁNG

Os problemas de população vêm sendo, recentemente, encarados com grande seriedade e cuidado pelos antropólogos, quer no seu aspecto físico, quer no social e, entre grupos indígenas brasileiros, é de se assinalar, logo de início, o estudo de Wagley (1951, p. 95-104), que merece ser analisado por ser pesquisa comparativa entre dois grupos por ele estudados, Tonetehara e Tapirapé, e porque o autor encara o problema por um prisma de grande significação, qual o do efeito sobre os valores culturais e a estrutura social, do tamanho da população grupal. A estrutura social e os valores culturais de qualquer sociedade são funcionalmente relacionados a um determinado nível populacional; quando há mudança neste nível, tanto os valores culturais como a estrutura social têm que ser reajustados.

Seminários e simpósios têm-se dedicado aos aspectos histórico (Paleodemografia), dinâmico, atual, num abrangente aspecto econômico-social, constituindo mesmo — e é o que Moni Nag (1975, p. 264-6) propõe — uma “Antropologia de População”, quando, no Congresso de Wisconsin, realizado sob os auspícios e paralelamente ao IX ICAES, sugere estudos em combinação com o “Project Director of the World Fertility Survey”, da Smithsonian Institution Center, visando a um Documento à Conferência Mundial de Bucarest, sobre população, em 1974.

A Antropologia moderna faz uma abordagem nova do problema populacional, ao estudar e desenvolver uma política de população, onde programas de planejamento familiar e controle de natalidade são estudados em vários campos de atividade científica; já se fala, hoje, em termos modernos, atuais, de um *neomalthusianismo*.

Lucile Newmann (1968, p. 231-2) enfatiza a necessidade de um sistema universal, de valores, baseado na necessidade do controle populacional, como uma tarefa paralela de educação, saúde e instrução, sobre os métodos deste controle. O uso de um anticon-

cepcional eficiente não é tarefa que caiba só ao antropólogo, mas muito mais complexa é a avaliação das razões de aceitação ou não dos métodos de controle, face às tradições que o envolvem, é o que adverte El Hamansy, em seu atualíssimo artigo "Cultural anthropology and population studies" (1968, p. 210-2).

Quase idêntica advertência faz Woodburn (1968), em recente simpósio sobre "Demography and population ecology", ao mencionar e comentar dois delicados problemas: o controle de natalidade e o infanticídio. No primeiro caso, lembra, como ponto importante, que estas decisões devem ser tomadas dentro da família, e acrescenta, ainda, que em muitos casos o devia ser pela mulher. Para Woodburn, isto tem importantes implicações, das quais a principal é o fato de que a escolha é relativa às circunstâncias de cada caso particular, e não necessariamente de todo o grupo ou população.

Finalmente Polgar (1972), cheio de inquietude sobre os problemas de população e suas implicações atuais, argúi, com propriedade, que não se admite mais um problema populacional sem estar sob controle científico, principalmente da Antropologia. Os programas de planejamento familiar, um verdadeiro neomalthusianismo, não podem fugir ao estudo da história cultural, nem levar os grupos humanos por meios persuasivos ou coercitivos a adotar uma norma de controle familiar.

Uma visão dos problemas que afetam as populações, com os possíveis efeitos deste controle no futuro da humanidade, é lembrada por Moni Nag, em recente artigo (1975, p. 264-6), que adverte não devem ser esquecidos dos *so-called* antropólogos de população (*population anthropologists*) alguns aspectos muito sérios a considerar e, principalmente, a propor, em termos dos mecanismos utilizados e das conseqüências para a vida dos grupos estudados.

Por sua alta significação, o Seminário de Bucarest, coincidentemente realizado em 1974, Ano Mundial de População, e onde um plano de ação, preparado pela ONU, focalizou os atuais angustiantes problemas e questões relativas às populações mundiais, foi corroborado pela International Union of Anthropological and Ethnological Sciences, por sua nova Population Commission, entrosada, por sua vez, com o Research Institute for the Study of Man (RISM), da Smithsonian Institution e de cujo comitê é presidente Moni Nag (International Institute for the Study of Human Reproduction, da Columbia University). Dela fizeram parte cientistas da Romênia, México, Índia, Quênia, Gana, Nigéria, Venezuela,

Indonésia, Estados Unidos, além de alguns antropólogos de grande expressão científica, como Margaret Mead, Sol Tax, Steven Polgar e Sam Stanley.

Em verdade, até o presente a Antropologia Cultural não havia contribuído, significativamente, para um dos mais urgentes problemas do momento — o crescimento populacional e seu respectivo controle. Não é problema do antropólogo a escolha do método de controle, mas o estudo sócio-cultural de um grupo pode ajudar na aceitação ou rejeição dos métodos anticoncepcionais, especialmente quando esta rejeição é determinada por um explicável tradicionalismo cultural (EL HAMANSY, 1968, p. 210-2).

Em maio de 1971, Sol Tax e Sam Stanley organizaram uma conferência, na qual os temas População, Ambiente e Educação foram debatidos por especialistas, entrosados, porém, em seus argumentos, pela razão comum, o homem (TAX, Sol, 1972). Patrocinado pelo Center of Study of Man, da Smithsonian Institution, vale encarecer, especialmente aqui, os tópicos referentes ao item População, quando os fundamentos de uma pesquisa de população, métodos de estudo, dados descritivos e estatísticos e respectivo processamento foram abordados por especialistas. O item foi desenvolvido em tópicos diversos, dos quais os relacionados com o ambiente físico e social mereceram maior atenção, com recomendação especial para a organização das ciências do ambiente e da Ecologia. Não menor foi o cuidado com o item Educação, que coroou, por assim dizer, as conclusões do encontro, expressas nas palavras de Sol Tax: "that at the heart of the problem of understanding the nature of culture and society and the transmission of culture is an interest in education and its relation to culture and social organization".

Estudando as populações em seus diferentes aspectos e campos, ressalta como de grande importância o problema que contém em seu bojo todas as pesquisas que envolvem o crescimento ou a diminuição populacionais; enfim, o processo demogenético dos grupos humanos. À "explosão demográfica", expressão hoje de uso vulgar em programas científicos e governamentais, opõe-se o não menos sério problema da "depopulação", objeto de preocupações e tema de pesquisas em vários campos da ciência humana.

Apraz-nos, de certo modo, encontrar, em revistas especializadas, resumos de pesquisas em busca de relações de causa e efeito, sobre o que exibem os resultados dos censos. Sem nos determos na alta especialização que a moderna Demografia utiliza, com índices e relações matemáticas que culminam em altas elucubrações

estatísticas, tentaremos analisar alguns conceitos que nos pareceram do maior interesse para o caso específico dos Kaingáng.

Petersen (1975, p. 227-45) postulava que um considerável declínio de população nos grupos "primitivos" seguiu-se aos primeiros contatos com a civilização e que as causas da depopulação formavam uma lista impressionante! A depopulação, entretanto, não foi universal e, quando ocorreu, o foi em várias gradações quantitativas e, até recentemente, não era fenômeno muito familiar à maior parte dos antropólogos de campo.

Relacionando-se a disciplinas dos campos biológico e cultural, os fatores demográficos são a causa e efeito a considerar num complexo cultural; daí a significação do aspecto cada vez mais intenso dado recentemente aos estudos demogênicos, em seu duplo aspecto biocultural.

Entre nós, Darcy Ribeiro (1956, p. 3-50) abordou, com fatura de dados, o problema da depopulação, quando, ao estudar "convívio e contaminação" entre índios e neobrasileiros, documentou com fatos o problema. Atribui a moléstias contagiosas, após o contato com brancos, segundo documentos de Horta Barbosa (1913), em cujos dados se baseia. O aumento de virulência de uma simples gripe se dá, quando os índios se refrescam nos rios, às vezes, ardendo em febre, além de se mostrarem rebeldes às regras e dietas prescritas pela medicina dos brancos. É citado o caso do sarampo que, em 1913, dizimou os Kaingáng paulistas, um ano depois da pacificação, quando uma invasão de cafeicultores da região os contagiou, determinando enorme mortalidade, reduzindo drasticamente a tribo.

O caso concreto dos Kaingáng merece aqui, por motivos óbvios, menção especial, e Darcy Ribeiro (1956), corroborado por Herbert Baldus, lembra que gripe e sarampo foram as causas principais do quase extermínio dos Kaingáng; de cerca de 1 200 reduziram-se a menos de 200, quatro anos depois. (Mais recentemente, 1957, Darcy Ribeiro alega que estão reduzidos a 87.)

Um fato já assinalado, entretanto, por outros autores, é o de que alguns grupos, após as reduções maciças pelo contato com os brancos, mostram uma verdadeira acomodação, que lhes permite sobreviver. Daí lembrarmos, ainda uma vez, o que Wagley (1951) observou entre os Tenetehara e os Tapirapé em que foram diferentes as reações dos grupos no tocante à estrutura social, mesmo quando há o mesmo ambiente e sistemas adaptativos quase idênticos.

Vale assinalar que uma vasta documentação mostra, segundo Darcy Ribeiro, que tribos indígenas como a dos Kuikuro (1956), que têm vivido em isolamento, apresentam flagrantes aproximações estruturais com os Kaingáng de São Paulo, ilhados entre fazendas, numa das regiões de mais alta densidade demográfica do país, e nós acrescentaríamos, no Estado do Brasil de maior grau de industrialização.

Cada caso, de modo próprio, alcançou um equilíbrio entre o sistema tecnológico, as condições ecológicas e certas práticas de contenção demogênica, que só lhes permitam reproduzir, aproximadamente, o mesmo montante populacional. Tudo indica que atuavam fatores no sentido de impedir o crescimento das populações, que Darcy Ribeiro chama de fatores de estabilização. Mais que estes fatores, porém, parecem pesar na estabilização demográfica certas práticas de restrição voluntária de natalidade, como a anticoncepção, o aborto, o infanticídio, copiosamente documentados em diversas tribos; sobre essas práticas tivemos ocasião de falar fartamente no capítulo 7.

Assim estariam explicados alguns mecanismos dos fenômenos de população e depopulação: os incrementos e decréscimos — que os censos indígenas, tão necessários, exprimem — favorecem a compreensão, em muitos casos, de seus efeitos e mudanças profundas na vida social.

Ao escrevermos com documentos de uma pesquisa entre os Kaingáng de Palmas um capítulo sobre métodos anticoncepcionais, nosso objetivo foi assinalar um fato, que encontramos citado fartamente na literatura mundial sobre grupos nativos, verificado também entre nossos índios.

Polgar (1972) e Ribeiro (1956), assinalando a importância desses planejamentos familiares, que constituem um neomalthusianismo, acham, o primeiro, que a política demográfica deve ser dirigida sem persuasão pressionante, coerção ou qualquer espécie de engodo; enquanto o segundo (RIBEIRO, 1956, p. 40) adverte que, em algumas tribos, as práticas de contenção demogênica passaram a constituir fatores de depopulação, afetando a vida social, com problemas de redefinição de valores, readaptação de instituições, que podem até levá-la a um colapso.

Os problemas atuais de censo das populações aborígenes fazem emergir algumas considerações especializadas e de verdadeiros especialistas no assunto. Uma reconstrução de numerosas populações indígenas de tempos históricos e até pré-históricos, como a da Bacia Amazônica, citada por Dobbys (1966), foi calculada sobre

a estrutura social antes da conquista, pelo espaço de um século, com estimativa ideal das unidades administrativas ligadas aos grupos. O autor cita dados relativos aos Kaingáng: "The Kaingáng dropped from 1200 in 1912 to about 200 in 1916, and 80 in the 1950's, a ratio of 15 to 1" (DOBBYNS, 1966). É interessante notar que estas cifras citadas por Dobbyns, que se apoiou em Lévi-Strauss (1961), foram imediatamente refutadas por um pesquisador brasileiro, que estivera recentemente entre eles, alegando ser inexato o índice de depopulação que se atribuía ao grupo (SALZANO, 1967, p. 505).

Duas tentativas também dignas de menção são a de Rosenblat (1945), quando tentou reconstituir a população indígena da América, desde 1492 aos tempos atuais, nos anos de 1492, 1575, 1650, 1825 e 1940, e a de Steward (1950), quando, em contribuição ao excelente *Handbook of South American Indians*, aponta as evidentes dificuldades metodológicas inerentes aos estudos das populações aborígenes americanas. A densidade populacional por unidade de área é uma medida imperfeita do sucesso das atividades de subsistência na área, e é relacionada, de certo modo, com o desenvolvimento cultural. ("It is the size, composition and permanency of these communities which provide the seating for sociopolitical patterns and cultural behavior" — STEWARD, 1950, p. 655.)

Uma advertência relativa aos censos atuais, que Steward considera de pouca confiança, principalmente porque na América hispânica há uma tendência para classificar índios, mais à base do critério cultural que étnico. Em um quadro demonstrativo, Steward cita os Kaingáng como sendo em número de 17 500, com 2 500 por unidades de 100 km<sup>2</sup>, com 7 pessoas por 100 km<sup>2</sup>; admite, entretanto, que amostras mais recentes apresentam valores mais baixos (STEWART, 1950, p. 661).

Secundando pesquisas de vários autores, relacionando densidade populacional e estrutura social do grupo, Steward cita as estimativas de Kroeber (1939) para índios da América do Norte, com as conclusões de que uma cultura rica, usualmente, apresenta um índice de alta densidade populacional.

Na mesma linha de pesquisa de estimativas da população aborígene americana, Thompson (1966, p. 417-8), matemático computador, *doublé* de cientista social, procurou sistematizar uma técnica de avaliação populacional "using anthropological and biological data". Nesta tentativa, Thompson acha que três fatores essenciais se interacionam para limitar o tamanho da população de uma dada cultura. Não nos furtamos a citá-los aqui, por entendermos

serem eles, realmente, determinantes, ainda porque nossa experiência de campo os tem revelado e confirmado: 1) "the physical biological habitat in which the culture operates; 2) the techniques and technology which are utilized for extraction of sustenance from this habitat; 3) the materials recognized as being available for exploitation by members of the culture".

Censos no Brasil — Os últimos dados de que se tem notícias são os citados por Darcy Ribeiro (1957), o que levou o CNPI, em 1963, a empreender uma nova pesquisa censitária de nossos grupos indígenas. Sua presidente, Heloísa Alberto Torres, deu início à difícil e dispendiosa tarefa de atualizar os números citados por Darcy Ribeiro, que davam um total aproximado de 99 700 índios (POURCHET, 1967, p. 135-6).

A vasta extensão territorial, cultural e lingüística do Brasil foi dividida em regiões, e vários questionários compunham uma ficha-modelo. Dados referentes também à situação dos postos, quanto a recursos, acurada estatística populacional, com um critério uniforme para a avaliação quantitativa e qualitativa do índio, dentro de uma caracterização justa e expressiva da situação. Daí o número de informações que viriam contribuir para o estudo de problemas específicos de cada grupo e necessidades gerais de todos os grupos.

Ney Land, encarregado da chefia da Comissão Executiva, forneceu-nos dados concretos sobre tudo o que se relacionou, primeiro, com o planejamento, depois, com a programação e, por fim, com a execução, iniciada, mas infelizmente não concluída.

Representando 0,01 da população brasileira em 1957, tudo levava a crer que flutuações demográficas deveriam alterar essa cifra, e foi isto a que se propôs o CNPI, através de sua comissão de censo, chefiada pelo pesquisador acima citado. Para sermos mais exata na informação sobre os primeiros dados, preferimos transcrevê-los dos boletins das regiões fornecidos por aquele pesquisador. A este censo, o mais moderno que o Brasil poderia ter oferecido sobre índios brasileiros, infelizmente só realizado em quatro regiões, chamaremos de Censo CNPI-Ney Land.

Os Kaingáng, como parte da região Sul, felizmente terminada, apresentaram-se com o número total de 5 352, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Como nos interessam mais de perto, por estarem ligados aos problemas abordados neste capítulo, bem como por serem o objeto principal de nossa pesquisa, os Kaingáng de São Paulo e do Paraná receberão consideração especial.

*Índios Kaingáng — Censo CNPI-Ney Land**São Paulo*

Posto Vanuire — 66

Posto Cap. Kenclã — 48

*Paraná*

Posto Barão de Antonina — 180

Posto Telêmaco Borba — 188

Posto Dr. Xavier da Silva — 290

Posto Cacique Gregório Kaeikechot — 338

Posto Carlos Cavalcanti — 50

Posto Fioravante Esperança — 208

Posto Cacique de Ipanema — 195

Posto Interventor Manoel Ribas — 496

Posto Dr. José Maria de Paula — 329

*Santa Catarina*

Posto Dr. Selistro de Campos — 889

*Rio Grande do Sul*

Posto Cacique Doble — 222

Posto Paulino de Almeida — 338

Posto Guarita — 831

Posto Nonoai — 681

Total: 5 349

Os valores para os três grupos que estudamos, de Palmas, Rio das Cobras e Vanuire, foram, respectivamente, 208, 496 e 66. Isto nos leva a algumas reflexões, principalmente em torno do número reduzido de índios Kaingáng, do Posto de Vanuire, próximo à cidade de Tupã, Estado de São Paulo.

Darcy Ribeiro (1956), em sua publicação *Convívio e contaminação*, aponta o fenômeno de depopulação dos Kaingáng de São Paulo, pacificados pelo SPI em 1912, como tendo diminuído de 1 200 para 87; e atribui à gripe e ao sarampo as causas principais que quase os exterminaram. Podemos documentar esta depopulação com os recentíssimos dados do Censo CNPI-Ney Land, que nos dá cifra ainda menor: 66, para o Posto Vanuire, e o total de 114 para os Kaingáng dos dois postos do Estado de São Paulo.

Para nós, porém, que tivemos experiência recente com os Kaingáng de São Paulo, justamente os do Posto Vanuire, há um novo fator de depopulação a acrescentar, que só se evidenciou neste grupo — o grau de integração de alguns indivíduos na vida das populações brasileiras, fato que decorre da situação de proximidade de grandes centros, de tecnologia avançada, o que lhes dá uma ânsia de ganho e ascensão. Foi o que documentamos em Tupã, quando nos foram relatados casos de índios, adultos jovens, que deixaram a vida tribal e se tornaram cidadãos brasileiros comuns, ganhando a vida nas indústrias e fazendas próximas e, até, casando com filha de fazendeiro (um caso), o que lhe deu uma posição elevada na sociedade local.

Assim, achamos que a depopulação que se apresentou no grupo de São Paulo e que, ao contrário, não apareceu nos outros dois grupos (Paraná) teve, além dos outros fatores apontados por Darcy Ribeiro, este que testemunhamos bem atual, ligado a um tipo de circunstâncias todo especial, como muito bem caracteriza Aguirre Beltrán (1970, p. 136): “las pressiones que sobre él ejerce la cultura industrial que lo envuelve cada vez más y más sin respectar sus antiguas regiones de refugio”; este será, segundo nos informaram, um fator crescente daquela depopulação.

Acreditamos que haverá conseqüências específicas sobre a vida social do grupo (WAGLEY, 1951), pois qualquer sistema social, mesmo o mais simples, só pode operar à base de um número mínimo de membros, que, diminuído, impossibilita a vida social nos moldes tradicionais (RIBEIRO, 1956).

À análise de Darcy Ribeiro sobre os Kaingáng de São Paulo queremos acrescentar este testemunho, bem recente, de um agravamento do problema populacional, exigindo redefinição de valores e readaptação de instituições.

Ao lado das doenças e do controle de natalidade, a *evasão por ânsia de ganho*, com a perda da condição tribal, é também fator de depopulação!

## 10 AÇÃO INDIGENISTA EM TRÊS GRUPOS KAINGÁNG

Fazia-se mister uma comparação entre os três grupos, face à ação indigenista governamental exercida através da ação dos postos de serviço de proteção aos índios. Alguns funcionários desses postos vinham merecendo severas críticas que, veiculadas pela imprensa, criaram um clima de nervosismo, às vezes de mal-entendidos, de um certo sensacionalismo, com repercussão no estrangeiro e em organismos internacionais (POURCHET, 1972, p. 43-6).

É lamentável que a sucessão de fatos tenha criado este clima; fatos que deveriam ser considerados em suas devidas proporções, sem exageros atenuantes ou agravantes, num país que deve nortear seu serviço assistencial ao índio, sob a égide de Rondon, inspirando uma política indigenista digna de seu passado histórico.

Houve e tem havido erros, dos quais, entretanto, não pode ser responsabilizada uma coletividade. São falhas pessoais, que envergonham um povo mas não enodoam sua história...

O ex-CNPI, órgão normativo de assistência ao índio, há muito vinha sentindo e recebendo denúncias de graves falhas, em algumas unidades do órgão executivo, que era o ex-SPI.

Nossas pesquisas de campo em três grupos Kaingáng, onde verificamos a diferença da influência assistencial indigenista nos três postos que visitamos, levaram-nos a concluir que uma ação bem orientada de uma política indigenista poderá beneficiar o índio, tutelado da Nação e com direitos garantidos por um artigo de sua Carta Magna.

Os três grupos Kaingáng, de situação geográfica próxima, eram integrados (RIBEIRO, 1957) e assistidos diretamente por postos do SPI: dois no Estado do Paraná, o Fioravante Esperança e o Interventor Manoel Ribas; um no Estado de São Paulo, o Posto Vanuire. O primeiro foi por nós visitado em duas ocasiões (1955 e 1959); o segundo, em 1963, e, finalmente, o terceiro, em 1966.

Como, então conselheira do CNPI, fomos testemunha do grande plano de reformulação da política indigenista, que aquele

Conselho vinha se propondo realizar, quando dele faziam parte, como conselheiros, antropólogos, com experiência de campo em comunidades indígenas, técnicos em indigenismo e em defesa florestal, sob a presidência da etnóloga Heloísa Alberto Torres (José da Gama Malcher, Roberto Cardoso de Oliveira, José Bonifácio Rodrigues, David Azambuja, Roberto da Matta, Maria Júlia Pourchet).

Imbuída do espírito desta assistência governamental, que deveria ser prestada ao índio, como membro do CNPI, tivemos em mente uma comparação e, até certo ponto, uma apreciação crítica da atuação do SPI, através da administração, nos três postos.

Embora nossas pesquisas tivessem como objetivo inicial o estudo antropológico dos índios, elas envolveram, entretanto, uma série de observações paralelas, de que demos conta em capítulos precedentes.

Como já tivemos ocasião de referir várias vezes, os Kaingáng de São Paulo e do Paraná, conhecidos outrora por Coroados, do grupo lingüístico Jê, um dos maiores grupos indígenas do Sul do Brasil, são considerados como integrados. Esta integração é, em verdade, uma forma de acomodação, com as alternativas de um lado, de certo grau de conservação dos atributos culturais e, de outro, uma *soi-disant* participação na vida econômica e no comportamento institucionalizado da sociedade nacional (RIBEIRO, 1957).

Analisados os vários aspectos citados, com a coleta de dados autropológicos (caracteres métricos e descritivos), a aplicação de testes psicológicos (técnica projetiva) a crianças e jovens, inquérito alimentar, condições de subsistência etc., parecem-nos permitidas as conclusões do final deste capítulo.

Este último aspecto é o que, aqui, merecerá apreciação mais cuidadosa, pois, de nossa observação, ficamos convencida de que nele se refletia, com mais intensidade, a ação governamental, através de orientação do posto do SPI, à qual cada grupo estava subordinado, para fins de administração e assistência.

Kaingáng de Palmas (Posto Fioravante Esperança) — Vivem na região dos campos de Palmas, numa altitude de 900 a 1 000 m, de clima muito saudável, com temperatura extremamente baixa no inverno, com regiões esparsas de pinheiros, banhada por numerosos afluentes dos grandes rios próximos (Iguaçu e Chopim), entre os quais o Rio das Lontras, que dá nome ao posto, também conhecido como Toldo das Lontras.



Ao tempo de nossas duas visitas, sob os auspícios do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná, colaborando com seu diretor, Prof. Loureiro Fernandes, foi possível verificar uma situação de pobreza e má organização quanto aos recursos que o posto poderia proporcionar. Soubemos que havia devastação de pinheirais, em terras pertencentes ao posto, com utilização de serra automática, sem que os índios ou a administração do posto pudessem evitar.

A criança é muito pouco assistida, quer no campo educacional, quer no sanitário; o aspecto físico é revelado por deficiência orgânica, pouca atividade mental, pouco desembaraço motor (POURCHET, 1962). No posto há reduzida criação de animais (somente alguns porcos e galinhas), cultura do solo pouco desenvolvida, mal dando para fornecer alimentos essenciais durante o ano, haja vista o que acontece com a mandioca, que preferem adquirir a plantar. Há algum aipim e milho, que, entretanto, nem chega a amadurecer, porque é consumido ainda verde. Alimentam-se dos escassos porcos e galinhas, e também de alguns animais que caçam, como o tatu, que oferecem aos visitantes como uma especialidade culinária. (Tivemos ocasião de provar e achamos que o sabor lembra o da carne de galinha.)

Kaingáng de Rio das Cobras (Posto Interventor Manoel Ribas) — Vivem os índios em zona à margem do Rio das Cobras, onde campos e pastos se estendem a perder de vista, com poucos pinheiros, numa altitude de 900 m, onde a temperatura no inverno chega a 7 graus abaixo de zero, e no verão vai a 32 graus. Cultivam batata-doce, abóbora, milho, legumes do mato, como a urtiga, a uvaia, a gabioba etc. A pesca pela proximidade do Rio das Cobras e seus pequenos afluentes é intensa, principalmente do suruvi, de que, aliás, gostam muito. Incentivados pelo posto, criam seus próprios animais (porcos e galinhas), prestam serviço, como assalariados, na criação de gado e na plantação, administrada e controlada pelo posto. São de aspecto físico muito saudável e confiantes em um atendimento, quando, em condições de saúde precária, recorrem ao posto. Em casos de enfermidades graves (testemunhamos dois casos graves, um de cardiopatia grave, em adulto idoso, e outro de tuberculose, em adulto jovem), o posto providencia imediatamente o transporte para o Hospital Municipal da cidade mais próxima, Laranjeiras do Sul, onde são atendidos não só em casos de emergência, como nos de hospitalização.

Kaingáng de Tupã (Posto Vanuire) — Situado no município de Tupã, Estado de São Paulo, o Posto Vanuire fica próximo de

zona servida pela estrada de ferro que atinge e depois cruza a fronteira com o vizinho e longínquo Estado de Mato Grosso.

Pacificados em 1910, constituem um dos três únicos casos que saltaram da condição de *isolados* para *integrados* (RIBEIRO, 1957) e apontados pelo autor citado como “numa situação de sobrevivência explicada pela intervenção protecionista, que, embora não podendo impedir uma enorme depopulação, permitiu-lhes resistir à dramática experiência que representa o salto da condição tribal para a de índios civilizados” (RIBEIRO, 1957).

O posto atende também a índios Krenak e a alguns mestiços de Kaingáng com Krenak e Kaingáng com Terena.

Cada família tem seu pedaço de terra para fazer sua lavoura, providência tomada pela administração do posto para evitar constantes querelas, por causa de roças e plantações. Quando lá estivemos, em 1966, havia grande interesse na cultura do amendoim, e, como o posto se situa nas proximidades de Marília e Bauru, duas cidades onde é intensa a industrialização do amendoim para óleo de cozinha (Companhias Sanbra, Anderson Clayton etc.), todo o produto é comprado e se constitui em boa fonte de renda. São também interessados em outras culturas: milho, feijão, legumes para consumo etc.; o café, porém, que foi forte produção da região, hoje está decadente, com poucos pés raquíticos, cafezais em completo declínio.

O posto está bem aparelhado para fornecer recursos para as lavouras, pois possui um arado, um trator, um distribuidor e um separador de sementes. Sob controle do posto, os índios podem vender os produtos de suas lavouras, embora não auferam toda a renda apurada, pois, segundo o encarregado do posto, “quando se apanham com dinheiro, abusam da cachaça”. Alguns possuem, em seus lotes de terra, pequena criação de porcos e galinhas, e o posto tem algumas cabeças de gado vacum e eqüino. Os índios que podem, e são quase todos, adquirem leite por compra, norma estabelecida para que dêem valor “porque assim sabem quanto custa...”

Com a renda que obtêm, com a venda do amendoim às companhias já citadas, os índios compram algumas utilidades, além de produtos das fazendas e roças vizinhas; carne e leite são adquiridos também do posto.

A assistência do posto se faz também no serviço médico que, apesar de não ser permanente, o é periodicamente, por um médico visitante, que aplica vacinas e vermífugos. Casos graves e de

emergência são atendidos pelo Hospital Municipal de Tupã, e a parte de farmácia e de socorro urgente é exercida com o maior cuidado por um jovem prático, que o traz perfeitamente organizado em matéria de rotulagem de medicamentos bem como no cadastramento do estado sanitário de cada indivíduo.

Alimentação assegurada, atendimento médico garantido e ainda merenda escolar para as crianças da escolinha do posto são uma prova da assistência proporcionada aos índios.

O fato de serem proprietários de pequenos pedaços de terra e de ganharem dinheiro por si mesmos deu-lhes um estímulo para melhorarem cada vez mais nas condições de subsistência e criou-lhes um senso de gozo da vida, adquirindo utilidades e comprando alimentos. A maioria possui seu rádio de pilha, e algumas mulheres já têm sua máquina de costura elétrica, comprada a prazo e paga com o produto de suas costuras e bordados. A competição que se estabelece entre as mulheres resulta numa ânsia de produzir mais e melhor, de comprar mais utilidades, entre as quais, móveis para suas casas; verificamos casos de utilização de serviço dentário pago fora do posto e, até, de ondulação permanente em salão de beleza da cidade de Tupã, porque, segundo me disseram as duas índias que o fizeram, "o cabelo crespo é mais bonito que o liso".

A esposa do encarregado do posto estimula-as a esta competição, organizando exposições de trabalho não só sobre os melhores como sobre o modo de apresentar a casa, quanto à limpeza, ao arranjo etc.

### 10.1 Conclusões

Do que nos foi dado observar nas visitas aos três grupos, somos levada a conclusões que, se não são definitivas, dependerão de uma apreciação mais extensa a outros postos, quando serão confirmadas, ou, talvez, infirmadas.

A) *Posto Fioravante Esperança* (Palmas) — Completa desorganização do posto, resultado de precária administração, resultante, segundo os dois administradores (1955 e 1959), da falta de recursos, reclamados insistentemente e não atendidos. Péssima reação das crianças e dos adultos em relação a qualquer solicitação, resultado, ao que nos pareceu, de uma profunda decepção, por falta constante de atendimento.

Apesar da grande extensão de terras, muito pouca lavoura e, também, quase nenhum aparelhamento.

Acresce a circunstância de nem sempre poderem defender-se dos estranhos que invadem pinheirais do posto, devastando-os para proveito próprio.

B) *Posto Interventor Manoel Ribas* (Rio das Cobras) — Boa administração do posto, com escola para as crianças. Bom atendimento médico, com transporte assegurado pela camioneta do posto, em casos de emergência. Criação de gado e extensa lavoura, que proporcionam ao índio trabalho como assalariado.

C) *Posto Vanuire* (Tupã) — A situação do posto, próximo a uma cidade do Estado de São Paulo, de excelente economia e alto índice de industrialização, já constitui um privilégio, e ainda mais, a proximidade de centros industriais muito ativos e de zonas produtoras muito férteis.

Ótimo atendimento aos índios, em relação à educação das crianças, ao estado sanitário de todos os indivíduos, com assistência hospitalar e de emergência, assegurada em hospital da cidade próxima, Tupã. Bom aparelhamento agrícola, administração de lotes de terra individuais, sob o controle do posto, e que lhes dá uma sensação de ganho e de posse.

Pareceu-nos lícita a conclusão de que, nos três grupos onde as constantes eram os mesmos problemas, uma variável se evidenciou, e foi justamente a ação indigenista governamental, bem ou mal exercida pela administração de cada posto, permitindo aos índios, em sua situação de integrados, tirarem ou não partido das condições que a região lhes oferecia.

A influência dessas unidades governamentais foi mediadora daquele processo de integração que os três grupos experimentaram e, se ela é benéfica e bem orientada, consegue ser de real valor para o índio, como indivíduo e como membro da comunidade.

O Plano de Organização e Desenvolvimento de Comunidades Indígenas, que foi planejado cuidadosa e minuciosamente pelo ex-CNPI, visava a aprimorar este trabalho dos postos, que, bem administrados, exerceriam uma ação indigenista de assistência ao índio, dando-lhe recursos para se realizar como pessoa humana (TORRES, 1968, p. 108-11).

Nosso objetivo foi, justamente, evidenciar este aspecto de uma política indigenista que, ajudando o grupo indígena, em processo de integração irreversível, lhe dê uma assistência, sem caráter paternalista, não marginalizado, embora dependente e no gozo das prerrogativas que lhe são concedidas por nossa Carta Magna.

## 11 O CNPI E AS COMUNIDADES INDÍGENAS: RETROSPECTO

O capítulo 11, que praticamente encerra nossos "Ensaio e Pesquisas Kaingáng", não será nem ensaio, nem pesquisa, mas uma verdadeira prestação de contas de quem, por um espaço de tempo (1965, 1966, 1967), por dever de ofício (conselheira-suplente) funcionou junto ao ex-CNPI — Conselho Nacional de Proteção aos Índios —, instituição que até a data da Lei 5 371, de 5-12-1967, foi o órgão normativo, se não da política, pelo menos da ação indigenista brasileira. Criado pelo Decreto-lei 1 794, de 22-11-1939, formava, com o Serviço de Proteção aos Índios, cuja criação, em 1910, lhe foi muito anterior, os dois órgãos encarregados da assistência governamental ao índio; o CNPI era o órgão normativo, enquanto o SPI era o órgão executivo, através dos quais era exercida aquela assistência.

Presidente e membros daquele Conselho, naqueles anos de 1965, 1966, 1967, que sucederam a sua reformulação, trabalharam intensamente, trazendo às plenárias suas experiências de campo, seus conhecimentos técnicos especializados, ao grande problema do índio, em sua luta pela sobrevivência, algumas vezes, eivada de episódios dramáticos, de espoliações, de dilapidações, ou até mesmo de um cotidiano, que era a razão de nossos encontros.

Foi assim que convivemos e aprendemos com os membros do CNPI, e não nos privaremos da honra de mencioná-los nominalmente. Presidente: Heloísa A. Torres; secretário: Rubens Auto de Oliveira; conselheiros: José da Gama Malcher, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto da Matta, José Bonifácio Rodrigues e David Azambuja.

Solução ou tentativas de solução que, muitas vezes, esbarravam em óbices de toda espécie foram objeto de reuniões que se alongavam, por várias horas, em debates enriquecidos pela experiência e pelo conhecimento, de cada um, dos problemas do índio.

O CNPI pôde realizar alguma cousa e planejar outras, de que daremos notícia neste retrospecto.

No capítulo 8, referente à população, já tivemos ocasião de mencionar o censo indígena, iniciado em 1963, quando a Presidência do Conselho sentiu a necessidade de se proceder a um levantamento imediato da situação geral do problema indígena e aliciou e instruiu recenseadores para uma avaliação das condições atuais.

Em 1966, o CNPI, por sua presidente, com a aprovação dos demais conselheiros, resolveu iniciar pesquisas para aplicação de um "Plano para organização e desenvolvimento de comunidades indígenas".

Antes de ser apresentado ao plenário do CNPI, o plano foi discutido em várias reuniões, duas das quais com a assistência de técnicos em educação, professores universitários e funcionários especializados do próprio Conselho, além da presença de um dos conselheiros, Prof.<sup>a</sup> Maria Júlia Pourchet.

"A criação do CNPI, a 22-11-1939, pelo Decreto-lei 1 794, teria assinalado marcha auspiciosa no campo da proteção e assistência aos índios, não fossem as imitações do ato, só corrigidas pelo Decreto n.º 52 665 de 11-10-1963, que, teoricamente, capacitou o CNPI para melhor desempenho de suas atribuições: instituir a política indigenista brasileira, elaborar os planos e programas de trabalho a serem executados pelo SPI e fiscalizar a sua execução. Na prática, porém, a situação permaneceu a mesma, pois, ao ser investido da responsabilidade de órgão normativo e planejador, o CNPI achava-se destituído de informações seguras sobre a real capacidade dos órgãos incumbidos de prestarem a assistência que a nova política indigenista determinava, bem como a respeito da real situação dos grupos indígenas a serem assistidos" (TORRES, 1968).

A 9 de abril de 1967, em reunião do CNPI, o referido plano-programa foi apresentado ao plenário, tendo sido escolhido para relator o conselheiro Roberto Cardoso de Oliveira. Algumas emendas, propostas pelo conhecido pesquisador, foram aceitas pelo plenário, e plano e programa foram aprovados por unanimidade.

Para alcançar a finalidade a que se propôs, o CNPI resolveu, através do referido plano, atingir os campos educacional, econômico e sanitário.

No 1.º item, um trabalho de educação fundamental consistiria em fornecer ao índio elementos para que tomasse consciência do seu valor como pessoa humana, adquirindo uma atitude crítica,

ativa e de cooperação, uma vez despertado para os próprios problemas e para os da comunidade.

No 2.º item, uma assessoria técnica e recursos materiais indispensáveis teriam em vista o desenvolvimento sócio-econômico das comunidades indígenas. (Não seria esquecido o amparo ao desenvolvimento do artesanato.)

No 3.º item, finalmente, através de serviços organizados, com atendimento médico, sanitário e de saneamento das áreas habitadas pelo grupos, habilitar-se-iam, por métodos educativos, a superar as deficiências sanitárias, representadas pelas doenças endêmicas e epidêmicas.

O CNPI, considerando a extensão e a profundidade do trabalho, sugeriu que o plano fosse realizado por etapas, das quais a primeira teria o caráter de experiência piloto, cujos resultados sugeririam providências para as outras áreas, com as devidas adaptações.

Infelizmente, tornamos a repetir, um plano nascido de longas discussões, de debates sinceros e da experiência viva dos que o elaboraram (organizadores) e o discutiram (presidente e conselheiros do CNPI), tendo por alto objetivo uma promissora tentativa de possibilitar ao indígena brasileiro a superação de sua atual condição de dependente e marginalizado, não pôde, ao menos, ser iniciado. Extinto a 5 de dezembro de 1967 pela Lei 5 371, que criou a Fundação Nacional do Índio, com a fusão dos dois antigos serviços, o CNPI, que *idealizou* o plano, *não o realizou*...

Além do plano, é lícito lembrar neste retrospecto outras atividades, desenvolvidas naqueles anos acima citados. Basta que enumeremos, além do censo já mencionado, os estudos e debates sobre a séria questão da "renda indígena" e as primeiras discussões para a elaboração do Anteprojeto do Regimento da novel "Fundação Nacional do Índio".

Sob a forma de Pareceres, os diferentes conselheiros-relatores reuniram estudos e meditações sobre diferentes e importantes problemas, ligados ao interesse e à preservação do índio.

Enumeraremos a seguir:

— Medidas aconselháveis para a preservação do indígena, em sua economia própria e seus valores culturais, ante o avanço crescente da sociedade nacional brasileira (RODRIGUES, 1970).

— Documento em defesa da terra do índio.

— Documento regulamentando a "renda indígena".

— Documento definindo e defendendo o "patrimônio indígena".

— Estudo das medidas de preservação e defesa das florestas situadas em terras indígenas.

— Preparo e organograma para ser enviado ao grupo de trabalho encarregado da organização e fusão dos órgãos de assistência ao índios.

— Anteprojeto dos Estatutos da FUNAI, enviado à Consultoria Geral da República, antes de seu encaminhamento a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República.

— Estudos sobre patrimônio da FUNAI e patrimônio indígena.

— Apreciação e discussão sobre o "Anteprojeto dos Estatutos da FUNAI", preparado pela Consultoria Jurídica do Ministério do Interior.

— Estudo e discussão dos aspectos relacionados com o patrimônio indígena, e assistência econômica às comunidades indígenas.

— Apreciação e debate sobre a caracterização de *parques indígenas*, a figurar nos Estatutos da FUNAI, considerando-os como "áreas territoriais reservadas pelo poder público para abrigar indígenas isolados ou arredios que nelas receberão garantias de sua preservação e onde a flora, a fauna e as belezas materiais terão perpétua conservação".

— Exposição de motivos a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente da República sobre os "Estatutos do Índio".

— Debate sobre a caracterização, a tutela do índio, e inclusão, na nova Constituição, de artigo acautelador dos interesses do índio.

— Documento sobre a defesa das terras indígenas, para audiência com S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Ministro da Justiça.

— Apreciação e debate sobre o Art. 53, que caracteriza e pune os casos atentatórios à vida das comunidades indígenas.

Deste balanço de atividades do CNPI, que constituiu um retrospecto necessário do tópico "O CNPI e as comunidades indígenas", restou a sua presidente e aos conselheiros que o compunham, na fase que precedeu à sua fusão com os demais órgãos para constituir a FUNAI (5-12-1967), uma tranqüila consciência de desempenho de uma atividade cheia de inquietude e inquietações pela causa do índio, pela defesa do índio, pela sobrevivência do índio, em sua luta contra este constante desafio que é a vida, em qualquer cultura.

# ANEXOS

— As medidas adotadas para a melhoria da qualidade da educação básica, em especial a educação infantil e o ensino fundamental I, são:

1. — Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil;
2. — Diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental I;
3. — Diretrizes curriculares para o ensino fundamental II;
4. — Diretrizes curriculares para o ensino fundamental III;
5. — Plano Nacional de Educação;
6. — Plano Nacional de Alfabetização;
7. — Plano Nacional de Livro Didático;
8. — Plano Nacional de Avaliação;
9. — Plano Nacional de Formação de Professores;
10. — Plano Nacional de Gestão da Educação;
11. — Plano Nacional de Infraestrutura da Educação;
12. — Plano Nacional de Alimentação e Nutrição;
13. — Plano Nacional de Assistência Social.

— Os princípios orientadores da educação são:

- I — Igualdade;
- II — Pluralidade;
- III — Participação;
- IV — Respeito;
- V — Responsabilidade;
- VI — Solidariedade;
- VII — Sustentabilidade.

**Instruções para a consulta às tabelas de medidas e índices**

— As medidas absolutas individuais (em mm) serão expressas em algarismos arábicos, de acordo com a seguinte ordem:

- 1 — Diâmetro cefálico ântero-posterior.
- 2 — Diâmetro cefálico transverso máximo.
- 3 — Diâmetro bigoníaco.
- 4 — Diâmetro bizigomático.
- 5 — Altura morfológica da face.
- 6 — Altura superior da face.
- 7 — Altura do nariz.
- 8 — Largura do nariz.
- 9 — Estatura.
- 10 — Envergadura.
- 11 — Altura tronco-cefálica.
- 12 — Comprimento do membro superior.
- 13 — Comprimento do membro inferior.

— Os algarismos romanos exprimem a seqüência dos valores dos índices individuais, para cada sexo e grupo.

- I — Índice cefálico.
- II — Índice facial morfológico.
- III — Índice facial superior.
- IV — Índice nasal.
- V — Índice jugo-mandibular.
- VI — Índice crucial (Enverg./100/Estatura).
- VII — Índice córmico (Giuffrida-Ruggeri).

## KAINGANG DE PALMAS

Medidas absolutas individuais (em mm)

♂													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	19,5	15,4	9,9	13,6	14,0	7,1	5,2	4,1	169,2	177,0	81,5	77,5	96,7
2	18,6	14,5	9,7	13,4	12,9	7,7	5,6	4,0	167,4	176,0	83,6	80,2	98,1
3	20,0	15,1	9,5	13,3	13,4	6,9	5,1	4,6	164,4	169,0	82,0	73,8	93,5
4	20,1	14,1	10,6	13,0	12,9	6,8	5,2	4,3	165,0	175,0	86,0	73,8	93,5
5	19,4	14,7	10,7	14,0	12,7	6,2	5,1	3,8	152,8	154,4	82,9	57,5	83,8
6	19,6	15,6	11,2	13,6	12,6	7,6	4,7	4,3	153,9	153,1	78,9	69,1	81,0
7	19,5	14,1	9,9	13,0	13,8	7,0	4,9	4,1	167,9	181,0	83,6	79,0	96,6
8	18,3	13,7	9,3	13,9	12,6	7,4	5,6	3,6	169,3	175,2	83,2	76,6	94,9
9	18,6	14,6	10,3	14,2	13,0	6,6	5,8	4,2	161,0	165,0	85,1	73,8	89,6
10	18,6	14,1	9,0	14,0	13,5	7,2	5,3	3,9	163,5	166,0	84,4	73,5	88,5
11	18,7	15,2	11,1	14,1	12,4	6,3	5,2	4,0	154,6	150,3	81,2	65,6	82,2
12	18,7	14,6	9,2	14,5	12,7	7,0	5,1	3,8	162,2	169,4	84,8	75,3	90,4
13	19,0	15,2	10,6	14,4	15,5	7,1	5,0	4,2	164,3	167,4	82,9	72,0	94,1
14	19,6	14,5	10,6	14,6	13,6	6,9	5,1	4,3	162,8	165,6	84,3	72,0	92,7
15	18,9	14,9	10,1	14,6	12,6	7,0	5,4	4,0	158,4	154,6	84,4	67,9	88,2

## KAINGANG DE PALMAS

Índices individuais

♂							
	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	78,9	102,9	52,2	74,4	72,8	104,6	48,1
2	77,9	96,2	57,5	61,1	72,4	105,1	49,9
3	75,5	100,7	51,9	65,5	71,4	102,7	49,8
4	70,1	99,2	52,3	59,2	80,1	106,0	52,1
5	75,7	90,7	44,0	77,3	76,4	101,0	54,2
6	79,5	92,6	55,9	68,6	82,3	99,5	51,2
7	72,3	106,1	53,8	67,3	76,1	107,8	49,7
8	74,8	90,6	53,2	65,3	66,9	103,5	49,1
9	77,8	95,4	46,4	73,3	72,5	102,5	52,8
10	78,4	91,5	51,4	69,3	64,3	101,5	51,6
11	75,8	96,4	44,7	67,2	78,7	97,2	52,5
12	81,2	87,9	48,2	76,0	63,4	104,4	52,3
13	78,0	87,5	49,3	66,0	73,6	101,8	50,4
14	80,0	79,8	47,3	69,2	72,6	101,7	51,8
15	73,9	93,1	47,9	60,3	69,2	97,6	54,5

## KAINGANG DE PALMAS

Medidas absolutas individuais (em mm)

♀													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	19,3	13,4	9,6	13,4	13,5	7,4	4,7	3,5	155,3	155,7	82,8	67,5	79,9
2	17,8	14,1	9,7	13,7	13,4	7,1	5,4	3,3	150,8	153,8	79,4	68,7	82,7
3	18,9	14,8	9,5	13,6	13,3	6,9	5,8	3,8	154,7	155,9	82,2	69,0	86,6
4	18,7	14,4	8,5	13,9	11,2	5,9	5,4	3,2	161,4	163,3	83,2	67,5	91,8
5	19,5	15,3	9,5	13,3	11,8	6,6	5,3	4,1	155,2	152,0	83,7	66,5	82,8
6	18,6	14,4	8,8	13,9	11,9	6,0	5,1	3,5	149,0	144,1	80,3	62,9	78,6
7	18,0	13,3	9,2	13,2	11,2	5,9	5,2	3,5	153,2	151,0	78,8	67,8	84,2
8	19,1	15,1	9,1	13,6	11,5	7,5	5,2	3,4	154,2	150,1	79,1	66,2	90,5
9	18,0	14,3	9,0	13,5	10,8	6,3	4,5	3,3	148,6	144,5	80,2	64,2	82,0
10	18,9	14,9	8,6	13,1	10,8	6,6	4,9	3,4	156,1	156,1	85,0	67,1	86,7
11	18,4	14,1	8,8	12,7	13,6	6,7	5,5	3,7	148,9	145,3	77,1	64,9	82,7
12	18,0	14,1	9,6	13,1	12,3	6,0	4,6	3,5	151,6	148,6	79,4	65,9	86,0
13	17,3	14,4	8,3	13,0	12,0	6,7	5,0	3,3	146,6	145,8	75,6	63,8	81,3
14	19,5	14,9	8,7	13,6	13,4	6,7	5,2	3,5	157,0	157,6	82,0	68,5	87,4
15	19,6	14,6	9,1	13,6	11,6	6,8	5,3	3,2	152,3	148,5	78,4	67,8	91,1
16	20,3	15,4	10,7	12,2	11,8	6,7	4,6	4,0	154,5	153,0	79,9	68,7	85,7
17	17,8	14,2	9,6	12,7	12,7	6,8	4,8	3,4	143,5	144,0	76,3	64,5	77,7
18	18,2	14,2	9,6	13,6	12,3	6,4	4,6	3,7	147,9	149,2	76,8	65,2	84,3
19	18,6	14,4	9,5	13,6	11,8	6,9	5,1	3,9	146,6	147,6	76,9	68,4	81,8
20	17,5	14,3	10,2	13,6	11,9	6,3	5,0	3,7	153,8	150,2	77,3	68,2	87,7
21	17,5	14,3	9,9	14,3	11,7	7,5	5,5	3,9	144,9	152,2	74,4	68,2	80,9
22	17,8	14,7	9,6	13,9	11,8	6,6	5,0	3,3	150,3	149,4	79,0	64,5	93,1

## KAINGANG DE PALMAS

## Índices individuais

♀							
	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	75,1	100,7	55,2	74,4	71,6	100,2	53,3
2	79,2	97,8	51,8	61,1	70,7	101,9	52,6
3	77,7	97,7	50,7	65,5	69,8	100,7	53,1
4	77,0	80,5	42,4	59,2	61,1	101,2	51,5
5	78,4	88,7	49,6	77,3	71,4	97,9	53,9
6	77,4	90,1	45,4	68,6	66,6	96,7	53,8
7	73,8	84,8	44,7	67,3	69,7	98,5	51,4
8	79,0	84,5	54,4	65,3	66,8	97,3	51,2
9	79,4	80,0	46,6	73,3	66,6	97,9	53,9
10	78,8	82,4	50,3	69,3	65,6	100,0	54,4
11	76,5	95,3	52,7	67,2	69,2	97,5	51,8
12	76,6	107,0	45,8	67,2	73,2	98,0	52,3
13	78,3	93,8	51,5	76,0	63,8	100,0	51,5
14	83,2	92,3	49,0	66,0	63,9	100,3	52,2
15	76,4	98,5	50,0	69,2	66,9	98,1	51,4
16	74,4	85,2	59,8	60,3	87,7	99,0	51,7
17	76,0	105,3	53,5	70,8	75,5	100,3	53,1
18	79,7	100,0	47,0	80,4	70,5	100,9	51,9
19	74,7	90,4	50,7	76,4	69,8	100,6	52,4
20	77,4	86,7	46,3	74,0	75,0	97,6	50,2
21	81,7	83,2	52,4	70,9	69,2	105,0	51,3
22	81,7	84,1	47,4	66,0	69,0	99,4	52,5

## KAINGANG DE RIO DAS COBRAS

## Índices individuais

♂							
	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	79,9	90,4	60,7	74,5	69,8	98,6	54,5
2	76,5	104,4	45,5	61,2	69,4	102,0	52,6
3	84,4	94,6	56,1	75,4	70,0	101,3	51,0
4	78,0	91,3	60,1	60,3	77,5	100,2	50,9
5	81,7	84,2	54,1	74,1	69,8	98,2	53,0
6	79,5	89,9	41,9	71,9	77,6	100,3	53,2
7	84,7	85,5	53,1	71,4	75,8	98,2	49,9
8	83,4	92,0	53,9	72,1	76,2	99,6	54,6
9	82,3	77,2	48,9	67,7	73,8	103,0	54,1
10	83,4	87,3	51,4	63,3	74,6	98,6	53,9
11	81,0	89,4	54,2	69,6	70,4	97,6	55,3
12	79,6	89,1	57,2	57,3	79,7	99,8	53,4
13	79,7	87,5	52,7	74,5	68,7	104,4	52,6
14	80,8	99,2	65,1	61,6	73,6	99,7	52,7
15	77,4	84,3	50,0	70,0	70,7	98,1	53,0
16	83,4	85,6	56,8	65,6	67,8	99,0	54,2
17	78,2	94,3	57,4	68,2	72,3	100,0	53,1
18	76,8	91,1	63,8	70,5	73,0	100,0	54,0
19	81,0	88,1	58,5	59,0	74,0	100,7	52,7
20	78,9	87,6	61,5	72,2	75,5	100,7	52,8
21	80,9	88,1	52,4	71,9	68,2	98,3	53,9
22	81,1	94,0	52,0	70,4	66,6	100,0	53,4
23	82,7	89,1	56,7	64,9	79,1	99,6	52,3
24	76,7	90,7	58,6	65,0	69,5	100,2	53,6
25	84,6	87,3	49,3	56,7	69,2	97,4	53,8
26	81,6	95,0	49,2	64,4	73,9	100,8	50,7
27	81,9	91,6	66,4	70,9	71,4	101,7	51,5
28	82,3	81,6	52,7	66,1	69,4	103,4	51,4
29	81,0	86,3	51,4	70,9	74,2	100,6	51,7
30	83,2	87,7	56,8	72,2	68,5	100,9	53,6
31	81,9	90,0	51,0	72,4	68,0	100,1	54,5
32	80,3	90,3	59,2	73,2	75,7	100,9	50,5
33	80,4	83,8	57,2	65,0	71,7	98,2	53,1
34	84,0	100,8	57,9	61,0	72,4	101,4	50,6
35	80,7	93,1	62,5	61,2	80,9	101,6	54,6
36	79,5	88,8	57,5	56,0	81,0	102,0	51,9



## KAINGANG DE RIO DAS COBRAS

Medidas absolutas individuais (em mm)

♀													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	18,9	14,6	10,2	13,5	12,1	7,2	5,4	3,7	149,7	147,5	82,6	63,2	73,2
2	18,0	15,1	9,0	13,7	11,8	7,6	5,9	3,7	146,9	—	78,0	62,9	81,0
3	18,6	14,6	9,0	13,1	11,5	7,6	5,5	3,6	153,2	146,5	82,6	65,7	84,2
4	18,0	14,6	9,7	13,2	11,8	7,4	5,5	3,9	151,6	153,0	80,4	66,0	84,5
5	17,9	15,2	10,6	14,6	11,9	7,8	5,6	3,6	149,9	146,9	82,4	63,9	81,2
6	18,0	14,4	9,6	13,0	11,6	7,6	5,9	4,1	153,5	149,8	80,4	65,3	84,9
7	18,3	15,0	10,4	13,6	11,7	7,3	5,1	3,9	148,4	149,0	80,0	63,8	82,9
8	19,0	14,9	—	13,9	11,8	7,4	6,2	4,3	149,1	146,9	82,1	65,2	82,0
9	18,1	14,9	9,9	13,0	12,7	7,9	5,2	3,5	152,3	142,7	81,6	65,0	83,4
10	17,5	13,8	10,1	13,0	11,8	7,2	5,5	3,6	141,3	140,2	76,0	60,0	76,4
11	19,5	15,1	10,5	13,7	12,5	7,6	5,8	3,8	156,0	154,5	81,0	67,6	86,3
12	18,1	14,9	11,0	13,5	11,9	6,9	5,7	3,5	152,3	159,0	82,4	70,9	80,7
13	17,6	14,4	9,1	13,2	12,3	7,4	5,4	4,2	140,0	136,5	73,7	59,7	73,4
14	17,7	14,1	9,7	13,2	11,8	7,5	5,3	4,0	146,4	143,5	77,8	60,8	78,3
15	18,6	14,1	9,1	13,4	11,9	7,1	6,4	4,1	150,7	148,9	76,7	66,6	81,8
16	18,5	15,0	10,2	13,5	12,1	7,0	6,0	3,5	148,2	149,5	77,9	69,0	77,5
17	19,0	15,3	10,4	14,2	12,9	7,6	5,6	3,6	154,8	154,5	82,5	67,2	83,6
18	18,1	14,8	9,3	13,1	11,8	7,5	5,6	3,6	146,5	147,9	78,1	64,1	81,2
19	18,7	15,0	9,6	12,5	11,9	6,5	5,6	4,1	145,1	141,7	78,5	61,9	77,0
20	18,0	14,8	9,6	13,0	12,3	7,5	5,5	3,6	148,2	145,0	78,4	64,4	83,2

## KAINGANG DE RIO DAS COBRAS

Medidas absolutas individuais (em mm)

♂													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	19,4	15,5	10,2	14,6	13,2	8,9	5,9	4,4	159,7	158,0	87,0	69,4	87,3
2	19,2	14,7	9,3	13,4	14,0	6,1	6,2	3,8	164,6	168,0	86,7	70,9	90,9
3	19,9	17,8	9,1	13,0	12,3	7,3	5,3	4,0	161,6	163,8	82,5	71,2	90,2
4	19,1	14,9	10,7	13,8	12,6	8,3	6,8	4,1	170,6	171,0	87,0	77,9	100,0
5	19,2	15,7	10,2	14,6	12,3	7,9	5,8	4,3	152,4	149,8	80,8	65,9	81,8
6	18,6	14,8	10,8	13,9	12,5	7,4	5,7	4,1	153,3	153,9	81,6	66,5	82,6
7	18,4	15,6	11,0	14,5	12,4	7,7	5,6	4,0	163,4	160,5	81,5	70,4	89,6
8	18,7	15,6	10,6	13,9	12,8	7,5	6,1	4,4	162,4	161,8	88,7	72,0	88,0
9	19,3	15,9	11,0	14,9	11,6	7,3	6,5	4,4	162,9	167,9	88,2	69,8	88,9
10	18,1	15,1	10,6	14,2	12,4	7,3	6,0	3,8	165,0	162,8	89,0	78,0	89,0
11	19,0	15,4	10,0	14,2	12,7	7,7	5,6	3,9	153,7	150,1	85,0	66,0	83,4
12	18,7	14,9	11,0	13,8	12,3	7,9	6,1	3,5	168,4	168,0	90,0	73,6	92,0
13	19,3	15,4	9,9	14,4	12,6	7,6	5,9	4,4	164,7	172,0	86,4	74,1	91,6
14	17,8	14,4	9,5	12,9	12,8	8,1	6,0	3,7	156,7	156,2	82,5	68,4	86,7
15	18,6	14,4	10,4	14,7	12,4	7,2	6,0	4,2	171,7	168,5	90,5	74,7	93,3
16	18,7	15,6	9,9	14,6	12,5	8,3	6,4	4,2	163,5	163,0	86,7	70,8	89,8
17	19,3	15,1	10,2	14,1	13,3	8,3	6,3	4,3	152,5	152,5	82,7	66,7	81,5
18	19,0	14,6	10,3	14,1	12,5	9,0	6,1	4,3	169,5	169,6	90,2	73,4	92,7
19	17,9	14,5	10,0	13,5	12,3	7,9	6,1	3,6	156,4	157,5	84,5	69,1	83,6
20	18,5	14,6	10,2	13,5	11,9	8,3	5,4	3,9	157,8	158,9	83,2	67,6	85,5
21	18,9	15,3	9,9	14,5	12,7	7,6	5,7	4,1	166,6	163,8	89,8	71,4	89,9
22	18,6	15,1	9,6	14,4	12,7	7,5	6,1	4,3	167,4	167,5	89,5	74,8	93,0
23	18,0	14,9	10,6	13,4	12,6	7,6	5,7	3,7	161,4	160,9	84,4	70,9	88,3
24	18,9	14,5	9,6	13,8	12,3	8,1	6,0	3,9	153,7	154,0	82,8	66,6	82,6
25	18,4	15,6	9,7	14,0	12,7	6,9	7,4	4,2	149,6	145,8	80,5	64,6	79,5
26	18,5	15,1	10,5	14,2	12,4	7,0	5,9	3,8	164,7	166,1	83,6	73,4	91,3
27	18,3	15,0	10,0	14,0	13,3	9,3	6,2	4,4	154,6	157,2	79,7	68,5	85,8
28	18,7	15,4	10,0	14,4	13,2	7,6	6,5	4,3	162,4	168,0	83,5	74,4	91,7
29	18,5	15,0	10,1	13,6	12,1	7,0	5,5	3,9	157,8	158,8	81,7	68,9	85,0
30	19,1	15,9	10,0	14,6	12,6	8,3	5,4	3,9	162,5	164,1	87,2	70,8	89,9
31	18,8	15,4	10,0	14,7	12,9	7,5	5,8	4,2	156,5	156,8	85,5	68,5	84,7
32	19,3	15,5	10,6	14,0	12,6	8,3	5,6	4,1	161,5	163,0	81,7	73,0	92,0
33	19,9	16,0	10,4	14,5	13,1	8,3	6,3	4,1	163,0	160,1	86,6	72,1	89,8
34	17,6	14,8	10,0	13,8	13,4	8,0	5,9	3,6	166,7	169,1	84,4	75,8	93,0
35	19,2	15,5	10,6	13,1	13,2	8,2	6,7	4,1	162,4	165,0	88,7	71,9	88,2
36	18,6	14,8	10,7	13,2	12,3	7,6	6,6	3,7	170,0	173,5	88,2	77,5	94,5

## KAINGANG DE RIO DAS COBRAS

## Índices individuais

♀							
	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	77,2	89,5	53,3	68,5	75,5	99,8	55,1
2	83,5	86,1	55,5	62,7	65,7	—	—
3	77,2	87,7	58,0	65,5	68,7	95,6	53,0
4	81,1	89,4	56,0	70,9	73,5	100,9	53,9
5	84,9	81,5	53,4	73,2	72,6	98,0	53,0
6	80,0	89,2	58,4	64,3	73,8	97,5	54,9
7	81,9	86,0	53,7	69,5	76,4	100,4	52,3
8	78,4	84,8	53,2	76,5	—	98,5	53,9
9	82,3	97,7	60,7	69,3	76,1	93,6	55,1
10	78,8	90,7	55,3	67,3	77,6	99,2	53,5
11	77,4	91,2	55,4	65,5	76,6	99,0	53,7
12	82,3	88,1	51,1	65,5	81,4	100,4	51,9
13	81,8	93,1	56,0	61,4	68,9	97,5	54,1
14	79,6	89,3	56,8	77,7	73,5	98,0	52,6
15	75,8	88,8	52,9	75,5	67,9	98,8	53,1
16	81,9	89,6	51,8	64,0	75,5	100,8	50,9
17	80,5	90,8	53,5	58,3	73,2	99,8	52,6
18	81,7	90,0	57,2	64,3	70,9	100,9	53,3
19	80,2	95,2	52,0	64,3	76,8	97,6	53,3
20	82,2	94,6	57,7	65,4	73,8	97,8	54,1

## KAINGANG DE TUPÃ

## Medidas absolutas individuais (em mm)

♂													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	19,1	14,4	10,0	13,4	12,8	7,9	5,9	3,9	163,8	163,5	85,4	70,9	90,0
2	18,9	15,0	11,6	14,0	12,0	7,7	5,7	4,1	161,5	159,0	85,7	68,2	83,3
3	19,0	14,5	9,5	13,3	12,8	7,3	5,4	3,9	159,2	163,0	82,7	71,4	84,8
4	19,1	14,5	10,5	13,6	12,7	7,7	5,4	4,0	159,9	163,0	84,4	68,4	84,4
5	20,0	15,5	10,4	14,6	13,4	7,7	5,7	4,1	166,4	165,5	87,4	72,6	81,0
6	19,2	15,5	10,3	14,4	12,3	7,7	5,5	3,7	164,0	164,0	87,7	72,1	89,0
7	19,5	14,4	10,1	13,5	12,8	7,7	5,6	3,7	161,4	166,0	86,4	71,2	83,5
8	19,1	14,9	10,4	13,9	14,2	8,4	6,6	3,9	166,8	177,0	86,9	73,9	89,8
9	19,6	16,5	12,2	15,5	14,8	8,5	6,0	4,3	168,0	167,3	87,4	74,6	80,1

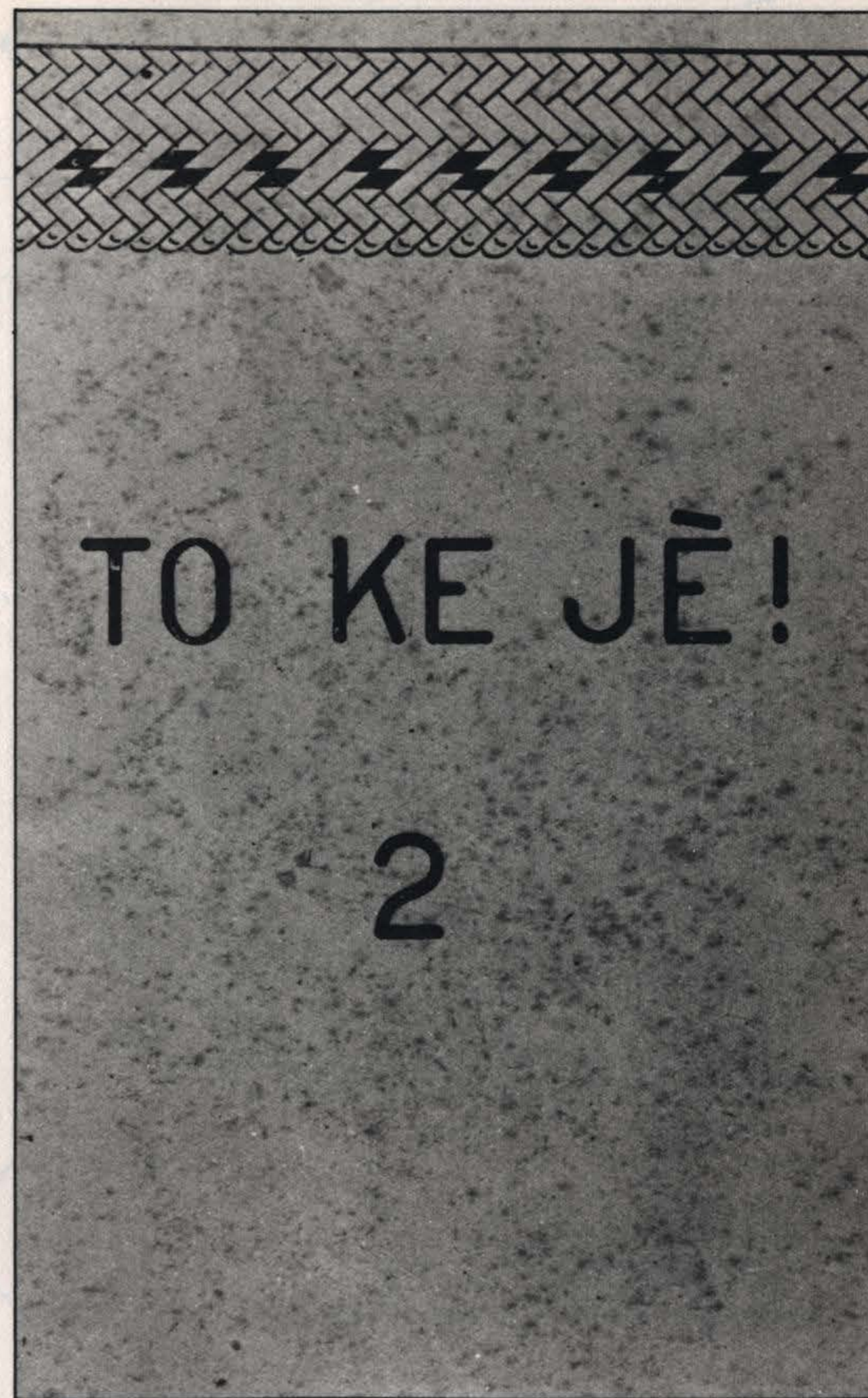
♀													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	18,7	14,5	10,5	13,5	13,5	7,7	5,6	4,0	148,4	146,0	77,9	66,6	84,4
2	17,8	14,7	10,5	13,7	12,5	7,8	5,5	3,4	153,0	150,0	81,5	66,4	82,0
3	19,1	14,7	10,1	12,8	10,7	7,2	5,7	3,5	152,0	153,0	78,4	70,2	85,6
4	17,1	14,0	10,0	13,2	11,4	7,7	5,8	3,5	149,2	152,0	78,5	64,9	82,4
5	19,4	13,7	10,0	13,2	11,7	6,6	5,0	3,7	150,0	146,5	79,9	64,4	80,2
6	19,3	14,4	10,0	13,0	11,8	6,6	5,3	3,7	146,4	139,6	70,4	60,5	76,1
7	18,2	14,3	9,9	13,2	11,3	6,8	5,4	3,4	146,3	145,9	75,5	64,4	79,9
8	18,4	14,0	9,1	13,0	12,8	7,4	6,0	3,9	146,9	146,5	77,1	61,1	79,1
9	19,4	14,2	10,6	13,9	12,6	7,5	6,1	4,1	150,0	150,0	77,3	65,4	79,4
10	17,9	15,0	10,7	14,0	13,0	8,1	5,9	3,9	150,9	151,0	81,9	66,7	80,0

## KAINGANG DE TUPÁ

## Índices individuais

♂							
	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	75,3	90,2	58,9	66,1	74,6	99,8	52,1
2	79,3	85,7	55,0	71,9	82,8	98,4	53,0
3	76,3	96,2	54,8	72,2	71,4	102,4	51,9
4	75,9	93,4	56,6	74,0	77,2	102,0	52,7
5	77,5	91,7	52,7	71,9	71,2	99,4	52,5
6	80,7	85,4	53,4	67,2	71,5	100,0	53,4
7	73,8	94,8	57,0	66,0	74,8	102,8	53,5
8	78,0	102,1	60,4	59,0	74,8	106,1	52,1
9	84,1	95,4	54,8	71,6	78,7	99,0	52,0

♀							
	I	II	III	IV	V	VI	VII
1	77,5	100,0	57,0	71,4	77,7	98,4	52,4
2	82,6	91,2	56,9	51,8	76,6	98,0	53,2
3	76,9	83,5	56,2	51,4	78,9	100,6	51,5
4	81,8	86,3	58,3	60,3	75,7	101,8	52,6
5	70,6	88,6	50,7	74,0	75,7	97,6	53,2
6	74,6	90,7	50,7	69,8	76,9	95,3	48,9
7	78,5	85,6	51,5	62,9	75,0	99,7	51,6
8	76,0	98,4	56,9	65,0	70,0	99,7	52,4
9	73,2	90,6	53,9	67,2	76,3	100,0	51,5
10	83,7	92,8	57,8	66,1	76,4	100,0	54,2



Cartilha preparada por pesquisadores do "Summer Institute of Linguistics"

--Gārã grãnh nĩ !

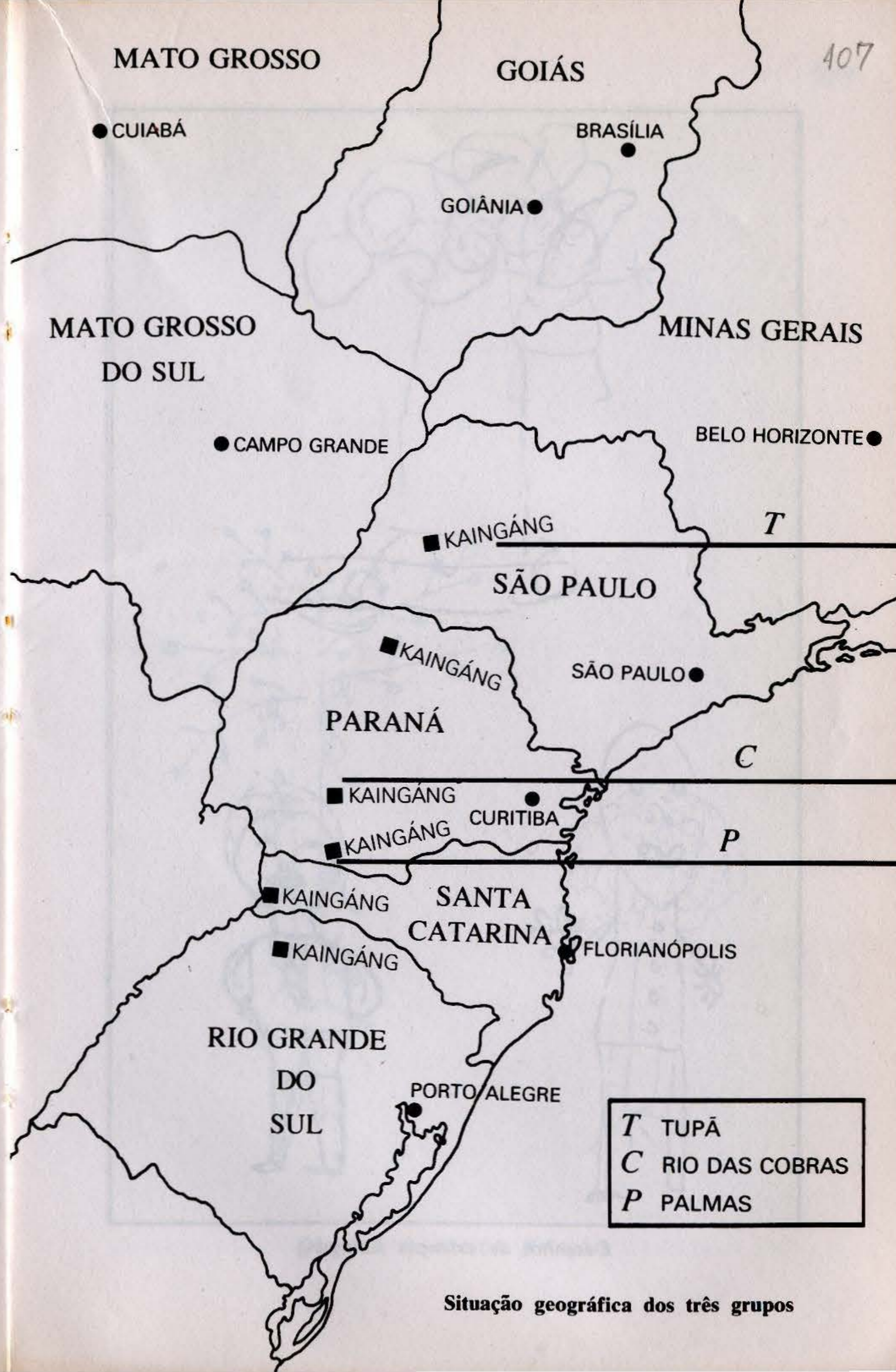


Kātãn vỹ ĩn kãkã nĩ. Rãnhrãjã  
ti nĩ. Gãrã grãg ti nĩ. Kātãn vỹ  
gãrã grãg nĩ. Gãrã grãnh kãn tĩ,  
Kātãn tĩ.

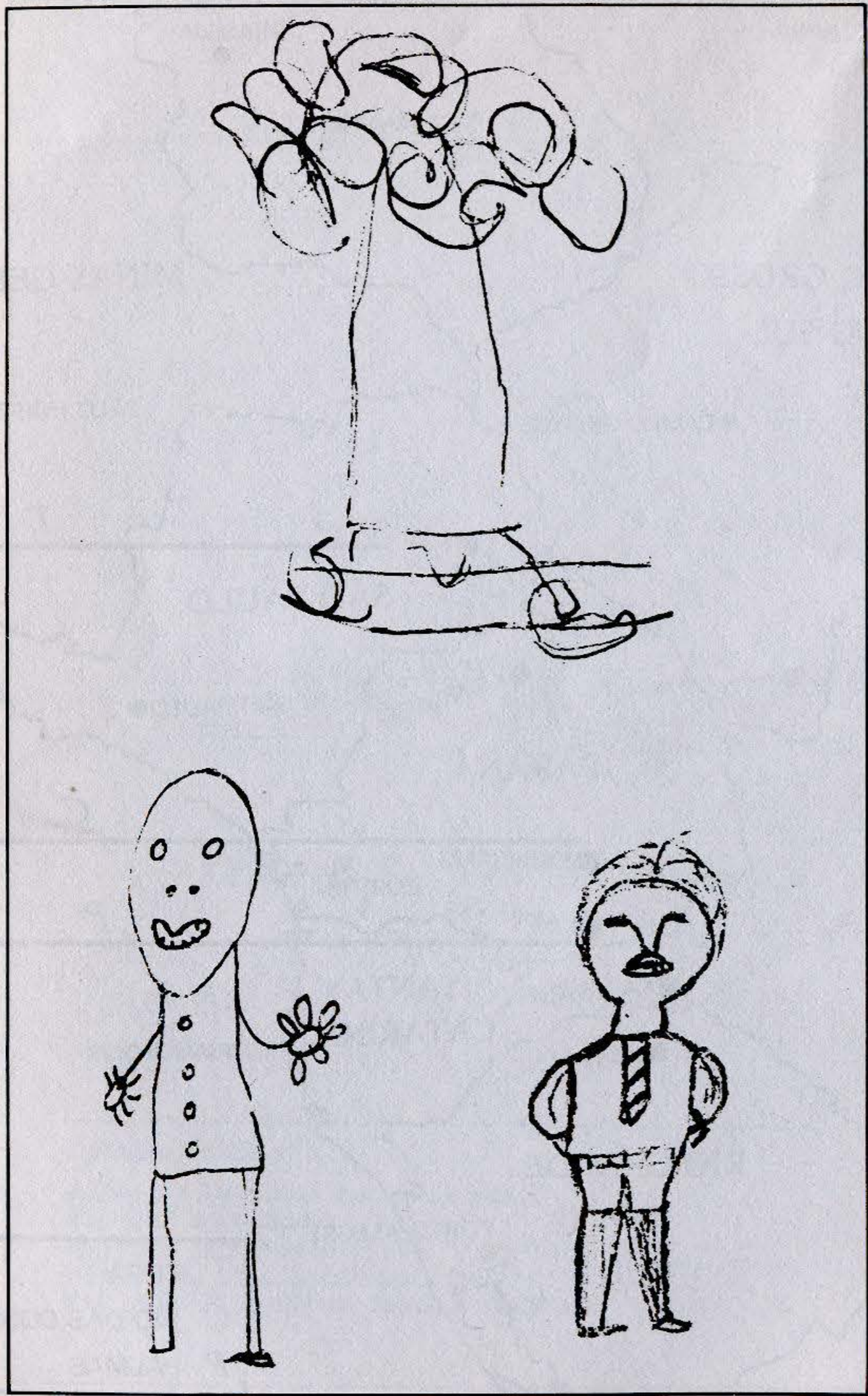
**Debulhe o milho!**

Kātãn está sentado dentro da casa.  
Ele está trabalhando.  
Ele está debulhando milho.  
Kātãn está debulhando milho.  
Ele, Kātãn, acaba de debulhar milho.

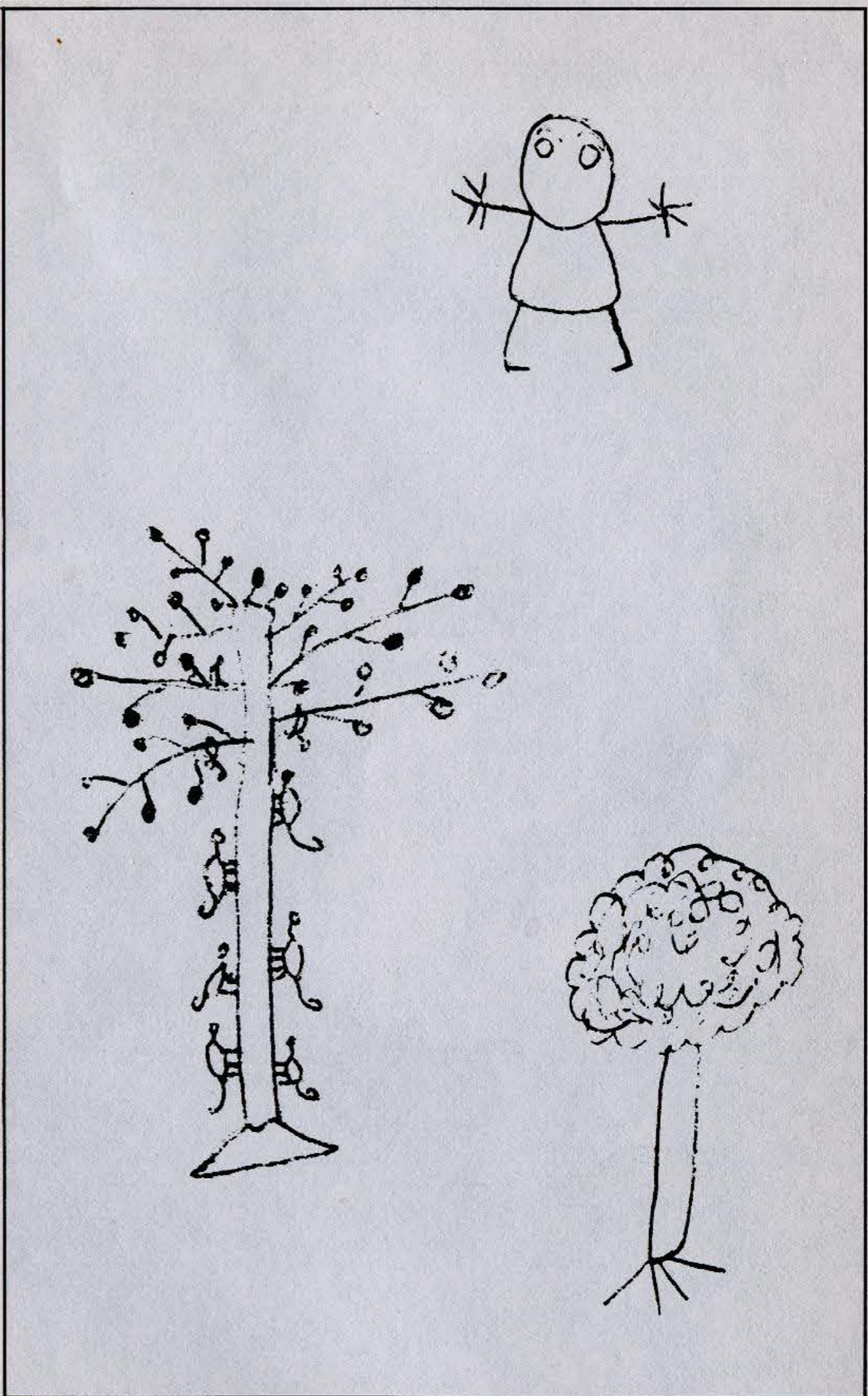
*Página da Cartilha TO KE JÊ!*



**Situação geográfica dos três grupos**



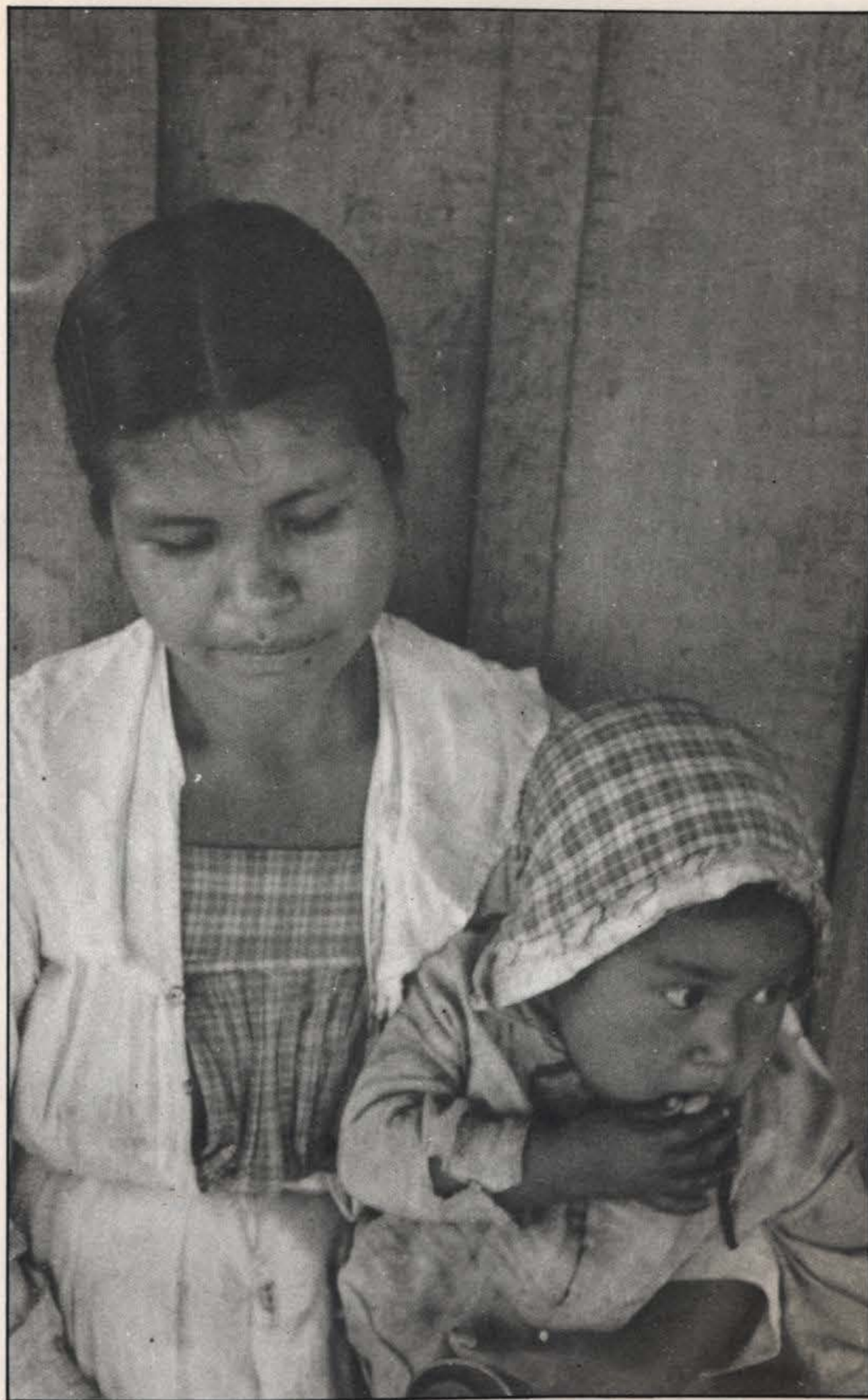
Desenhos de crianças Kaingáng



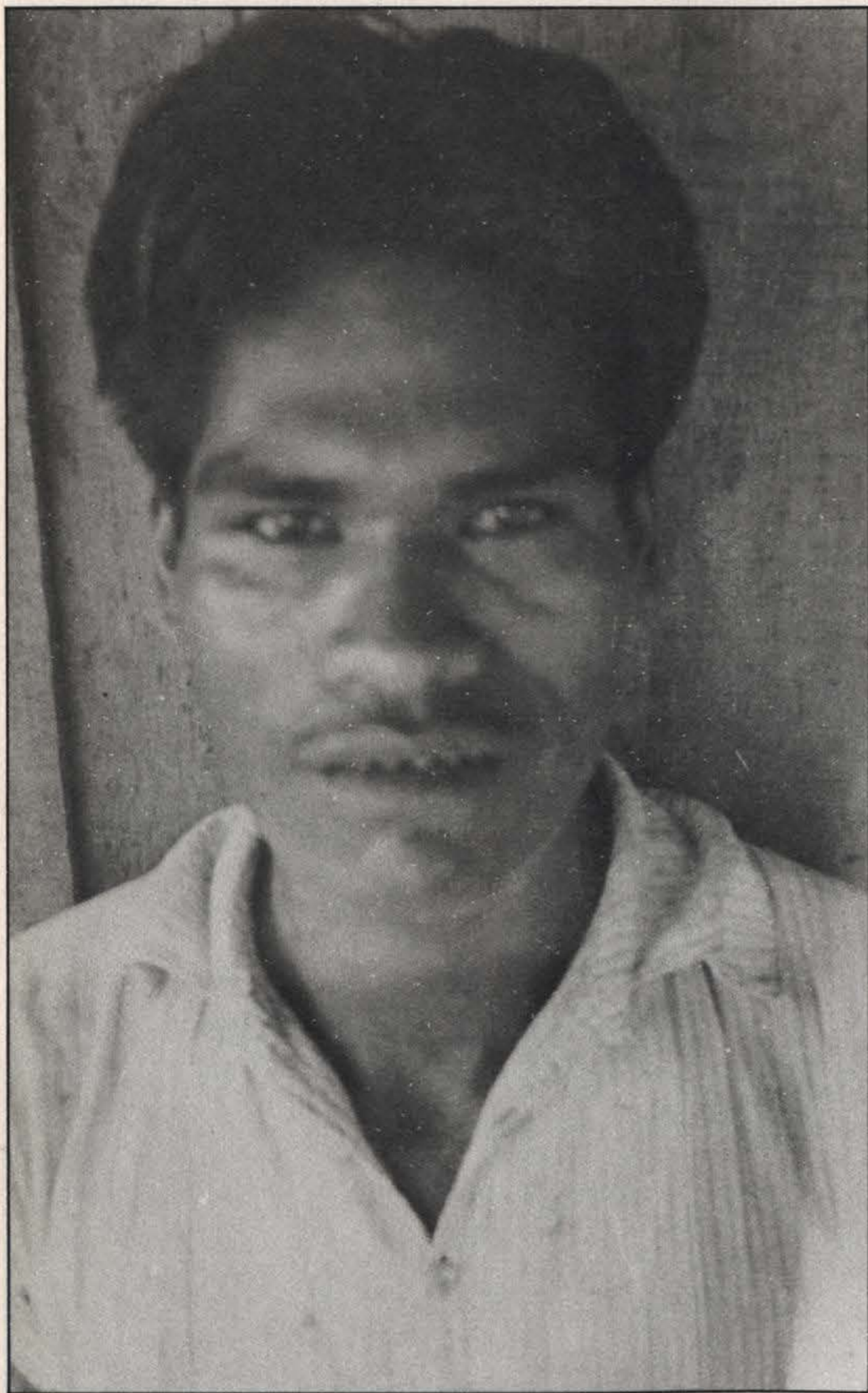
Desenhos de crianças Kaingáng



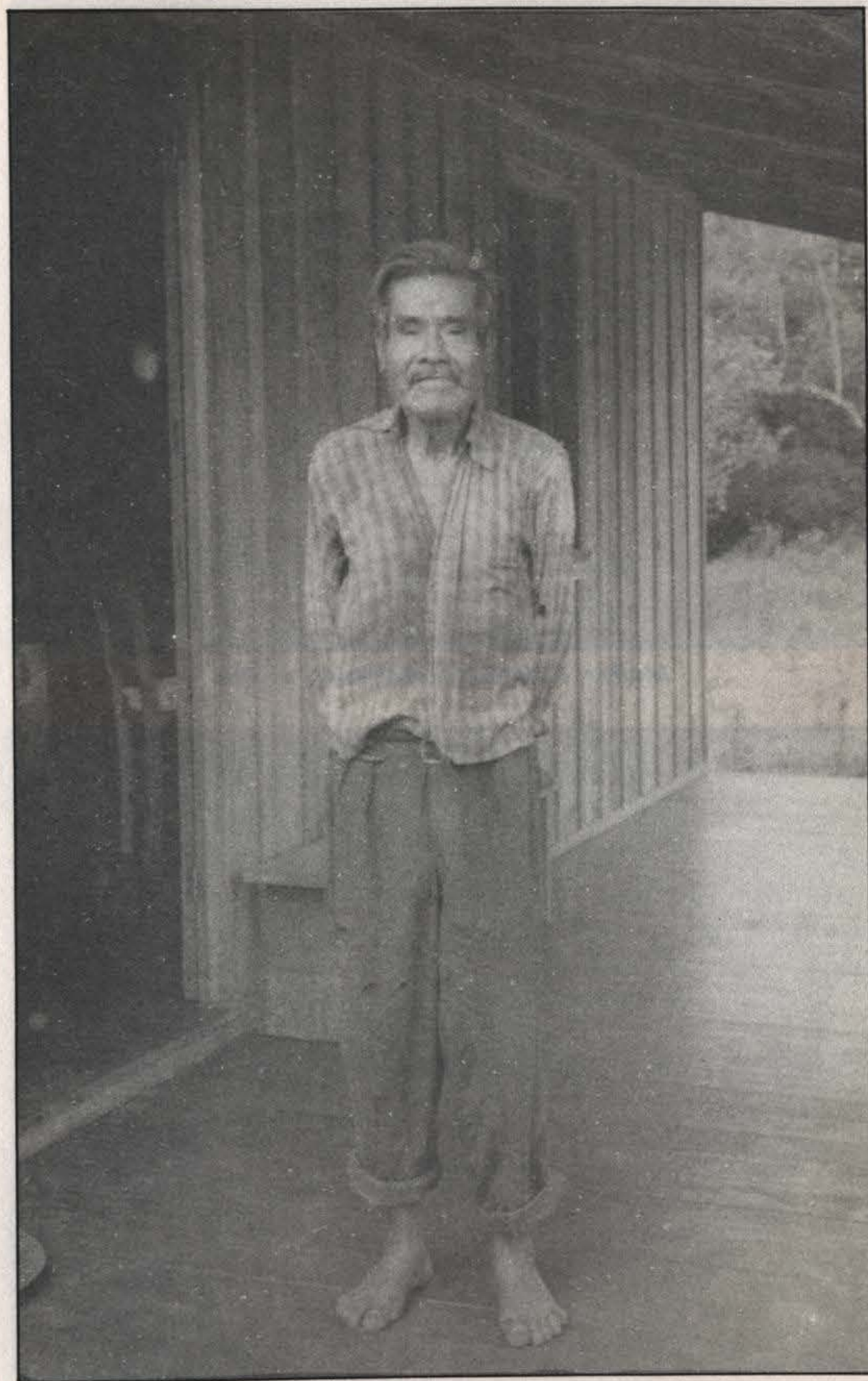
*Bebê Kaingáng (Palmas), no colo de Margarida Maria (filha da autora)*



*Mãe e bebê Kaingáng*



Índio Kaingáng adulto mostrando abrasão dentária



O Kaingáng mais idoso (Rio das Cobras)



*Mulher Kaingáng carregando o filho*



*Família Kaingáng*

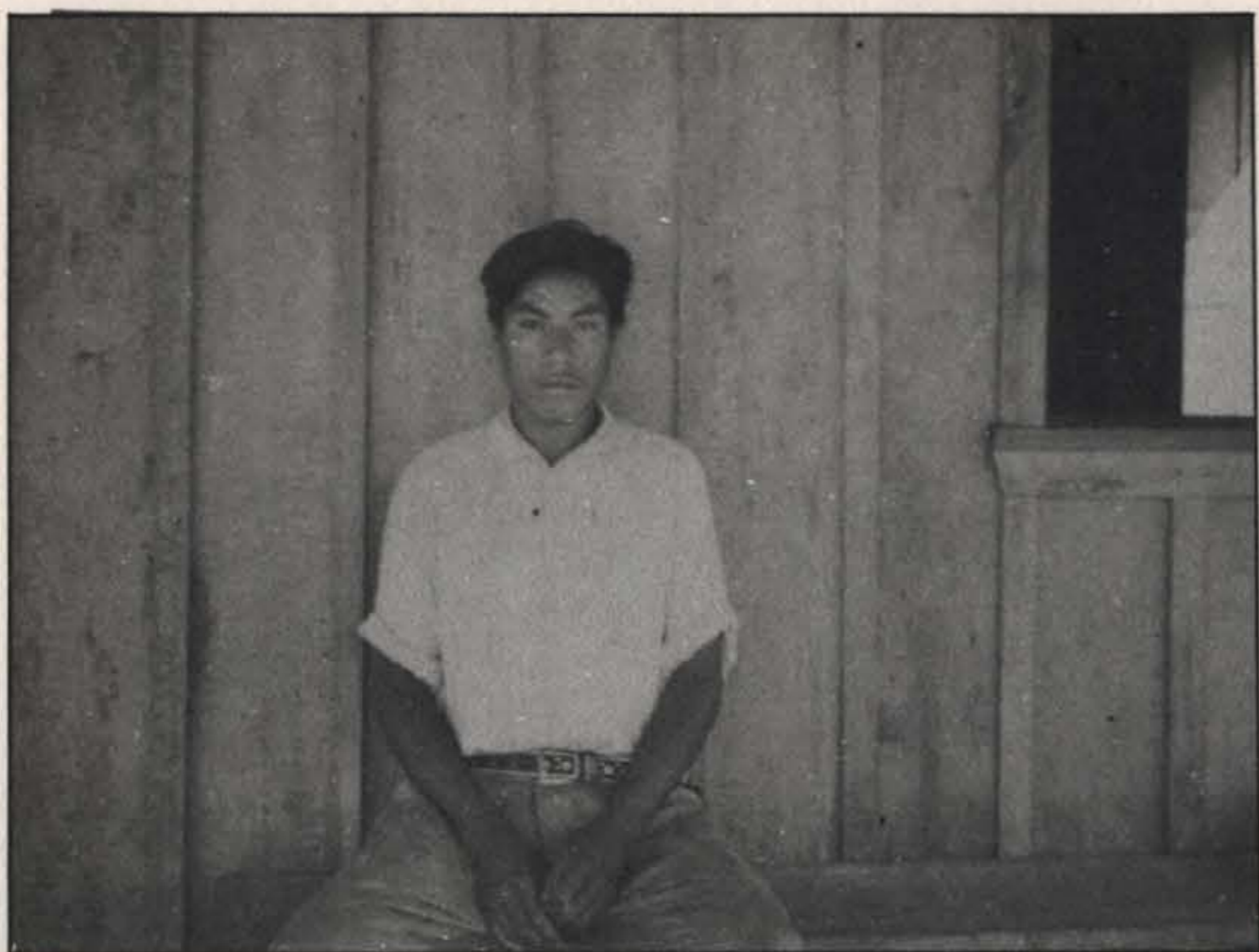


*Índio Kaingáng*

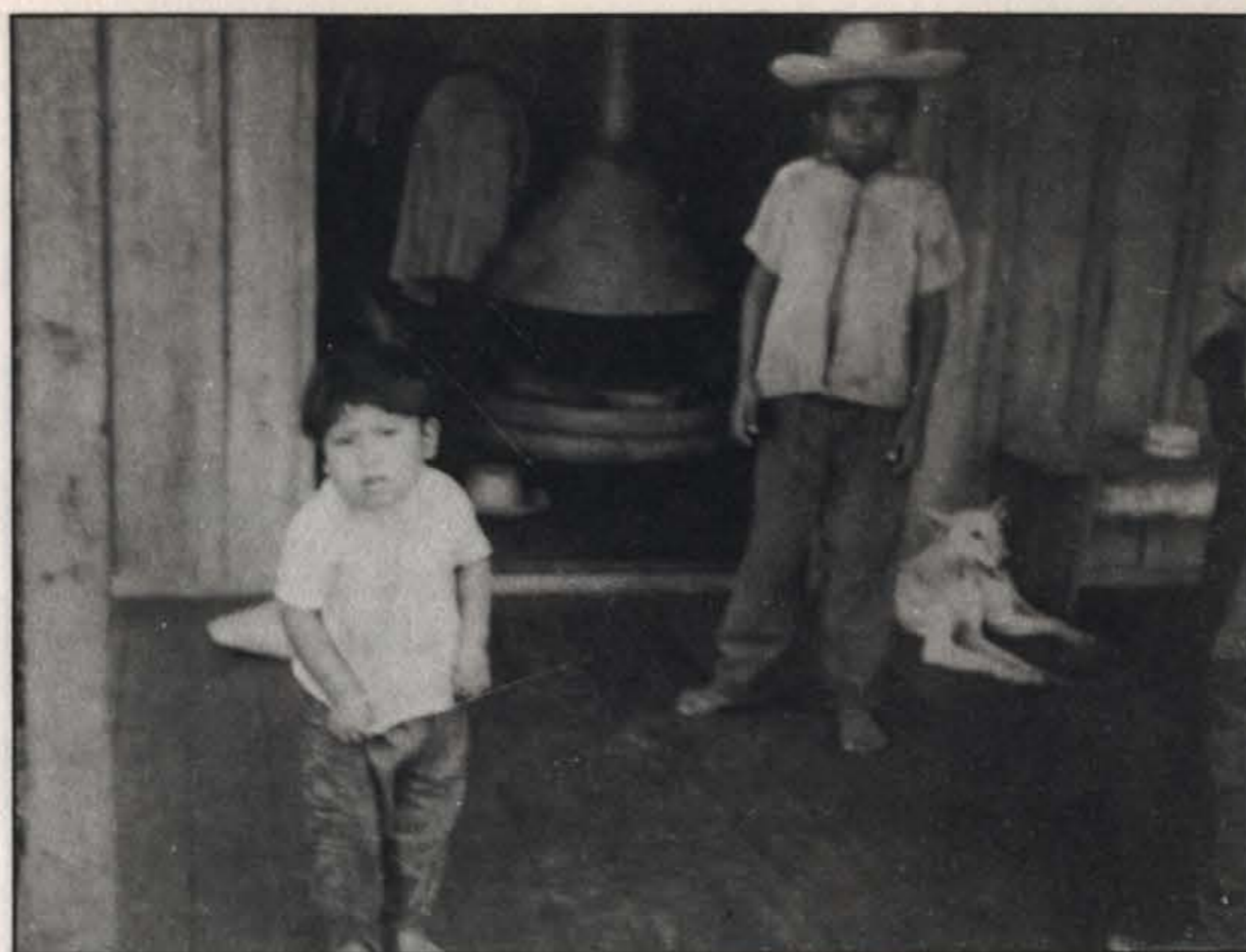


*Família Kaingáng*

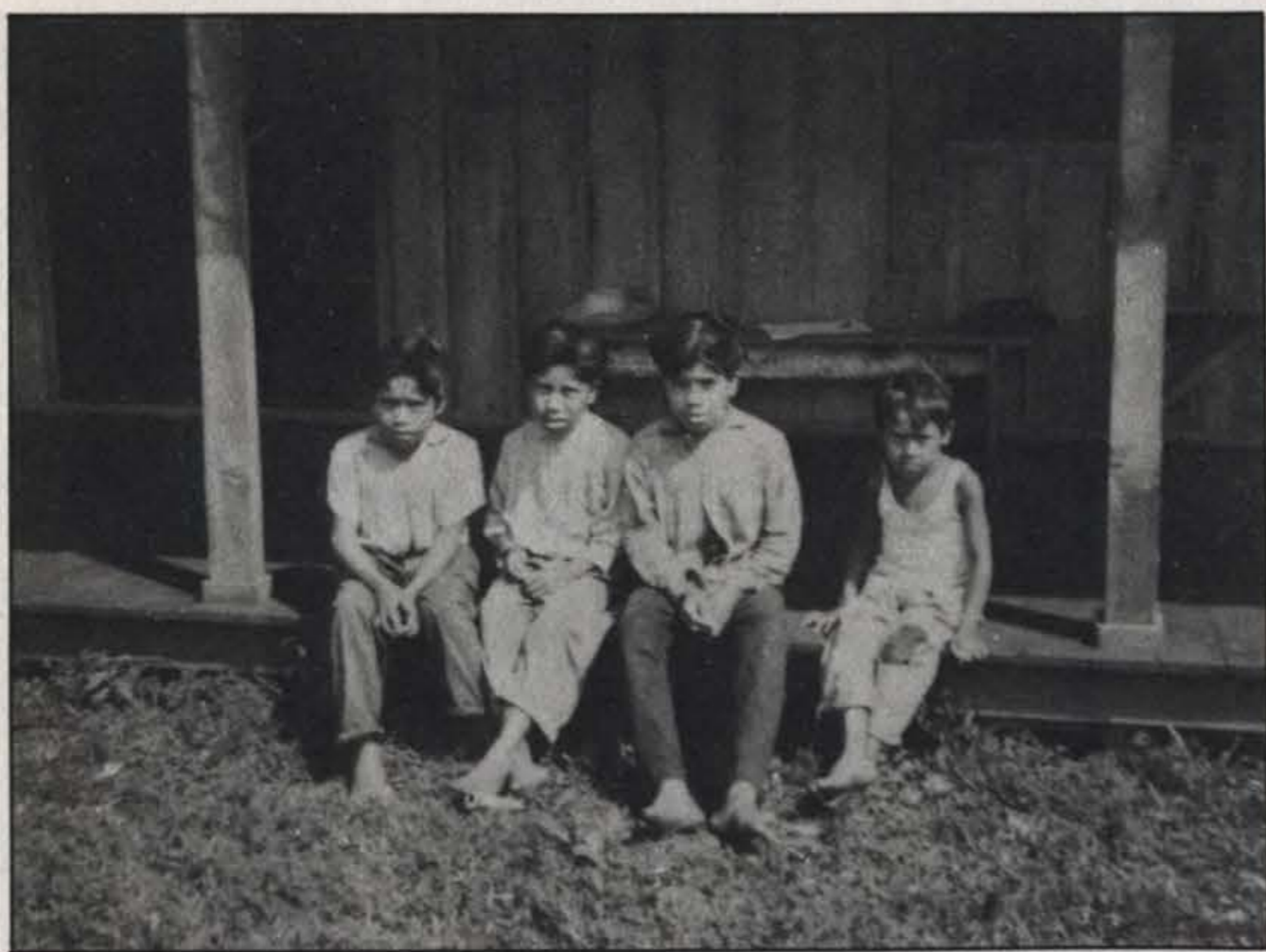




*Indio Kaingáng jovem*



*Crianças Kaingáng*



*Crianças Kaingáng*



*Mãe Kaingáng e duas filhas adolescentes*



*Jovem família Kaingáng*

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIRRE BELTRÃO, Gonzalo. 1970. Los símbolos étnicos de la identidad nacional. *Anuário Indigenista*. México, 3:136.
- ASHE, T. Apud HIMES, 1963, p. 12.
- BAKER, P. T. 1965. Multidisciplinary studies of human adaptability. *Guide to the Human Adaptability Proposals*. London. Edited by ICSU. p. 63-72.
- BALDUS, Herbert. 1937. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Brasiliana, série V. 101:29-85.
- BANDEIRA, J. J. Pinto. 1879. Notícia da descoberta de Campo de Palmas na comarca de Curitiba, província de São Paulo; de sua povoação e de alguns sucessos que ali têm tido lugar até o presente mês de Dezembro de 1850. *Revista Trimestral do Inst. Hist. Geogr. Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro.
- BANNER, Horace. 1961. O índio Kayapó em seu acampamento. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova série. Belém. 51 p. (Antropologia, 13.)
- BARBOSA RODRIGUES, J. 1905. *A botânica e a nomenclatura indígena*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- BASTOS DE ÁVILA, José. 1938. Contribuição ao estudo antropofísico do índio brasileiro. *Boletim do Museu Nacional*. (13):1-68.
- . 1950. Anthropometry of the indians of Brazil. *Handbook of South American Indians*. Washington, Bureau of American Ethnology. Bulletin. 6(143):71-84.
- . 1958. *Antropologia física*. Agir, PUC. (Coleção Estudos Políticos e Sociais, 4.)
- BELL, John. 1948. *Projective techniques; an approach to the study of the personality*. Longman and Green.
- BIEBUYCK, D. 1966. On the concept of tribe. *Civilizations*. 16(4):500-10. Brussels. Apud CARDOSO DE OLIVEIRA, R. & CASTRO FARIA, Luiz, 1969.
- BIOCCA, E. & WILLEMS, E. 1947. Contribuição para o estudo antropométrico dos índios Tukano, Tariana e Makú da região do alto Rio Negro (Amazonas). *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*. 77:1-73.

- BOAS, Franz. 1938. *The instability of human types in "The mind of primitive man"*. New York, The Macmillan Comp. Revised edition. p. 74-98.
- BORBA, Telêmaco. 1908a. *Atualidade indígena*. Curitiba.
- . 1908b. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista*. v. 6.
- BROWN, G. *Sabotage*. London, Spokesman Books.
- BRUCE. Apud HADDON, 1908, p. 107.
- CANDELLA, J. Rodrigues. 1965. Entrevista ao *Jornal do Brasil* a 17/out./65.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. & CASTRO FARIA, Luiz. 1969-1972. O contato interétnico e o estudo de populações. *Revista de Antropologia*. v. 17, p. 31 e v. 20, p. 48.
- CARLETEN COON. Apud HIMES, 1963, p. 110.
- CARR-SAUNDERS, A. M. 1922. *The population problem*. London, Oxford University Press. p. 259. Apud HALL, R., 1972.
- CEMITILLE, Frei Luís de. 1882. Memória sobre os índios Coroados ou Camés. *Catálogo dos Objetos do Museu Paranaense*.
- . 1918. Memória sobre os costumes e religião dos índios Camés que habitam a província do Paraná; Kaingangue de Guarapava (Coroados do Paraná). *Revista do Museu Paulista*. v. 10.
- COELHO DOS SANTOS, Sílvio. 1963. *Os grupos Jê em Santa Catarina; projeto de pesquisa*. Fac. de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de Santa Catarina.
- . 1973. *Índios e brancos no Sul do Brasil*. Florianópolis, EDEME.
- COLBACCHINI, A. 1919. *A tribo dos Bororo*. Rio de Janeiro. p. 55-9.
- . 1925. *I Bororo orientali*. Torino.
- COMAS, Juan. 1957. *Manual de antropología física*. Mexico-Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica, 698p.
- . 1961. El origen del hombre americano y la antropología física. *Cuadernos del Instituto de Historia*. Mexico, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 53p. (Serie Antropológica, 13.)
- . 1965. Comment on "A measurement of relative racial differences" by Munro E. Edmonson. *Current Anthropology*. 6(2):167-98.
- . 1969. La diferenciación biológica entre los aborígenes americanos. *Anales de Antropología*. Mexico, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 6:79-108.
- & FAULHABER, Joanna. 1965. *Somatometría de los indios Triques de Oaxaca*. Mexico, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Instituto de Investigaciones Históricas. 191p. (Sección de Antropología, 9.)

- CORIAT, B. *L'atelier et le chronomètre; essai sur le taylorisme, le fordisme et la production de masse*. Paris, Ed. Christian Bourgois.
- CORVETTO, R. Martinez. 1968. Estudios etnobotánicos III; nombres de plantas y su utilidad según los indios Araucanos pampas del Oeste de Buenos Ayres. In: *Cong. Intern. de Americanistas*, 36. *Actas y Memorias*. Mar del Plata. v. 2. p. 603.
- DELASCIO, Domingos. 1967. *Lactogênese; temas de obstetrícia, ginecologia e pediatria neonatal*. Fund. Edit. Prociencx. v. 2. p. 249.
- DENIKER, J. 1926. *Les races et les peuples de la terre*. Masson, éditeur. p. 360-1.
- DOBBYNS, H. F. 1966. Estimating aboriginal population; an appraisal of techniques with a new hemispheric estimate. *Current Anthropology*. 7:395-449.
- DOBZANSKY, Theodosius. 1950. Human diversity and adaptation. Cold Spring Harbor. *Symposia on Quantitative Biology*. v. 15. p. 385-400.
- . 1960. *Evolution and environment in the evolution of life*. The University of Chicago Press. p. 403-28.
- DORAY, B. *Le taylorisme, une folie rationnelle?* Paris, Dunod.
- DOUGLAS, Mary. 1966. Population control in primitive groups. *British Journal of Sociology*. (17):263-73.
- DREYFUS, Simone. 1963. *Les Kayapo du Nord, État de Pará, Brésil*. Paris, Mouton et Co.
- EDMONSON, Munro. 1965. A measurement of relative racial differences. *Current Anthropology*. 6(2):167-98.
- EHRENREICH, Paul. 1897. *Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens*. Braunschweig, Verlag von Friedrich Vieweg und Sohn.
- EL HAMANSY, L. S. 1968. Cultural Anthropology and Population Studies. In: INTERN. CONG. OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES, 8. *Proceedings...* Tokyo and Kyoto. v. 3. p. 210-2.
- ELMENDORF, W. W. 1965. Linguistic and geographic relations in the Northern Plateau area. *Southwestern Journal of Anthropology*. (26):63-78.
- FORDE, Daryll. 1967. Ecological factors in social structure. *Symposium of Ecology and the Human Sciences*. Oxford.
- FREITAS FERRAZ, J. 1956. *Teste de Árvore; subsídios para seu estudo*. Lisboa.
- FREUD, S. Apud BRILL, A. A., ed. 1938. *Basic writings of Freud*. New York, Random House. p. 857.

- FREYSSENET, M. *Le processus de dequalification-surqualification de la force de travail*. Paris, Seuil.
- FRIEDMAN, A. L. *Industry and labour*. London, MacMillan Press.
- FRÓES DA FONSECA, A. 1957. Novas normas para o estudo da raça e da mestiçagem. *Revista de Antropologia*. 5(2).
- GALVÃO, E. & SIMÕES, Mário F. 1966. Mudança e sobrevivência no alto Xingu, Brasil Central. *Revista de Antropologia*. 14:37-52.
- GAMA MALCHER, J. M. 1963. *Índios: grau de integração na comunidade nacional; grupo lingüístico, localização*. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação n. 1, nova série.
- GHIDINELLI, AZZO & TERRANOVA, Rosalba. 1974. The tree test and the study of acculturation among the Pokoman. *Current Anthropology*. 15(3):338-42. (Research Report.)
- GINSBERG, A. & BALDUS, Herbert. 1947. Aplicação do psicodiagnóstico de Rorschach a índios Kaingáng. *Revista do Museu Paulista*. Nova série. 1:75-105.
- GOODENOUGH, Florence. 1926. *Measurements of intelligence by drawings*. Yankers: World Book Company.
- HADDON, Alfred. 1908. Birth and childhood customs and limitation of children. *Cambridge Anthropological Expedition to Torres Strait*. Rapport. Cambridge Univ. Press. v. 6.
- HALL, Roberta L. 1972. The demographic transition. *Current Anthropology*. 13(2):212-5.
- HASSAN, F. A. 1975. Reply to Stephens. *Current Anthropology*. 16(2):289-90.
- HEINE-GELDERN, R. 1957. Introduction: Urgent anthropological research. *Intern. Social Science Bulletin*. 9(3).
- HENRY, Jules. 1941. *Jungle people; a Kaingáng tribe of the highlands of Brazil*. Richmond. 215p.
- HIERNAUX, Jean. 1956. Analyse de la variation des caractères physiques humains en une région de l'Afrique Central. In: *Musée Royal du Congo Belge. Annales...* v. 3.
- . 1968. *La diversité humaine en Afrique subsaharienne; recherches biologiques*. Éditions de l'Institut de Sociologie, Université Libre de Bruxelles. 262p.
- HIMES, Norman E. 1963. *Medical history of contraception*. Gamut Press Inc. Preface by Alan Guttmacher. Institutional Edition.
- HORTA, Barbosa L. B. 1913. *A pacificação dos Caingangs paulistas; hábitos, costumes e instituições desses índios*. Rio de Janeiro. 49p. p. 17-23.

- HOWELLS, W. W. 1966. Population distances: biological, linguistic and environmental. *Current Anthropology*. 7:531-40.
- HRDLÍČKA, Alex. Apud HIMES, 1963, p. 13.
- JACOBS, J. Apud HIMES, 1963, p. 39.
- KARSTEN, Raphael. 1920. Contribution to the Sociology of the indian tribes of Ecuador; three essays. *Acta Academiae Aboensis*. 1(3):1-75.
- KEITER, Friedrich & SALZANO, Francisco M. 1963. Der Wachstum und Alterungsfluss anthropologische Merkmale an Brasilianische Indianer. *Homo*. 14(4):193-217.
- KOCH, Karl. 1949. *Der Baum Test*. Verlag von Hans Huber. Bern.
- KROEBER, Alfred. 1939. Cultural and natural areas of native North America. *University of California Publications on American Archeology and Ethnology*. 38:1-242.
- LAND, Ney. 1964. *Censo demográfico indígena da região Sul do Brasil*. Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
- LEÃO DA MOTTA, João. 1964. Entrevista ao Jornal do Brasil. 2/jun./1964.
- LEÃO, Heloísa Carneiro. 1955. O teste da árvore. *Boletim do Instituto de Pesquisas Educacionais*. Rio de Janeiro. 1(4):53-6.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1950. The use of wild plants in tropical South America. *Handbook of South American Indians*. Washington, Bureau of American Ethnology. Bulletin. 6(143):465-86.
- . 1961. ¿La antropología en peligro de muerte? *El Correo*. (14):12-7.
- . 1962. A crise moderna da Antropologia. *Revista de Antropologia*. 10(1/2):19-26.
- LESTRANGE, Monique de. 1954. Dermatoglyphes digitaux et palmaires de 47 indiens du Brésil. *Bulletin de la Société d'Anthropologie*. Tome 5. Série 10. p. 85-6.
- LOUREIRO FERNANDES, J. 1939. Notas hematoantropológicas sobre os Caingangues de Palmas. *Revista Médica do Paraná*. 7(1/2):1-8.
- . 1941. Os Caingangues de Palmas. *Arquivos do Museu Paranaense*. 1:161-209.
- . 1954. Contribuição à antropometria e à hematologia dos Kaingáng do Paraná. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31. *Anais...* v. 2, p. 895-8.
- MACIEL DE SOUZA. 1941. O aborto e a limitação da prole entre os Bororo. *Actas CIBA*. 8(12):364.
- MACHOVER, Karin. 1949. *Personality projection in the drawings of the human figure*. Springfield, Illinois, Charles C. Thomas.

- MALINOWSKY, B. The sexual life of savages in Northwestern Melanesia. Apud FORDE, Daryll, 1967. London, Routledge. 167-8.
- MANIZER, Henri. 1928. Les Kaingangs de São Paulo. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF AMERICANISTS, 23. *Proceedings...* New York. p. 760-91.
- MARTIN, Rudolf & SALLER, Karl. 1957. *Lehrbuch der Anthropologie*. Stuttgart, Gustav Fischer Verlag. Band I.
- MAXWELL, Nicole. 1961. Witch doctor's apprentice. Cambridge & Boston, The Riverside Press.
- . 1970. Attitudes of four peruvian jungle tribes toward plants employed as oral contraceptives. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF AMERICANISTS, 39. *Proceedings...* Lima, Peru.
- MEAD, Margaret. 1946. Research on primitive children. *Handbook of Child Psychology*. Edited by Leonard Carmichael (J. Wiley). New York. p. 667-706.
- MENEZES, Cinira M. de. 1953. O psicodiagnóstico miocinético aplicado a índios Kaingáng. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, 8: 343-56.
- METRAUX, Alfred. 1946. The Caingang. *Handbook of South American Indians*. Washington, Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution. Buletin. 1(143):445-75.
- MODIANO, Nancy. 1964. Mental testing among Tzeltal and Tzotzil children. In: CONG. INTERN. DE AMERICANISTAS, 35. *Actas y Memorias...* Mexico, 1962. 3:65-78.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. 1972. Alguns dados para a história recente dos índios Kaingáng. In: —. *La situación del indígena en América del Sur*. Montevideo, Biblioteca Científica. p. 381-419.
- MUSSOLINI, Gioconda. 1946. Os meios de defesa contra a moléstia e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingáng de Duque de Caxias e Bororo Oriental. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo. v. 110.
- NAG, Moni. 1975. Population anthropologists at work. *Current Anthropology*. University of Chicago Press. 16(2):264-6.
- NEWMANN, Lucile. 1968. Family Plannings. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES, 8. *Proceedings...* Tokyo and Kyoto. v. 3. p. 231-2.
- NIMUENDAJU, Curt. 1939. *The Apinayé*. Washington, The Catholic University of America. (Anthropological Series, 8.)
- . 1942. *The Serent*. Los Angeles, Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Public Fund., IV.

- . 1946. *The eastern Timbira*. University of California Press. Translated and edited by Robert H. Lowie. v. 41. p. 131-2.
- . 1952. Os Gorotire. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série. 6:427-63.
- NOBLE, D. F. *America by design*. New York, Alfred A. Knopf.
- NOYES, A. P. 1934. *Modern clinical Psychiatry*. Philadelphia, Saunders.
- OLBRECHTS, Franz M. 1931. Cherokee belief and practice with regard to childbirth. *Anthropos*. Apud HIMES, 1963, p. 13.
- OLIVIER, Georges. 1960. *Pratique anthropologique*. Préface de Henri Vallois. Paris, Vigot Frères, Editeurs.
- PALLOIX, C. *Procés de production et crise du capitalisme*. Paris, Grenoble.
- PARDAL, Ramón. 1937. Medicina aborígine americana. *Humanior*. Buenos Ayres. Secc. C. v. 3. p. 146-263.
- PERICOT Y CARCIA, Luis. 1961. *Caingang*. Barcelona, Salvat Editores. Tomo I. p. 537-45. (Colección Historia de América y de los Pueblos Americanos.)
- PETERSEN, William. 1975. A demographer's view of prehistoric demography. *Current Anthropology*. University of Chicago Press. 16(2):227-45.
- PIO CORRÊA, N. 1969. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Revisão de Leonam de Azeredo Penna. Rio de Janeiro. p. 607 et seqs.
- PITT-RIVERS, G. H. L. 1927. *The Clash of Culture and the contact of races*. London, Routledge. p. 312.
- PLOETZ, Hermann & METRAUX, Alfred. 1930. La civilisation matérielle et la vie sociale et religieuse des indiens Jê du Brésil Méridional et oriental. *Revista del Instituto de Etnología*. Univ. Nacional de Tucumán. 1:107-238.
- POLGAR, Steven. 1968. Cultural aspects of natality regulation techniques. In: INTERN. CONGR. OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES, 8. *Proceedings...* Tokyo and Kyoto, 3:232-4.
- . 1972. Population history and population policies from an anthropological perspective. *Current Anthropology*. 13(2):203-11.
- POURCHET, Maria Júlia. 1942. *Relações entre antropologia física e antropologia cultural; um tema e três mestres: Boas, Hooton e Ashley-Montagu*. Rio de Janeiro. 18p.
- . 1960. Os Kaingáng do Paraná, Brasil. *Bulletin of the Intern. Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*. Unesco. (3):78-80.
- . 1962. Subnutrição da criança indígena. *América Indígena*. México. 20(2):103-9.

- . 1963a. Aspectos genético-antropológicos de uma comunidade Kaingáng. *América Indígena*. México. 23(2):141-7.
- . 1963b. Planejamento de uma pesquisa genético-antropológica. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo. Nova série, v. 14. p. 531-7.
- . 1966. Estudo comparativo entre dois grupos Kaingáng "puros". In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 36. *Atas...* Sevilha. v. 2. p. 377-9.
- . 1967. Novo censo dos grupos indígenas brasileiros. *América Indígena*. México. 27(1):135-6.
- . 1968. Somatic and behaviour variations among three Kaingáng groups. In: INTERN. CONGRESS OF ANTHROPOLOG. AND ETHNOLOG. SCIENCES, 8. *Proceedings...* Tokyo and Kyoto. v. 1. p. 185-6.
- . 1972. Ação indigenista brasileira em três grupos Kaingáng. In: INTERNATIONALEN AMERIKANISTEN KONGRESSES, 38. *Verhandlungen...* Stuttgart. München, 1968. Band 3. p. 43-6.
- . 1973. Intertribal morphological variations among groups of the same linguistic and cultural stock. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES. 9. *Paper prepared for...* Chicago. 7p.
- QUEZADA, Noemi. 1975. Métodos anticonceptivos y abortivos tradicionales. *Anales de Antropología*. Mexico, UNAM. v. 12. p. 223-42.
- RADCLIFFE-BROWN. Apud HIMES, 1963, p. 25.
- RIBEIRO, Darcy. 1956. Convívio e contaminação. *Sociologia*. 18(1): 3-50.
- . 1957. *Línguas e culturas indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 102p. (Educação e Ciências Sociais, 6.)
- . 1970. *Os índios e a civilização; a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Civilização Brasileira. p. 100-6. (Coleção Retratos do Brasil, 77.)
- ROCHA, Fernando José. 1971. *Antropometria em indígenas brasileiros*. Departamento de Genética, Univ. Fed. do Rio Grande do Sul. Publicação n. 2. 110p.
- RODRIGUES, José Bonifácio. 1970. La protección del indígena en su economía propia y en sus valores culturales. *América Indígena*. Mexico. 30(1):85-97.
- RODRIGUES LIMA, Octávio; GOUVEIA, Léo; BENZECRY, Roberto. 1972. Anticoncepção oral; histórico e escolha do método. *Ginecologia e Obstetrícia*. p. 7-24, maio 1972.
- ROQUETTE PINTO, Edgard. 1933. *Ensaio de antropologia brasileira*. v. 22, p. 141-2. (Brasiliana, 5.)

- ROSENBLAT, Angel. 1945. *La población indígena de América, desde 1492 hasta la actualidad*. Institución Cultural Española. (Cuadros de la serie stirps questionis.)
- SALDANHA, P. H. A análise antropológica a serviço da genética. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo. Nova série. 14:517-22.
- SALZANO, Francisco M. 1961. Estudos genéticos e demográfico entre índios do Rio Grande do Sul. *Boletim do Instituto de Ciências Naturais*. Porto Alegre, Univ. Fed. do Rio Grande do Sul. n. 9.
- . 1963. Oportunidades atuais de colaboração entre antropologistas e geneticistas do Brasil. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo. Nova série. 14:513-6.
- . 1967. On the estimation of Aboriginal Populations. Comment on Dobbyn's "Estimating Aboriginal American Population". *Current Anthropology*. University of Chicago Press. 8(5):505.
- SCHADEN, Egon. 1968. A assimilação dos índios do Brasil. In: CONG. INTERN. DE AMERICANISTAS, 27. *Actas y Memorias...* Mar del Plata, 1966. v. 3, p. 105-9.
- SCHADEN, F. S. G. 1944. Apontamentos bibliográficos para o estudo dos índios Kaingáng. *Boletim Bibliográfico*. São Paulo, n. 2.
- . 1948. Xókleng e Kaingáng. *Revista de Antropologia*. 6(2).
- SENGEL, R. A. 1975. Reply to Stephens. *Current Anthropology*. University of Chicago Press.
- SHERBON, F. B. 1934. *The child*. New York and London, McGraw-Hill Book Company.
- SMITH, C. T. 1970. Depopulation of the Central Andes in 16th century. *Current Anthropology*. 2(4/5):453-64.
- SOHN-RETHEL, A. *Intellectual and manual labour*. London, MacMillan Press.
- SPENCER, C. *Blue Collar; an internal examination of the work place*. Lakeside Chart.
- STEGGERDA, Morris. 1950. Anthropometry of South American Indians. *Handbook of South American Indians*. Bureau of American Ethnology. Bulletin. 6(143):57-69.
- STEPHENS, C. D. 1975. On mechanisms of population growth. *Current Anthropology*. 16(2):288-9.
- STEWART, Julian. 1950. The native population of South America. *Handbook of South American Indians*. Bureau of American Ethnology. Bulletin. 5(143):655-68.
- STEWART, T. D. & NEWMANN, M. T. 1951. An historical résumé of the concept of differences in indian types. *American Anthropologist*. (53):19-36.

- SZEKELY, Bela. 1960. *Los testes*. 4. ed. Biblioteca Ciencias de la Educación. Editora Kapeluz. 3. parte. p. 1370 et seqs.
- TAX, Sol & STANLEY, Sam, orgs. 1972. Conference on anthropological and social problems: populations, environment, education. *Current Anthropology*. 13(2):279-83.
- TESCHAUER, P. C. 1914. Die Kaingang oder Coroados. *Anthropos*. 9:16-35.
- THOMPSON, D. F. Apud HIMES, 1963. p. 23.
- THOMPSON, H. P. 1966. A technique using anthropological and biological data. *Current Anthropology*. 7(4):417-24.
- TORRES, Heloísa Alberto. 1968. Introdução ao programa experimental para organização e desenvolvimento das comunidades indígenas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro. MEC-INEP. 49:108-11.
- TURNER, Joan. 1965. Ethnobotanical notes on Simaba in central Brazil. *Botanical Museum Leaflets*. Harvard University. 21(2):60-3.
- VALLOIS, Henri. 1965. Anthropometric techniques. *Current Anthropology*. 6(2):127-43.
- WAGLEY, Charles. 1951. Cultural influences on population; a comparison of two Tupi tribes. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo. Nova série. 5:95-104.
- WALKER JOR., Dewark E. 1967. Measures of Nez Perce outbreeding and the analysis of cultural change. *Southwestern J. of Anthropology*. 23(2):1-58. Apud CARDOSO DE OLIVEIRA & CASTRO FARIA, Luiz, 1969. p. 37.
- WASHBURN, S. L. 1963. The study of race. *American Anthropologist*. (65):521-31.
- WEINER, J. S. 1964. The human adaptability project. *Current Anthropology*. 5:191-5.
- & LOURIE, J. A. 1969. Human biology; a guide to field methods. *Blackwell Scientific Publications*. Oxford.
- WILLEMS, Emilio. 1974. Contribuição para o estudo antropométrico dos índios Tereno. *Revista do Museu Paulista*. Nova série. v. 1.
- WISSLER, Clark. Apud HIMES, 1963, p. 12.
- WOLANSKY, Napoleon. 1967. Basic problems in physical development in man in relation to the evaluation of development of children and youth. *Current Anthropology*. 8(1):35-44.
- WOODBURN, J. C. 1968. Man/the hunter. *Chap. on Demography and Population Ecology*. Chicago. Edited by Richard B. Lee and Irven Devore. Aldine Publishing Company. p. 243-9.

## títulos já lançados

1. **No Calor da Hora** — Walnice Nogueira Galvão
2. **Guerra sem Testemunhas** — Osman Lins
3. **Homens Livres na Ordem Escravocrata** — Maria Sylvia de Carvalho Franco
4. **O Inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss** — Claude Lépine
5. **O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba** — Ada Natal Rodrigues
6. **A Semântica Gerativa e o Artigo Definido** — Mary Aizawa Kato
7. **Os Índios de Ipavu** — Carmen Junqueira
8. **A Tradição do Impasse** — João Alexandre Barbosa
9. **Burocracia e Ideologia** — Maurício Tragtenberg
10. **Os Quadrinhos** — Antônio Luís Cagnin
11. **Sintaxe Transformacional do Modo Verbal** — Leila Barbara
12. **Byron no Brasil** — Onédia Célia de Carvalho Barboza
13. **Níveis de Significação no Romance** — Yara Frateschi Vieira
14. **Epilepsia e Personalidade** — Lúcia Maria Salvia Coelho
15. **Crônica do Cinema Paulistano** — Maria Rita Eliezer Galvão
16. **Psicologia e Profissão em São Paulo** — Sylvia Leser de Mello
17. **Teoria, Retórica, Ideologia** — João Paulo Monteiro
18. **O Espírito e a Letra** — Rubens Rodrigues Torres Filho
19. **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira** — Teófilo de Queiroz Júnior
20. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco** — Osman Lins
21. **Rousseau: Da Teoria à Prática** — Luís Roberto Salinas Fortes
22. **A Tradição Sempre Nova** — Roberto de Oliveira Brandão
23. **Messianismo e Conflito Social** — Maurício Vinhas de Queiroz
24. **Desemprego e Subemprego no Brasil** — Helga Hoffmann
25. **Marx & Marx** — Luís Alfredo Galvão
26. **O Intervalo Semântico** — Carlos Vogt
27. **Tradição e Mudança** — Henrique Rattner
28. **ISEB: Fábrica de Ideologias** — Caio Navarro de Toledo
29. **O Escravismo Colonial** — Jacob Gorender
30. **Ideologia da Cultura Brasileira** — Carlos Guilherme Mota
31. **João Francisco Lisboa** — Maria de Lourdes Monaco Janotti

32. **Augusto dos Anjos** — Zenir Campos Reis
33. **Cassacos e Corumbas** — Maria Thereza Sales de Melo Suarez
34. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes** — Florestan Fernandes — vols. I e II
35. **Trabalho Domesticado: A Mulher na Indústria Paulista** — Eva Alterman Blay
36. **Os Estados Subjetivos** — Arno Engelmann
37. **Mitológica Rosiana** — Walnice Nogueira Galvão
38. **A Sociedade Angolana Através da Literatura** — Fernando Augusto A. Mourão
39. **Consciência Operária no Brasil** — Celso Frederico
40. **As Raízes Ideológicas das Teorias Sociais** — Liana S. Trindade
41. **Dependência, Cultura e Literatura** — José Hildebrando Dacanal
42. **A Marca do Leviatã** — Renato Janine Ribeiro
43. **Drummond: Uma Poética do Risco** — Iumna Maria Simon
44. **FGTS: Ideologia e Repressão** — Vera Lúcia B. Ferrante
45. **Texto, Crítica, Escrita** — Leyla Perrone-Moisés
46. **Benjamin e Adorno: Confrontos** — Flávio René Kothe
47. **O Narrador Ensimesmado** — Maria Lúcia Dal Farra
48. **A Construção do Romance em Guimarães Rosa** — Wendel Santos
49. **O Insólito em Guimarães Rosa e Borges** — Lenira Marques Covizzi
50. **Gil Vicente e Camões** — Celso Lafer
51. **Igreja e Estado em Tensão e Crise** — Thales de Azevedo
52. **Regionalismo e Modernismo** — Lígia C. Moraes Leite
53. **Ritos de uma Tribo Timbira** — Julio Cezar Melatti
54. **A Reconstituição da Realidade** — Eunice Ribeiro Durham
55. **Protestantismo e Repressão** — Rubem A. Alves
56. **A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial** — Sônia A. Siqueira
57. **Engenheiro: Trabalho e Ideologia** — Lili K. Kawamura
58. **Sertão e Bairro Rural** — Lia Freitas Fukui
59. **Manhas do Poder** — Betty Milan
60. **Signos e Poderes em Nietzsche** — Leon Kossovitch
61. **A Propósito da Noção de Dêixis** — Michel Lahud
62. **Jurupari** — Silvia Maria Schmuziger de Carvalho
63. **Um Brasileiro Soldado de Napoleão** — Cláudio Veiga
64. **O Brasil no Comércio Colonial** — José Jobson de A. Arruda
65. **A Natureza Sociológica da Sociologia** — Florestan Fernandes
66. **A Voz do Intervalo** — Luiz B. L. Orlandi
67. **Explorações no Mundo Psicológico das Formigas** — Walter H. de Andrade Cunha

- 131
68. **O Poder Rural na Ficção** — Heloisa Toller Gomes
  69. **Música Popular — do Gramofone ao Rádio e TV** — José Ramos Tinhorão
  70. **Editoração Científica** — Ivani Kotait
  71. **Interesse da Razão e Liberdade** — Valério Rohden
  72. **A Escravidão na Bíblia** — Calisto Vendrame
  73. **A Escrita Neo-Realista** — Benjamin Abdala Junior
  74. **Murilo Rubião: A Poética do Uroboro** — Jorge Schwartz
  75. **Leitura, Ortografia e Fonologia** — Myrian Barbosa da Silva
  76. **Desnutrição e Aprendizagem** — Jovelina Brazil Dantas
  77. **Literatura/Ensino: Uma Problemática** — Maria Thereza F. Rocco
  78. **Sindicato e Estado** — Azis Simão
  79. **Temas de Teoria da Literatura** — Judith Grossmann
  80. **Fundamentos Epistemológicos de Uma Psicologia Positiva** — Lúcia Maria S. Coelho
  81. **Roteiro da Vida e da Morte** — Cândido da Costa e Silva
  82. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação** — Regina Zilberman / Ligia Cademartori Magalhães
  83. **A Época Pombalina** — Francisco José Calazans Falcon
  84. **A Personagem Negra no Teatro Brasileiro** — Miriam Garcia Mendes
  85. **Política e Educação Popular** — Celso de Rui Beisiegel
  86. **Na Madrugada das Formas Poéticas** — Segismundo Spina
  87. **A Família da Prostituta** — Jeferson Afonso Bacelar
  88. **Tempos Eufóricos** — Antônio Dimas
  89. **A Formação do Engenheiro: Um Questionamento Humanístico** — Hermes Ferraz
  90. **Guimarães Rosa: Signo e Sentimento** — Suzi Frankl Sperber
  91. **Demografia, Ética e Igreja** — Hubert Lepargneur
  92. **Escrita e Linhas Fantasmáticas** — Philippe Willemart
  93. **Confissão, Poesia e Inquisição** — Luiz Roberto Alves
  94. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar** — Antonio Carlos S. Diegues
  95. **Do Penumbriismo ao Modernismo** — Norma Goldstein
  96. **A Ponta do Novelo** — Lúcia Helena Carvalho
  97. **Negros de Cedro** — Mari de Nasaré Baiocchi
  98. **A Recepção Crítica** — Salete de Almeida Cara
  99. **Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa** — Amini Boainain Haüy
  100. **Ensaio e Pesquisas Kaingáng** — Maria Julia Pourchet
  101. **A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão** — Maria Januária Vilela Santos



